Nós de Morfossintaxe:
primeiro fio da meada

Marcia dos Santos Machado Vieira
Pâmela Fagundes Travassos
Natércia Almeida Lacerda
Organizadoras



Pedro & João editores

Nós de Morfossintaxe: primeiro fio da meada

Pedro & João editores
20 anos

Este ebook, disponível em acesso aberto, foi produzido com apoio financeiro do **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)**, em ação da Chamada CNPq/MCTI/FNDCT 18/2021 – Edital Universal – **Processo n. 409043/2021-4** – ***Portal digital de estados de coisas em Português e em línguas românicas a variar e ensinar – InCorpora***.

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

APOIO NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Programa de Pós-Graduação em Letras vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ – Brasil)
https://posvernaculas.letras.ufrj.br/

Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas Universidade Federal do Rio de Janeiro

Projeto Predicar – Formação e expressão de predicados complexos e predicações: estabilidade, variação e mudança construcional
https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar
(UFRJ - Brasil)

Projeto Predicar

Projeto InCorpora – *Portal digital de estados de coisas em Português e em línguas românicas a variar e ensinar* (CNPq e FAPERJ)
Projeto Estados de coisas em Português e em línguas românicas a variar e ensinar (CNPq)

inCorpora

Projeto HDLinguagens – Humanidades Digitais e Linguagens
www.hdlinguagens.org



Marcia dos Santos Machado Vieira
Pâmela Fagundes Travassos
Natércia Almeida Lacerda
(Organizadoras)

Nós de Morfossintaxe: primeiro fio da meada







Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Marcia dos Santos Machado Vieira; Pâmela Fagundes Travassos; Natércia Almeida Lacerda [Orgs.]

Nós de Morfossintaxe: primeiro fio da meada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 203p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2047-5 [Digital]

DOI: 10.51795/9786526520475

1. Morfossintaxe. 2. Línguas Românicas. 3. Variação. 4. Ensino de Língua Portuguesa. I. Título.

CDD – 410

Capa: Luidi Belga Ignacio
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828
Revisão: Lourdes Kaminski
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2025

Comitê Científico Avaliador

Anderson Lucas da Silva Macedo (Universidade Federal Fluminense)
Flavio da Rocha Benayon (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)
João Paulo Nascimento (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
Juscelino Francisco do Nascimento (Universidade Federal do Piauí)
Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto (Universidade Federal de Juiz de Fora)
Leila Patricia Alves Dantas (Instituto Federal do Piauí)
Manuela Oliveira (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
Marcos Luiz Wiedemer (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
Nahendi Almeida Mota (Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro)
Patricia de Ramos (Universidade de Augsburg)
Patricia Oliveira (Universidade Estadual do Piauí)
Rodrigo Pinto Tiradentes (Secretaria Municipal de Educação de Nilópolis e Secretaria Municipal de Educação de Teresópolis)

Prefácio

Marcos Luiz Wiedemer
(UERJ/CNPq/Faperj)

"*Nós de Morfossintaxe: primeiro fio da meada*" surge como uma contribuição fundamental para o campo da Linguística e, por sua vez, para o ensino de Língua Portuguesa, congregando as análises perspicazes de diversos pesquisadores da área de Letras e Linguística. A obra, organizada por Marcia dos Santos Machado Vieira, Pâmela Fagundes Travassos e Natércia Almeida Lacerda, apresenta, de maneira didática e acessível, uma variedade de fenômenos morfossintáticos analisados a partir de dados linguísticos do uso.

Ao ler o livro, fui levado a lembrar da cena em que uma criança aprende a dar um nó no cadarço do tênis — um momento que marca uma etapa importante de sua evolução, pois ali ela adquire um novo saber. Ao unir as duas pontas do cordão, cria uma nova configuração: "um nó". O mais curioso é que, ao final, o que vemos é apenas um cordão, uma única unidade, embora saibamos que ele resulta da junção de duas partes. Assim, também é o livro que ora se prefacia: os autores convidam os leitores a construírem novas aprendizagens, unindo, de um lado do cordão, a pesquisa linguística, e do outro, sua aplicação em sala de aula. O resultado constitui novos "nós" — laços entre teoria e prática, entre o saber produzido e o saber compartilhado.

Essa imagem dos "nós" também dialoga diretamente com os princípios da Gramática de Construções Baseada no Uso, que compreende a linguagem como uma rede de unidades formadas por associações entre forma e função. Cada construção, assim como cada nó, é resultado da junção de elementos que, isoladamente, têm certo potencial, mas que, quando articulados, ganham nova funcionalidade e expressividade. Os autores, ao se apoiarem nessa abordagem,

evidenciam como a gramática pode ser compreendida não como um conjunto rígido de regras, mas como um sistema dinâmico de construções que emergem do uso, se estabilizam e se transformam, tal como os laços que se formam no ato de ensinar e aprender.

Essa abordagem teórica se concretiza nos capítulos do livro, que adotam uma descrição centrada em usos que circulam nas mais diversas práticas discursivas, com recomendações para o aprofundamento dos temas com base em pesquisas científicas e propostas de atividades para a abordagem no ensino de língua portuguesa. O público-alvo inclui todos os interessados em estudos linguísticos, professores e estudantes, especialmente aqueles que atuam na Educação Básica e na Educação Superior.

O título e o teor do livro evocam a ideia de relação e articulação, características que não se limitam ao nível morfossintático da língua, mas que também atravessam os processos colaborativos que impulsionam a pesquisa e o ensino-aprendizagem. A coletânea é fruto de (inter)ações mobilizadas por projetos como o InCorpora e o Predicar, que fomentam a observação empírica e experimental de fenômenos linguísticos. Trata-se, portanto, de uma obra que se ancora em bases teóricas sólidas, mas que também se abre a investigações acadêmicas voltadas às práticas pedagógicas, valorizando a construção compartilhada do conhecimento. Os oito capítulos que compõem o livro exploram, nesse sentido, a intrincada relação entre a morfossintaxe e diversos aspectos da linguagem, ampliando o diálogo entre teoria, descrição linguística e ensino.

Em suma, "*Nós de Morfossintaxe: primeiro fio da meada*" propõe entrelaçar novos "nós" entre forma e função/significado na interação (socio)comunicativa, tecendo uma relação entre projetos de pesquisa e a sociedade em geral, a universidade e a escola, o conhecimento e os usos gramaticais, linguistas, professores e estudantes. Esta obra representa uma valiosa contribuição para a disseminação do conhecimento linguístico. Esperamos que esta primeira trama inspire futuras investigações e aprofundamentos na rica tapeçaria da morfossintaxe.

Apresentação

O livro "*Nós de Morfossintaxe: primeiro fio da meada*", composto por oito capítulos produzidos por pesquisadores da área de Letras e Linguística, apresenta, de forma didática e simples, fenômenos morfossintáticos analisados a partir de dados linguísticos reais. Nesses capítulos, o leitor encontra o tratamento da relação de morfossintaxe com: modelos de linguagem, prosódia, percepção visual, representação de comportamento ou estado, intensificação, modalização, futuridade, aspectualidade. Em todos eles, a perspectiva adotada é a de descrição centrada em usos que circulam nas mais diversas práticas comunicativas, de recomendação de aprofundamento dos temas com base em pesquisas científicas e de proposta de atividades para sua abordagem no ensino de língua portuguesa. O público-alvo constitui-se de todos os interessados em estudos linguísticos, professores e estudantes, especialmente dos que estão em (inter)ação na Educação Básica e em curso de graduação na Educação Superior.

"*Nós de Morfossintaxe: primeiro fio da meada*" é uma obra que organizamos de olho no presente, no passado e no futuro. Tem no título e no teor que a conduz a ideia de relação e tessitura, que caracteriza não só o nível morfossintático de observação e captura linguísticas, mas também a convivência no mundo da pesquisa e do processo de ensino-aprendizagem em que as editoras organizadoras desta obra circulam.

É fruto de (inter)ações mobilizadas a partir de reuniões de trabalho e investigações realizadas especialmente no âmbito de dois projetos. Um deles é o InCorpora – Portal digital de Estados de coisas em Português e em línguas românicas a variar e ensinar, desde 2021. Esse projeto conta com o valioso apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

(CNPq), Chamada CNPq/MCTI/FNDCT 18/2021 – Edital Universal – Processo n. 409043/2021-4; e, felizmente, também tem o suporte financeiro da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) – CNE – E-26/201.209/2022 (273339), SEI 260.003/003571/2022. Outro projeto é o Predicar – Formação e expressão de predicados complexos e predicações: estabilidade, variação e mudança construcional. Esse segundo está em pleno vapor desde o início do século XXI (2002), instigando diversas frentes de pesquisa e interações (inclusive, internacionais, como a do Projeto VariaR[1] e, mais recentemente, a do Projeto HDLinguagens[2]) e principalmente formando profissionais sensíveis ao tripé Ciência-Educação-Extensão à Sociedade. Ações ligadas a esses espaços de convivência científica já se entrelaçaram com espaços de ensino-aprendizagem, extensão à sociedade em geral e popularização do conhecimento obtido via ciência linguística. Esta obra é uma contribuição nesse perfil.

Ela retoma uma iniciativa, explorada no período da pandemia de Covid-19, que revela a atenção de pesquisadores atuantes nesses projetos à extensão do que a universidade produz a público fora da universidade: Jornal *Nós de Morfossintaxe*[3]. O resultado dessa iniciativa pode ser acessado na internet e a iniciativa em si pode ser conhecida pela exposição feita na ação de extensão intitulada Festival do Conhecimento[4] da UFRJ.

Foi editada com o prognóstico de se reunirem mais fios da meada em futuras obras. Os projetos científicos citados têm fomentado a observação empírica e/ou experimental de uma diversidade de fenômenos linguísticos sob enfoque teórico de uma área da Linguística Funcional-Cognitiva de abordagem do

---

[1] Disponível em: https://variar.wixsite.com/variar Acesso em: 10 mar. 2025.

[2] Disponível em: www.hdlinguagens.org ou https://hdlinguagens.wixsite.com/ Acesso em: 10 mar. 2025.

[3] Disponível em: https://nosdemorfossintaxe.wixsite.com/edicao2021. Acesso em: 10 mar. 2025.

[4] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qOdsRNIcGN4 – 13 de julho de 2021. Acesso em: 07 abr. 2025.

conhecimento linguístico que é chamada de Gramática de Construções. Interessa-nos a Gramática de Construções do Português e de outras línguas, entendida como complexa rede de pareamentos forma-função/significado interconectados. Nesse enfoque, a unidade de descrição é chamada de construção e é entendida como um pareamento de atributos de forma (fonética-fonológica, prosódica, lexical, morfossintática, textual) e atributos de significado ou função (semântica, pragmática, discursiva, social, cognitiva), que se concretizam por meio de usos/dados (também chamados nesse enfoque de constructos). Com isso, ao focalizarmos fenômenos morfossintáticos, naturalmente lidamos com sua relação com efeito(s) de sentido, funcionalidade(s), contextualidade(s), bem como com o contorno e a atração, combinação ou compatibilização de formas de diferentes escopos (prosódico, fonético-fonológico, morfológico, lexical, sintático, textual). Embora nem todos os recortes dos temas envolvam todos esses perfis, eles estão previstos na noção de construção com que trabalhamos.

Com esse perfil de edição de obra na seara da Morfossintaxe, buscamos entrelaçar forma e função/significado na interação (socio)comunicativa e, assim, tecer liames entre projetos de pesquisa e sociedade em geral, universidade e escola, conhecimento e uso gramaticais, linguistas, professores e estudantes. Vejamos o resultado desta primeira trama.

No capítulo "O papel da Gramática de Construções no estudo de modelos de linguagem", Mariana Gonçalves da Costa (professora de língua portuguesa e inglesa e suas literaturas, mestranda da Pós-Graduação em Informática da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com bolsa CAPES) levanta reflexões sobre a "compreensão" da linguagem por recursos de Inteligência Artificial, tal como o ChatGPT, e seu impacto na educação e no ensino de língua. A autora apresenta uma explicação acerca do funcionamento de modelos de linguagem em grande escala, levando em consideração armazenamento e processamento de informações. Neste capítulo, Mariana Costa utiliza, como base

teórica, a Gramática de Construções. No campo do ensino, propõe uma discussão sobre como o conhecimento acerca desses instrumentos tecnológicos pode influenciar seu uso pela sociedade, fazendo uma relação com sua abordagem em sala de aula pelos educadores.

No capítulo "Entre palavras e tons: morfossintaxe e prosódia na compreensão de textos", Lucas de Souza (professor de língua portuguesa na Secretaria Municipal de Educação de Mendes e Secretaria Municipal de Educação de Pinheiral, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro) propõe uma abordagem interativa entre diferentes níveis da gramática (morfossintaxe, prosódia, semântica e pragmática), ao mostrar como uma alteração prosódica pode interferir na interpretação semântica e pragmática de uma expressão morfossintática. O autor observa atitude linguística relacionada a (des)crença e (in)certeza. A partir da proposta de aplicação didática, analisa o fenômeno em gêneros textuais variados. A perspectiva teórica adotada é a Gramática de Construções. Há, neste capítulo, uma discussão sobre como modulações entoacionais são assimiladas e reconfiguradas na leitura e na escrita, de modo a evidenciar estratégias relacionadas a efeitos prosódicos, trazendo contribuições à competência linguística do estudante no que diz respeito a esse eixo de leitura no ensino de português.

No capítulo "A morfossintaxe da expressão de percepção visual", Pâmela Fagundes Travassos (professora de língua portuguesa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e professora (substituta) de língua portuguesa de cursos de Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro), numa perspectiva comparativa, principalmente, entre português, inglês e francês, trata da codificação linguística da noção de percepção visual por meio de construções de predicação variantes. A abordagem teórica adotada é a vertente funcional-cognitiva da Gramática de Construções, alinhada à Sociolinguística, numa perspectiva socioconstrucionista. O trabalho focaliza a variação

linguística na expressão da noção de percepção visual, levando em consideração especificidades culturais que entram em jogo na relação entre língua e sociedade.

No capítulo "A caracterização da mulher via construções de representação", Jeane Nunes da Penha (doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro), apresenta uma análise comparativa entre português e espanhol no que diz respeito especificamente a construções com verbo suporte (*fazer* e *hacer*) em contextos que indicam uma cena de representação/fingimento. A autora baseia-se em textos diversos tanto da modalidade escrita quanto da modalidade oral para mostrar dados de simulação de comportamento/estado. A ênfase do trabalho está no comportamento da mulher, levando em conta a ideia de que o quanto *fingir ser o que não é* está associada à imagem feminina na sociedade. Há, ao final do capítulo, uma abordagem reflexiva do fenômeno voltado ao ensino de língua portuguesa.

No capítulo "*Um montão de* intensificadores no discurso jornalístico", Déborah Ribeiro de Alvarenga (professora de língua portuguesa e inglesa, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com bolsa FAPERJ Nota 10), apresenta uma abordagem de construções idiomáticas intensificadoras em textos do domínio jornalístico digital, mostrando sua força expressiva e seu espaço em texto midiático, onde, geralmente, tal tema gramatical é negligenciado. Com dados do Português do Brasil, a autora apresenta uma abordagem para o ensino do fenômeno, ressaltando sua função argumentativa na comunicação.

"Construções modalizadoras nas produções textuais dissertativas-argumentativas", de Natércia Almeida Lacerda (professora de língua portuguesa do Instituto Federal do Piauí, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com bolsa CAPES e FAPERJ Nota 10), é um capítulo voltado para o exame de modalização em redações nota mil do Exame Nacional do Ensino

Médio de 2024. Os objetivos são descrever e compreender de que maneira a seleção dos modalizadores pelos candidatos afeta a qualidade argumentativa e evidencia as intencionalidades implícitas no discurso. A partir do modelo teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Gramática de Construções são estudados quatro tipos de modalização: epistêmica, deôntica, afetiva e delimitadora.

O capítulo "Construções para a expressão de futuridade ao predicar", escrito por Marcia dos Santos Machado Vieira (professora de língua portuguesa dos cursos de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pesquisadora de produtividade/CNPq, Cientista do Nosso Estado/FAPERJ), centra-se na estruturação morfossintática, lexical e semântica de predicações verbais com marcação de futuridade. Nele, são explorados exemplos contextualizados de recursos da gramática da língua portuguesa que propiciam predizer estados de coisas. À descrição de padrões de organização de predicadores (simples e complexos) e de domínios textuais-discursivos que promovem a ocorrência de dados desses padrões, somam-se propostas de trabalho com o tema.

No capítulo "O aspecto verbal como prática de linguagem no ensino de língua portuguesa", Rubens Lacerda Loiola (professor de língua portuguesa dos cursos de Graduação da Universidade Estadual do Piauí), apresenta um estudo sobre aspecto verbal, com ênfase em suas características morfossintáticas e semânticas ligadas especialmente ao aspecto terminativo e sua ambiguidade com o passado recente. O autor explora o assunto, a partir de exemplos de usos diversos, pondo em evidência aplicações no ensino de língua portuguesa na Educação Básica, bem como destacando questões gerais e a abordagem de alguns teóricos sobre o assunto.

Esta apresentação é precedida de um prefácio feito pelo Doutor Marcos Luiz Wiedemer (docente-pesquisador de cursos de Graduação e Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores do campus de São Gonçalo, Procientista (Faperj/UERJ), CNPq). O Professor Marcos

Wiedemer tem a vivência da formação de recursos humanos para espaços científicos, educacionais e extensionistas e a convivência conosco no Projeto Predicar. Sua voz sobre a obra é, sem dúvida, centrada na experiência. Nossos agradecimentos pelo prefácio!

Essa urdidura de capítulos e prefácio é fruto da virtuosa colaboração de pesquisadores que atuaram como autores, pareceristas e revisores. Agradecemos a cada um que a tornou possível, cooperando conosco e compartilhando conosco e com os autores seu precioso tempo. Agradecemos também ao CNPq pelo incentivo à ciência no país e pelo financiamento desta obra de acesso aberto à sociedade. Agradecemos às pessoas com quem, em diversas frentes, trabalhamos e podemos ganhar em experiência e conhecimento.

Esperamos, com este ebook, oferecer contribuições para a área de Letras e Linguística, resolvendo algumas das lacunas percebidas na literatura no que diz respeito à abordagem de morfossintaxe na descrição e no ensino de língua portuguesa.

Boa leitura e bom proveito!

Marcia dos Santos Machado Vieira
Pâmela Fagundes Travassos
Natércia Almeida Lacerda
(Organizadoras)

Sumário

O papel da Gramática de Construções no estudo de modelos de linguagem **19**
Mariana Gonçalves da Costa

Entre palavras e tons: morfossintaxe e prosódia na compreensão de textos **37**
Lucas de Souza

A morfossintaxe da expressão de percepção visual **59**
Pâmela Fagundes Travassos

A caracterização da mulher via construções de representação **83**
Jeane Nunes da Penha

***Um montão de* intensificadores no discurso jornalístico** **101**
Déborah Ribeiro de Alvarenga

Construções modalizadoras nas produções textuais dissertativas-argumentativas **121**
Natércia Almeida Lacerda

Construções para a expressão de futuridade ao predicar **141**
Marcia dos Santos Machado Vieira

O aspecto verbal como prática de linguagem no ensino de língua portuguesa **175**
Rubens Lacerda Loiola

Sobre as autoras e os autores **197**

O papel da Gramática de Construções no estudo de modelos de linguagem[1]

Mariana Gonçalves da Costa[2]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, CAPES

Resumo: Lançado pela *OpenAI* em 2022, o ChatGPT tornou-se uma referência para avaliar as possibilidades e limitações da inteligência artificial, principalmente devido à sua capacidade de gerar respostas quase indistinguíveis da fala de falantes nativos. Isso levanta questões sobre a verdadeira "compreensão" da linguagem por esses modelos e os impactos dessa tecnologia na educação. Neste capítulo, apresentarei uma explicação acessível sobre o funcionamento dos modelos de linguagem em grande escala, utilizando a teoria da Gramática de Construções para explicar como esses modelos armazenam e processam o conhecimento linguístico. No contexto educacional, discutirei como a forma como descrevemos e entendemos essas tecnologias pode influenciar sua utilização adequada pela sociedade. Ao compreender melhor ferramentas como o ChatGPT, os educadores estarão mais preparados para as transformações trazidas pela crescente integração tecnológica no ambiente escolar, possibilitando o desenvolvimento de atividades pedagógicas inovadoras que aproveitem o potencial dessa tecnologia.

1. Introdução

Com a crescente proeminência de modelos de linguagem em grande escala, muitos linguistas estão cada vez mais curiosos sobre

[1] https://doi.org/10.51795/97865265204751936

[2] Pós-Graduanda do curso de Mestrado em Metodologia e Técnicas Computacionais do Programa de Pós-Graduação em Informática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Licenciada em Letras: Português/Inglês (2022), pela UFRJ. Atua em Processamento de Linguagem Natural com foco no estudo de expressões multipalavras a partir da interseção entre a Gramática das Construções Baseada no Uso e Modelos de Linguagem. Integra, na UFRJ, o Projeto de Extensão ReHDLinguística e Grupo de Pesquisa GRECO e faz parte da equipe de desenvolvimento do Portal inCorpora.

como e em que extensão esses modelos são capazes de entender e reproduzir a linguagem humana. O lançamento do ChatGPT pela *OpenAI* em 2022, transformou a percepção da comunidade científica sobre a inteligência artificial e, em especial, sobre os seus limites e possibilidades. Foi por meio da aplicação da estrutura de *Transformers* que os novos modelos de linguagem alcançaram uma reprodução da linguagem humana tão natural que se torna quase indistinguível da de falantes nativos. Isso significa que modelos de linguagem em grande escala (LLMs) são capazes de pensar e entender uma língua? O que ocorre por trás da interface de interação? Quais os possíveis impactos dessa tecnologia na sala de aula? Para responder tais perguntas, proponho uma abordagem multidisciplinar do problema, que considera tanto os conhecimentos de aprendizado de máquina quanto os conhecimentos da linguística descritiva, com foco na corrente teórica da Gramática de Construções.

A Gramática de Construções (também conhecida no exterior pela sigla CxG) é uma família de teorias oriundas da linguística cognitiva que identifica construções como os blocos fundamentais da linguagem humana. Ao contrário de outras perspectivas linguísticas, como a gerativa, que separam o léxico e a gramática, a Gramática de Construções vê o conhecimento linguístico como uma rede de unidades simbólicas interconectadas, as construções. Essas construções representam pares de forma e função, em que padrões estruturais específicos são associados a significados e usos particulares. Não haveria, então, uma divisão no armazenamento de conhecimentos lexicais e gramaticais, já que ambos fazem parte do conhecimento construcional adquirido através do uso. A partir dessas premissas, Goldberg (2024) defende que a Gramática de Construções Baseada no Uso seria a abordagem teórica com melhor capacidade comparativa e explicativa na descrição das capacidades linguísticas de modelos de linguagem em grande escala. Neste capítulo, irei tratar das possibilidades de colaboração entre pesquisadores da Gramática de Construções na descrição e aperfeiçoamento dos modelos de linguagem enquanto busco

oferecer uma explicação simplificada do funcionamento dessa tecnologia. Ao compreenderem melhor a natureza de ferramentas como o ChatGPT, os agentes educacionais estarão mais preparados para as transformações decorrentes da crescente integração da tecnologia no cotidiano dos alunos. Isso permitirá o desenvolvimento de atividades que aproveitem essa tecnologia de forma enriquecedora e inovadora.

2. O que os modelos de linguagem realmente sabem?

Para descrever o conhecimento armazenado pelos modelos de linguagem em grande escala, como BERT (*Bidirectional Encoder Representations from Transformers*) e GPT-X (*Generative Pre-trained Transformer*), é necessário, primeiramente, esclarecer os objetivos e funções dos modelos. BERT (Devlin *et al*., 2018) é um codificador que recebe uma sequência de texto como *input* e retorna uma representação numérica (*embeddings*) como *output*. A partir dessa codificação, a linguagem humana pode ser "interpretada" por algoritmos de aprendizado de máquina que, então, são usados para as mais variadas tarefas que necessitam do Processamento de Linguagem Natural (PLN), como a análise de sentimentos. O GPT-X, por outro lado, é um decodificador que recebe uma sequência textual (*prompt*) e retorna um texto-resposta. Esse texto é gerado a partir de um processo extenso de cálculos probabilísticos que buscam prever a próxima palavra em um dado contexto. Ambos os modelos utilizam a arquitetura de *Transformers* (Vaswani *et al*., 2017) que, com seu mecanismo de atenção *multihead*, revolucionou a estrutura dos modelos de linguagem ao proporcionar um armazenamento mais amplo do contexto linguístico. Em termos linguísticos, a substituição das RNNs e CNNs[3] pela arquitetura de

[3] RNNs e CNNs (Rede neural recorrente e Rede neural convolucional, respectivamente) são arquiteturas de redes neurais utilizadas em modelos de inteligência artificial para o processamento de informações.

Transformers possibilita a concordância entre itens de longa distância tornando o *output* mais coerente.

Para melhor ilustrar como a atenção funciona nos modelos de linguagem, veja como, no exemplo abaixo, os itens possuem diferentes níveis de relação entre si. O pronome "ele" se refere a "Tom" e o pronome "as" se refere a "maçãs". Caso o modelo de linguagem não fosse capaz de extrair as relações entre os itens da primeira sentença e da segunda sentença, o significado do texto seria perdido. Quando utilizamos as sugestões do corretor automático do celular para formar frases, por exemplo, notamos que o corretor consegue criar um texto gramaticalmente correto, mas dificilmente coerente. Esse problema se dá pela limitação de seu mecanismo de atenção que abarca apenas o contexto imediato, ou seja, as palavras adjacentes.

Figura 1 - Imagem retirada do blog New Horizon[4]



A arquitetura de *Transformers* não foi a única a revolucionar o campo de modelos de linguagem. A criação dos modelos de linguagem em grande escala (LLMs) envolve, como o próprio nome indica, um conjunto grande de dados que são usados no treinamento dos modelos. Esses dados extraídos da Web excedem a exposição humana a dados de língua e continuam em processo de crescimento. Em um artigo da *OpenAI* de 2020 (*apud* Tayyar Madabushi *et al*., 2023), os autores afirmam que os dados de treino do GPT-3 chegavam a 45 terabytes de texto simples compactado antes do processo de filtragem. A partir desses dados, o modelo é

[4] Fonte: https://newrizon.global/blog/entendendo-o-funcionamento-do-chatgpt-de-forma-simples-um-guia-para-nao-tecnicos/

treinado em um processo de aprendizado de máquina auto-supervisionado, isto é, sem rótulos humanos. Após o pré-treinamento, os modelos de linguagem pré-treinados (PLMs) ainda passam por um longo processo de ajuste e especialização que envolve o *feedback* humano.

Note que alguns termos usados nas descrições dos modelos de linguagem podem induzir um entendimento errôneo das ferramentas. Termos como atenção, inteligência artificial, aprendizado de máquina e rede neural são baseados no funcionamento do cérebro humano e levam o público geral a uma interpretação equivocada do que acontece por trás da interface de interação. Autores como Hicks *et al.* (2024) enfatizam a importância de descrever corretamente novas tecnologias para evitar desinformações sobre suas possíveis aplicações. No texto "*ChatGPT is bullshit*", os autores argumentam contra o uso do termo "alucinação" ao descrever as declarações falsas emitidas por modelos de linguagem, pois, de acordo com os pesquisadores, não há diferença substancial nas verdades e mentiras reproduzidas pelos chats já que o objetivo da ferramenta é mimetizar a linguagem humana e não comunicar informações. Isso se dá porque os modelos são projetados considerando a capacidade de reproduzir a linguagem e não de replicar a cognição humana, armazenando apenas as informações necessárias para o seu funcionamento.

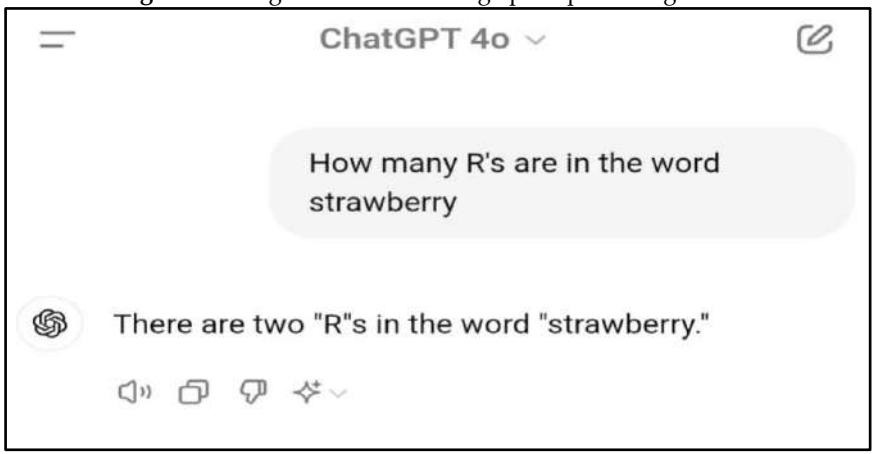
Considerando o contexto da sala de aula, o texto de Hicks *et al.* (2024) carrega uma importância ainda maior. Muitos alunos (e professores) fazem uso incorreto de ferramentas de inteligência artificial por conta da maneira que essas ferramentas são apresentadas ao público. É essencial entender que o ChatGPT e similares são ferramentas desenvolvidas para gerar textos e não para consultar informações. Apesar dos crescentes esforços por meio da construção de modelos especializados e de *fact-checkers* (pessoas responsáveis por verificar a veracidade das saídas dos chats) para controlar a disseminação de desinformação, ainda é

extremamente custoso para essas ferramentas armazenar fatos e referenciar fontes.

3. Por que os modelos de linguagem erram?

Como discutido até então, as ferramentas de inteligência artificial não entendem a linguagem da mesma maneira que os seres humanos, o que devemos manter em mente ao pensarmos nas possibilidades de uso da tecnologia. Para melhor ilustrar a diferença entre o processamento da linguagem realizado pelos LLMs e pelos humanos, trago um exemplo de uma "alucinação" que circulou amplamente nas redes em setembro de 2024:

Figura 2 - Imagem retirada do blog "prompt.16x.engineer"[5]



Na imagem acima, o usuário pergunta ao ChatGPT 4o "Quantos r's existem na palavra *strawberry*?" e recebe a resposta "Há dois r's na palavra "*strawberry*". A simplicidade do erro causou confusão entre os usuários da plataforma, mas pode ser explicada ao analisarmos os processos que ocorrem durante a troca de informações entre o ChatGPT e o usuário. Ao receber uma entrada em uma língua humana, o modelo separa as palavras em tokens

[5] Fonte: https://prompt.16x.engineer/blog/why-chatgpt-cant-count-rs-in-strawberry

que são transformados em representações numéricas (os *embeddings* citados anteriormente) que podem, então, ser processados pela máquina. Sendo assim, o modelo perde acesso à palavra "*strawberry*" e busca responder a pergunta através do seu processo interno de predição das palavras seguintes. De forma resumida: ele tenta adivinhar a resposta. As imagens abaixo, geradas pela ferramenta "tokenizer" disponibilizada pela *OpenAI*, ilustram as transformações realizadas nas entradas enviadas ao ChatGPT.

Figura 3 - Separação da palavra strawberry em tokens[6]

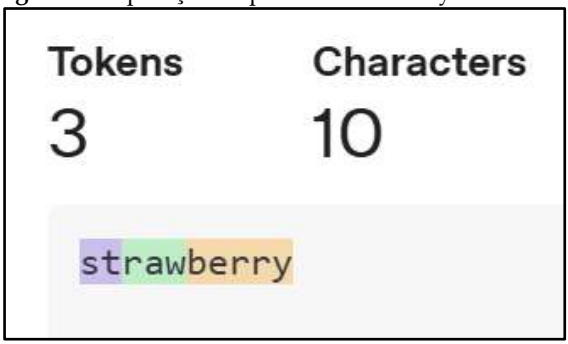
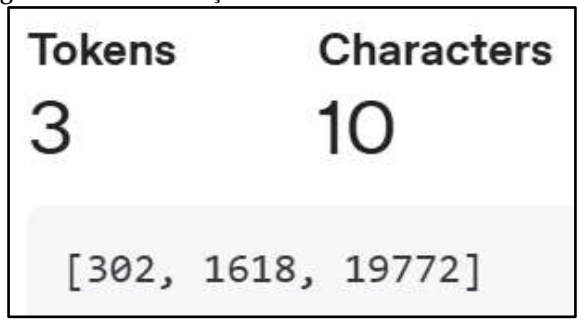


Figura 4 - Transformação dos tokens em valores numéricos

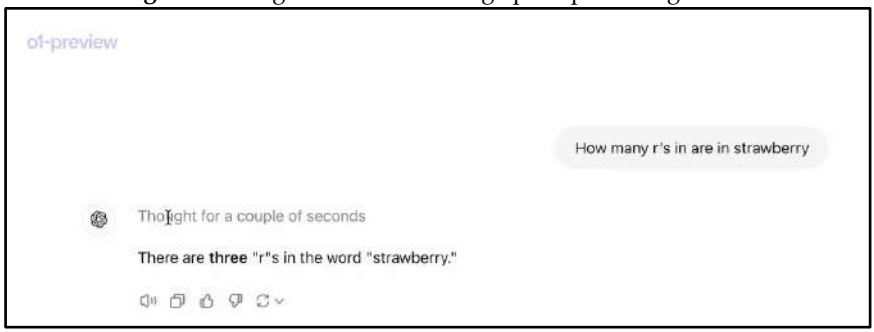


Em pouco tempo o erro foi corrigido pelos desenvolvedores da *OpenAI* ao adicionar um processo chamado de "*reasoning*" ou "raciocínio", que busca aperfeiçoar as etapas entre a entrada (*input*)

[6] Fonte: https://platform.openai.com/tokenizer

e saída (*output*). Como é possível ver no exemplo a seguir, o chat retorna uma mensagem que diz "Pensou por alguns segundos" antes de retornar a resposta. Características humanas são novamente atribuídas à ferramenta, porém o processo de "pensamento" se dá por uma comparação da resposta gerada por diferentes técnicas de processamento tendo como base as dificuldades e erros dos modelos anteriores.

Figura 5 - Imagem retirada do blog "prompt.16x.engineer"



Mesmo após os ajustes realizados, a versão disponível em março de 2025, ainda realiza erros em cálculos (o que também se dá pelo processo de transformação dos *inputs*), em consultas de informações e na referenciação de fontes. Carlos Alberto dos Santos, professor aposentado pelo Instituto de Física da UFRGS, exemplifica diversos casos como esse em sua matéria "Erros, delírios e alucinações do ChatGPT", disponível no site do jornal Estadão[7].

4. Semelhanças entre os modelos de linguagem e a Gramática de Construções

Diferentes pesquisadores da área da Gramática de Construções [Goldberg, 2024; Weissweiler et al., 2023; Bonial e Tayyar Madabushi, 2024] identificaram conexões entre a CxG e os

[7] Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/ciencias/erros-delirios-e-alucinacoes-do-chatgpt/>Acesso em: 30 mar. 2025.

modelos de linguagem. Nesta seção, abordarei os principais argumentos apresentados até o momento na literatura, enfatizando os pontos de colaboração entre pesquisadores da CxG e de LLMs.

Goldberg (2024) apresenta paralelos entre a perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso e LLMs. Entre esses paralelos, cita a compressão e generalização da linguagem, isto é, humanos e LLMs utilizam compressão e interpolação para armazenar e gerar linguagem fazendo com que a linguagem humana perca detalhes em sua representação de maneira similar ao que acontece no armazenamento do conhecimento linguístico das LLMs. Além disso, a mente humana adquire a linguagem a partir da exposição ao uso, assim como os LLMs dependem de dados massivos para identificar padrões e construir conhecimento linguístico. O significado das construções, em especial, é descrito a partir de padrões de frequência de uso e da variação contextual em que são usadas. Modelos de linguagem podem capturar padrões recorrentes que correspondem às construções linguísticas, desde expressões fixas até esquemas sintáticos produtivos. Por outro lado, a autora argumenta que os modelos de IA ainda carecem de aspectos fundamentais da cognição humana, como intenção comunicativa e conhecimento de mundo não textual. Vale ressaltar que o objetivo dos LLMs não é de apresentar plausabilidade cognitiva, mas apresentar boa performance na reprodução da linguagem nas tarefas definidas no pré-treinamento.

Weissweiler *et al*. (2023) buscam verificar se os modelos de linguagem de grande escala conseguem reconhecer as construções linguísticas e seus significados de maneira eficaz. O estudo destaca a importância de incorporar conceitos da Gramática das Construções na análise de modelos de linguagem. Os modelos analisados se mostraram capazes de reconhecer padrões linguísticos, mas não necessariamente o significado completo das construções. As análises foram realizadas através de métodos de *probing*, técnicas para investigar o que os modelos de IA realmente aprendem, porém os autores ressaltam a necessidade de melhoria dessas técnicas para capturar a complexidade de construções

linguísticas. Por fim, enfatizam a importância da colaboração entre linguistas e cientistas da computação para criar modelos mais robustos e alinhados com a cognição humana.

É fundamental enfatizar a necessidade de uma colaboração mais estreita e efetiva entre linguistas e cientistas da computação no desenvolvimento de modelos de linguagem e demais tecnologias relacionadas ao Processamento de Linguagem Natural (PLN). Embora o PLN seja, por definição, uma disciplina interdisciplinar que combina conhecimento linguístico e computacional, a participação ativa de linguistas ainda é limitada. Essa falta de diálogo entre as áreas não apenas restringe o potencial dessas tecnologias, mas também gera um retrabalho significativo, uma vez que modelos frequentemente precisam ser ajustados ou reformulados devido a lacunas conceituais que poderiam ter sido evitadas com uma abordagem mais integrada.

O trabalho de Bonial e Tayyar Madabushi (2024) traz a hipótese da esquematicidade para explicar a lacuna de conhecimentos linguísticos dos LLMs. O conceito de esquematicidade refere-se ao nível de abstração de uma construção linguística e tem como base a representação do conhecimento linguístico pelas *Constructicons*. A esquematicidade descreve o grau de generalização de uma construção, variando de formas altamente específicas (como palavras e expressões fixas) até padrões extremamente abstratos e flexíveis, sendo os mais específicos localizados nos níveis mais baixos da estrutura hierárquica das *Constructicons* e os mais abstratos localizados nos níveis superiores.

A partir da coleta de dez construções do inglês que variam entre mais substantivas (e.g. *Let alone*, *Much less*) até as mais esquemáticas (e. g. *resultative, intransitive motion, caused motion* e *ditransitive*), os pesquisadores avaliam duas versões do modelo GPT em tarefas de identificação de correlação entre construções. Os autores notaram que, apesar da quantidade consideravelmente maior de dados utilizados no treinamento do GPT-4 (2023) em relação ao GPT-3.5 (2020), as duas versões do modelo GPT não

conseguiram diferenciar as construções mais esquemáticas do *corpora,* com uma taxa de acerto de cerca de 40%. Esse resultado indica que há uma lacuna nos conhecimentos linguísticos dos LLMs que não pode ser resolvido apenas com o acréscimo de dados no treinamento dos modelos.

Os pontos levantados acima são de extrema importância ao considerar o futuro do desenvolvimento de tecnologias de inteligência artificial. A expertise dos linguistas é essencial para garantir que os modelos de linguagem captem não apenas padrões estatísticos, mas também nuances estruturais, semânticas e pragmáticas da comunicação humana. Ao mesmo tempo, cientistas da computação possuem o conhecimento necessário para traduzir esses *insights* em implementações eficientes e escaláveis. No entanto, a ausência de um espaço adequado para essa colaboração muitas vezes resulta no desenvolvimento de modelos que, embora tecnicamente avançados, falham em aspectos fundamentais da cognição e do uso real da linguagem.

A colaboração entre a linguística e a ciência da computação é essencial para uma avaliação precisa das limitações e potencialidades das tecnologias de Processamento de Linguagem Natural (PLN). O aprofundamento desse diálogo permite que o desenvolvimento de LLMs não se limite apenas a avanços computacionais, mas também integre um entendimento mais profundo da estrutura e do funcionamento da linguagem humana. O suporte da análise linguística, aliado às descrições detalhadas produzidas por pesquisadores da área, fornece uma base sólida para identificar lacunas conceituais e metodológicas nos modelos. Ao incorporar esse conhecimento desde as fases iniciais do desenvolvimento, torna-se possível criar abordagens mais alinhadas à complexidade da comunicação humana, reduzindo vieses, erros sistemáticos e interpretações equivocadas. Além disso, essa sinergia entre as áreas possibilita um desenvolvimento mais sustentável e eficiente das tecnologias de PLN. Em vez de depender de sucessivas correções e ajustes, a presença ativa de linguistas no processo de desenvolvimento permite que as limitações sejam

identificadas e tratadas de forma proativa, otimizando recursos e direcionando esforços para soluções mais robustas e escaláveis. Dessa forma, a integração entre ciência da computação e linguística não apenas aprimora a qualidade dos modelos de linguagem, mas também contribui para a criação de sistemas mais transparentes, interpretáveis e adaptáveis às necessidades reais dos usuários.

5. Para conhecer melhor sobre o tema

Para superar a barreira na colaboração entre linguistas e cientistas da computação, é imprescindível a criação de ambientes de pesquisa e desenvolvimento interdisciplinares, onde linguistas possam contribuir desde as fases iniciais do projeto, ajudando a definir objetivos, estruturar *corpora*, selecionar métodos de avaliação e interpretar resultados de maneira significativa. Somente por meio desse esforço conjunto será possível construir tecnologias de PLN mais robustas, precisas e alinhadas com a complexidade da linguagem humana. Essa intersecção pode não apenas contribuir para refinar modelos de linguagem, mas também abrir caminho para o desenvolvimento de ferramentas inovadoras que aprimoram a análise linguística. Ao integrar *insights* da Gramática de Construções ao PNL, os pesquisadores podem projetar sistemas que capturam melhor a complexidade da linguagem, enquanto as tecnologias de PNL, por sua vez, podem fornecer dados empíricos e métodos computacionais para validar e expandir ainda mais as teorias da Gramática de Construções.

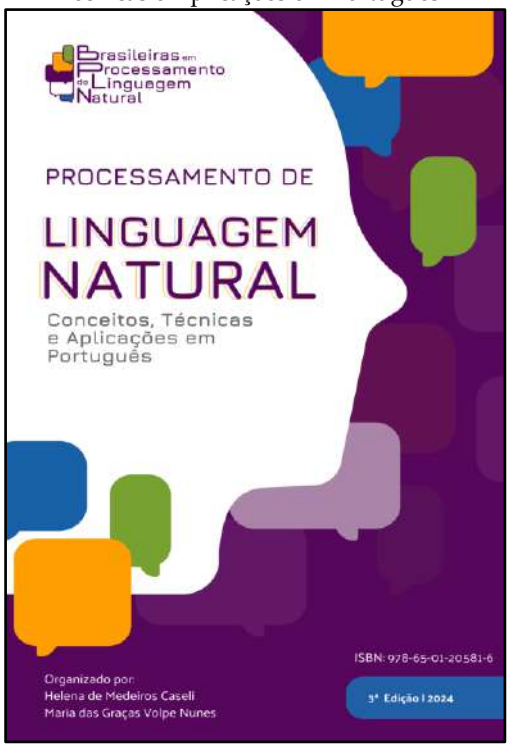
Um ótimo exemplo de ambiente de pesquisa e colaboração é o projeto Brasileiras em Processamento de Linguagem Natural (BPLN)[8]. O grupo é composto por mais de 200 mulheres brasileiras que atuam em diversas áreas do PLN, tanto na academia quanto na indústria, no Brasil e no exterior. As integrantes incluem linguistas, programadoras, cientistas, professoras, alunas, aposentadas e recém-formadas, todas unidas pelo interesse em linguística

[8] Mais informações em: https://brasileiraspln.com/

computacional. O grupo promove diversas iniciativas, incluindo seminários virtuais, encontros e grupos de discussão, visando à troca de conhecimentos, *networking* e colaboração entre as integrantes. Além disso, oferece recursos úteis para mulheres interessadas em ingressar ou avançar em suas carreiras no PLN, compartilhando materiais, guias de estudo e informações relevantes.

Entre os recursos oferecidos pelo grupo BPLN, destaca-se o *ebook* de acesso gratuito "Processamento de Linguagem Natural: Conceitos, Técnicas e Aplicações em Português"[9] (Caseli; Nunes, 2024). Chegando a quase 1000 páginas de conteúdo sobre PLN, o *ebook* é constantemente atualizado pela comunidade e disponibilizado tanto em versão *web* quanto em *pdf*.

Figura 06 - Capa do ebook "Processamento de Linguagem Natural: Conceitos, Técnicas e Aplicações em Português"



[9] Disponível em: <https://brasileiraspln.com/livro-pln/>. Acesso em: 26 fev. 2025.

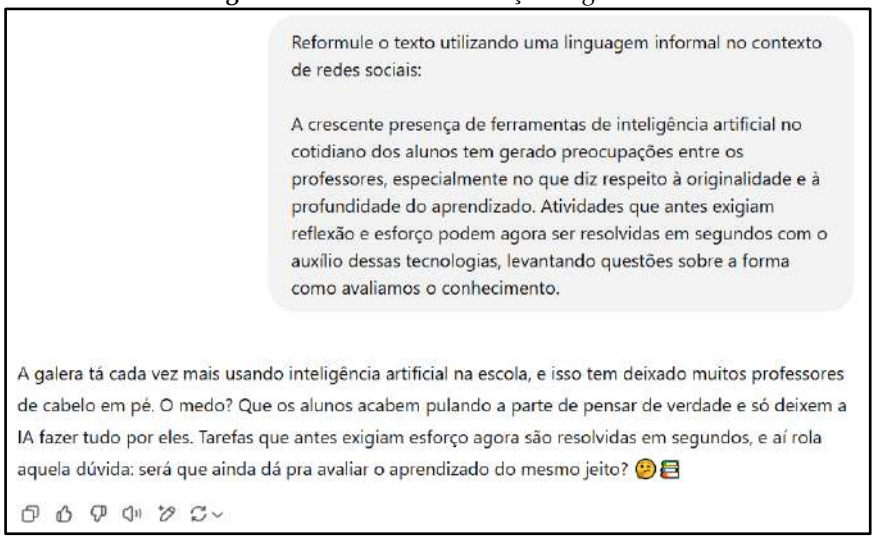
6. Sugestões de atividades

A crescente presença de ferramentas de inteligência artificial no cotidiano dos alunos tem gerado preocupações entre os professores, especialmente no que diz respeito à originalidade e à profundidade do aprendizado. Atividades que antes exigiam reflexão e esforço podem agora ser resolvidas em segundos com o auxílio dessas tecnologias, levantando questões sobre a forma como avaliamos o conhecimento.

Como discutido ao longo do capítulo, a maneira como compreendemos e descrevemos essas inovações impacta diretamente seu uso no dia a dia. Por isso, é essencial trazer essa discussão para a sala de aula, não apenas para prevenir o uso indiscriminado dessas ferramentas, mas também para incentivar uma abordagem crítica e ética. Os alunos devem ser incentivados a enxergar a inteligência artificial como um suporte ao aprendizado, e não como um substituto do pensamento analítico e criativo. Dessa forma, é possível garantir que essas tecnologias sejam incorporadas de maneira responsável, potencializando o desenvolvimento acadêmico sem comprometer a construção do conhecimento.

Um exemplo de atividade crítica já adotada por diversos professores é a "Reescrita e Estilização de Textos". Essa atividade se baseia na capacidade de reformulação de texto pelo ChatGPT para identificar elementos característicos de determinada variação linguística. Peça aos alunos que escrevam um pequeno texto e, em seguida, utilizem o ChatGPT para reformulá-lo em diferentes estilos (formal, informal, jornalístico, literário) e identificar quais elementos foram alterados nessa reformulação. No caso abaixo, por exemplo, o uso de gírias, emojis e perguntas ao leitor exemplifica o uso da linguagem informal em uma rede social.

Figura 7 - Atividade de variação linguística



Vale ressaltar que a versão web do ChatGPT (em março de 2025) já permite a seleção de determinadas características discursivas na aba "Personalizar ChatGPT". Nesse exemplo, o(a) professor(a) poderá explorar como os adjetivos interferem na linguagem produzida ou até mesmo discutir a questão da personalização da ferramenta pela plataforma. Ao atribuir características humanas de personalidade e faixa etária, o usuário é levado a enxergar a ferramenta como um indivíduo, o que pode gerar confusões na identificação dos usos apropriados.

Figura 8 - Aba "Personalizar ChatGPT"[10]



7. Considerações finais

Neste capítulo, apresentei uma visão geral do funcionamento dos modelos de linguagem, destacando suas principais características e buscando evidenciar as interseções possíveis entre essas tecnologias e a teoria da Gramática de Construções Baseada no Uso. Ao explorar esses pontos de convergência, meu objetivo foi não apenas demonstrar como esses modelos capturam padrões linguísticos, mas também ressaltar a importância da colaboração entre linguistas e cientistas da computação para aprimorar o desenvolvimento de tecnologias de Processamento de Linguagem Natural (PLN).

A forma como entendemos e descrevemos essas inovações influencia diretamente sua aplicação no cotidiano, sendo fundamental trazer essa discussão para o ambiente escolar. Os estudantes devem ser estimulados a ver a inteligência artificial como um apoio ao processo de aprendizado, e não como uma substituição do pensamento analítico e criativo. Dessa maneira, é possível assegurar que essas tecnologias sejam utilizadas de forma responsável, potencializando o desenvolvimento acadêmico sem prejudicar a construção do conhecimento.

[10] Fonte: https://chatgpt.com/

A identificação de espaços de colaboração entre essas áreas é essencial para promover um desenvolvimento mais sustentável, eficiente e alinhado às complexidades da linguagem humana. Uma abordagem interdisciplinar permite antecipar desafios e evitar problemas estruturais que poderiam comprometer a precisão e a aplicabilidade das ferramentas de PLN. Além disso, essa integração não apenas melhora a qualidade técnica dos modelos, mas também facilita um entendimento mais profundo por parte dos usuários finais, tornando essas tecnologias mais acessíveis, interpretáveis e eficazes em suas aplicações práticas. Assim, reforço a necessidade de um diálogo contínuo entre linguistas e cientistas da computação, pois somente por meio dessa interação será possível construir sistemas que não apenas processam e geram linguagem de maneira sofisticada, mas que também respeitam e incorporam os princípios fundamentais do funcionamento linguístico humano.

Referências

BONIAL, C.; TAYYAR MADABUSHI, H. Constructing understanding: on the constructional information encoded in large language models. **Language Resources and Evaluation**, v. 1, p. 1-40, 2024. DOI: 10.1007/s10579-024-09799-9.

DEVLIN, J. *et al*. Pre-training of deep bidirectional transformers for language understanding. *In*: BURSTEIN, J. *et al* (org.). **Proceedings of the 2019 Conference of the North American Chapter of the Association for Computational Linguistics**: Human Language Technologies, vol. 1 (Long and Short Papers). Minneapolis: Association for Computational Linguistics, 2019, p. 4171-4186. Disponível em: https://aclanthology.org/N19-1423/. Acesso em: 30 mar. 2025.

CASELİ, H. de M.; NUNES, M. das G. V. (org.). **Processamento de Linguagem Natural:** Conceitos, Técnicas e Aplicações em

Português. 3. ed. BPLN, 2024. Disponível em: https://brasileiraspln.com/livro-pln/3a-edicao. Acesso em: 26 fev. 2025.
GOLDBERG, A. E. Usage-based constructionist approaches and large language models. **Constructions and Frames**, v. 16, n. 2, p. 220-254, 2024.
HICKS, M. T. *et al*. ChatGPT is bullshit. **Ethics and Information Technology,** v. 26, n. 38, 2024. DOI: 10.1007/s10676-024-09775-5.
OPENAI. *GPT-4* **technical report**. 2023.
SANTOS, C. A. dos. Erros, delírios e alucinações do ChatGPT. **Estado da Arte**, São Paulo, 8 jan. 2025. Disponível em: https://estadodaarte.estadao.com.br/ciencias/erros-delirios-e-alucinacoes-do-chatgpt/. Acesso em: 30 mar. 2025.
TAYYAR MADABUSHI, H. *et al*. Construction Grammar and Language Models. *In*: **The Cambridge Handbook of Construction Grammar**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. Disponível em: https://arxiv.org/abs/2308.13315. Acesso em: 26 fev. 2025.
VASWANI, A. *et al*. Attention Is All You Need. **ArXiv**, 2017. Disponível em: https://arxiv.org/abs/1706.03762. Acesso em: 26 fev. 2025.
WEISSWEILER, L. *et al*. Construction Grammar Provides Unique Insight into Neural Language Models. *In*: **Proceedings of the First International Workshop on Construction Grammars and NLP (CxGs+NLP, GURT/SyntaxFest 2023)**. Washington, D.C. Association for Computational Linguistics, 2013, p. 85–95.

Entre palavras e tons: morfossintaxe e prosódia na compreensão de textos[1]

Lucas de Souza
Prefeitura Municipal de Mendes e Prefeitura Municipal de Pinheiral,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este capítulo aborda a interação entre morfossintaxe e prosódia na expressão de atitudes como (des)crença e (in)certeza, propondo uma aplicação didática para analisar o fenômeno em diferentes gêneros textuais. Com base na Gramática de Construções e teorias de ensino, explora a relação indissociável entre forma e significado, mostrando como alterações prosódicas podem influenciar a interpretação semântica e pragmática. Discute, ainda, como modulações entoacionais são assimiladas e reconfiguradas na leitura e escrita, evidenciando estratégias que simulam efeitos prosódicos e contribuem para o aprimoramento da competência linguística dos estudantes, destacando a necessidade de um ensino que contemple essas especificidades.

1. Considerações iniciais

Nas práticas de sala de aula, o professor por vezes percebe que apenas o conhecimento de vocabulário não é suficiente para o aluno identificar todos os sentidos num texto lido. Naturalmente, é necessário ter conhecimento de mundo e, além disso, familiaridade com recursos de expressividade presentes na escrita, como os sinais de pontuação e as figuras de linguagem, por exemplo.

Em tempos de vídeos curtos em plataformas como *TikTok*, *Instagram* e *Youtube*, cujos narradores das legendas, muitas das vezes, são vozes geradas por inteligência artificial (I.A.), a percepção desses recursos pode enfraquecer, visto que essas vozes de I.A. não têm a capacidade (pelo menos não ainda) de simular perfeitamente

[1] https://doi.org/10.51795/97865265204753757

as nuances prosódicas da voz humana natural, tais como pausas, prolongamentos e oscilações de entonação propositais para criar uma nova interpretação sobre algo que foi dito.

Pensando nisso, este capítulo pretende discutir como a morfossintaxe e a prosódia agem em conjunto na expressão de atitude, especialmente as de (des)crença e (in)certeza e, a partir de exercícios voltados para o assunto, propor uma sequência didática que tenha por finalidade verificar em variados gêneros textuais como esse fenômeno pode ser percebido de forma a levar o alunado não apenas a compreendê-lo, como também a refletir sobre sua importância na comunicação diária.

2. Talvez precisemos de um pouco de teoria...

A língua portuguesa pode ser caracterizada, indiscutivelmente, como uma língua de natureza entoacional. Isso implica que uma parcela significativa dos enunciados produzidos por seus falantes depende de variações de entonação para garantir que a mensagem seja comunicada de maneira completa e precisa. A entonação, nesse contexto, desempenha um papel crucial na construção do significado, permitindo nuances interpretativas que vão além da simples combinação de palavras e estruturas gramaticais (Serra, 2020).

No âmbito dos estudos da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), desenvolvida sob a ótica da Linguística Funcional-Cognitiva (LFC), entendemos, como postulado por Goldberg (1995), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2021[2013]), que as construções linguísticas são vistas como o produto de uma conexão indissociável entre forma e significado. Nesse sentido, a língua pode ser compreendida como uma complexa rede formada por essas construções. Do lado formal, temos as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; enquanto do lado funcional, as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas. Estudos mais recentes, como Machado Vieira e Wiedemer (2019) defendem também a inclusão de texto, prosódia e aspectos sociológicos

dentro desses polos, a fim de visualizarmos melhor fenômenos da língua em uso real. Dessa forma, a GCBU assume que em um pareamento forma/significado nenhum aspecto de um possa ser previsto independentemente do outro. Assim, a prosódia, uma das propriedades presentes no polo formal, ao sofrer alterações, pode modificar também propriedades no polo funcional, transformando e criando significados.

Em textos orais, a percepção de modulações entoacionais ocorre ao falante conforme ele amplia gradualmente seu compêndio linguístico por meio de sua vida social (amigos, escola, família, televisão etc.). De acordo com Escandell-Vidal (2011, p. 195), as crianças aprendem a reconhecer de forma imediata a relação entre determinadas características acústicas dos enunciados e a compreensão de ações verbais. Para a autora, nosso processo de aquisição da competência linguística se dá por meio de duas etapas: "na primeira, a conexão ocorre de forma direta, devido a uma relação natural e motivada". Em outras palavras, trata-se da interação cotidiana entre as pessoas em suas redes sociais. Na segunda etapa, entra em cena a gramática, um sistema cujos padrões prosódicos possuem o status de signos convencionais que integram sua própria estrutura, como é o caso dos padrões observados em frases interrogativas e exclamativas, por exemplo.

Portanto, os aspectos prosódicos que acompanham a produção de qualquer enunciado (isto é, o conjunto de características formadas por tom, timbre, intensidade e duração, bem como suas variações) influenciam a interpretação final. Na oralidade, além da prosódia de fala, há ainda outros elementos que contribuem para a transformação de significados, como gestos e expressões faciais (Wildfeuer; Lehmann, 2024). Mas e em textos escritos, como isso ocorre?

Pinheiro (2020) argumenta que, na LFC, o conhecimento de uma língua se baseia essencialmente no domínio de um amplo repertório de unidades simbólicas, que inclui palavras, expressões fixas e padrões. Por conta desses elementos, na língua escrita, para fins comunicacionais, há uma tentativa de reconfigurar os aspectos

prosódicos com elementos gráficos como as pontuações, repetição de letras e, em textos digitais, o uso de ferramentas como itálico, *caps lock*, entre outros, para que eles possam ser recodificados ao serem lidos, como veremos a seguir:

Quadro 1 - Exemplos de efeitos comunicativos a partir dos aspectos prosódicos

Aspecto	Descrição	Exemplo	Efeito Comunicativo
Tom (Ascendente)	Expectativa de resposta, comum em perguntas.	(1) Você vai ao cinema?	Indica uma pergunta, sugerindo que o falante espera uma resposta.
Tom (Descendente)	Informação afirmativa, sem expectativa de resposta.	(2) Você vai ao cinema.	Expressa uma afirmação com certeza e finalização.
Timbre[2] (Grave)	Transmite seriedade ou autoridade.	(3) Eu sei que foi você. (!) (4) Eu SEI que foi você. (!)	Indica reprovação, autoridade ou conhecimento firme sobre algo.
Timbre (Agudo)	Sugere exaltação ou emoção.	(5) Eu sei que foi você. (!)	Pode demonstrar surpresa ou entusiasmo.
Intensidade (Alta)	Expressa surpresa ou indignação.	(6) Eu não acredito!	Mostra grande espanto ou revolta.
Intensidade (Baixa)	Sugere desânimo ou resignação.	(7) Eu não acredito...	Indica desapontamento ou reflexão.
Duração (Curta)	Transmite urgência.	(8) Agora!	Indica necessidade imediata.

[2] Repare que, nesses exemplos, tanto o ponto final quanto o de exclamação podem ser acionados. O uso de pontuações específicas para reconfigurar as características prosódicas não é algo com uma regra estrita; depende tanto de quem produz o enunciado escrito tanto de quem o lê para uma interpretação eficiente. No estudo sobre interjeições, por exemplo, o ponto de exclamação pode servir para acompanhar construções de raiva, seriedade, surpresa, espanto, entre outras (Cunha; Cintra [1985]; Rocha Lima [1979]), o que deixa margem para a escolha de ambos nas frases vistas aqui.

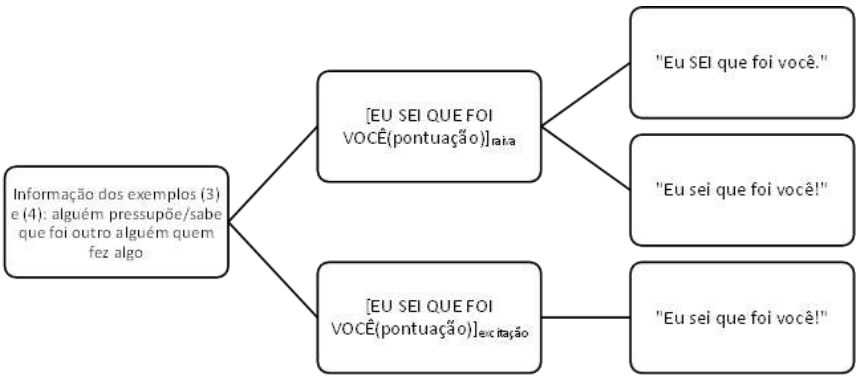
Duração (Longa)	Sugere insistência, desespero ou emoção prolongada.	(9) Mããããnheeee	Pode demonstrar impaciência ou pedido prolongado de atenção.
Duração (Intermediária, com pausas e entonação variável)	Pode indicar ironia, incredulidade ou sarcasmo.	(10) Sério que tem um pessoal da Espanha e da Inglaterra incomodados com dancinha? O Brasil tá fazendo 4x1 e é isso que chamou atenção desse pessoal aí? Aham... Sei...[3]	Sugere um tom irônico, de descrédito ou incredulidade.

A diferença na duração da palavra pode transmitir pressa e urgência, sugerindo que algo precisa ser feito/ alguém ser atendido imediatamente. Isso pode ser alcançado ainda por diferentes meios, como mostra o exemplo (9), em que há prolongamento de sons vocálicos representado por adições de letras, enquanto o exemplo (10) demonstra um prolongamento de um termo ou mais, mostrando uma atitude de descrença sobre o que foi dito anteriormente (Souza, 2024).

Vemos, então, que os exemplos (1) e (2) mostram interrogação *x* afirmação, conhecimento básico na vida escolar do aluno, desde os primeiros anos. Nos exemplos de (3) a (10), há dados que ilustram uma possibilidade da evolução da capacidade de compreensão desse discente, que se realiza conforme ele tem acesso a diferentes textos e modos de comunicação cada vez mais sofisticados e diversificados durante sua vida social e escolar. A diferenciação de algumas construções, portanto, está na percepção de significados, uma vez que morfossintaticamente elas parecem idênticas, como ilustrado a partir dos exemplos (3) e (4) abaixo. Esse esquema deixa claro a visão da GCBU: as construções são distintas

[3] Exemplo e explicação retirados de Souza (2024).

pois, ainda que na escrita possam ser iguais, há distinção nas características prosódicas quando lidas, o que causa também uma distinção pragmática, ou seja, alteram-se suas intenções comunicativas. Dessa forma, o aluno começa a perceber padrões convencionalizados de construções disponíveis em sua língua.



3. Será que dá para abordar esse fenômeno em aula?

A importância do ensino de recursos discursivos nas aulas de leitura e produção textual está pautada na necessidade de o aluno poder reconhecer, dentro de sua esfera social, padrões de organização da língua cujos sentidos são múltiplos e necessários para a construção de enunciados complexos que atravessam sua comunicação cotidiana. Para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), esse ensino deve estar ligado, portanto, à "participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens" (Brasil, 2018, p. 67).

Seguindo essa visão, Vieira (2018) apresenta uma proposta para o ensino da gramática fundamentada em três pilares principais, chamados por ela de eixos, que orientam uma aprendizagem contextualizada e funcional dos fenômenos linguísticos da seguinte forma:

(i) **aspectos que possibilitam uma abordagem reflexiva da gramática**. Neste tópico, a autora divide o processo de ensino em três etapas: linguística, epilinguística e metalinguística. As atividades linguísticas seriam aquelas em que o aluno desenvolve o seu conhecimento sobre padrões gramaticais gerais. Ao pensar sobre a reconfiguração desses padrões, por exemplo, o discente poderia exercitar sua percepção prosódica através de atividades de leitura ou produção textual em que seja necessária a utilização consciente de elementos que simulem entonações, pausas e ritmos direcionados a fins específicos, como a construção de um artigo de opinião com ênfase persuasiva ou a elaboração de um diálogo que reflita variações de entonação para diferentes efeitos comunicativos. Já a atividade epilinguística consiste na operação sobre a linguagem em si. Nesse tipo de atividade, será necessário que o aluno teste as possibilidades de uso prosódico na escrita, faça comparações e associações sobre os efeitos dessas escolhas, e, ao pensar na reconfiguração prosódica, o estudante pode demonstrar seu repertório de variações e refletir sobre seus impactos na coerência e na expressividade do texto. Por fim, a atividade metalinguística é entendida como aquela que explora os conteúdos gramaticais e estilísticos através da utilização de nomenclaturas específicas, sistematizando o conhecimento construído sobre os padrões prosódicos e seus efeitos comunicativos e textuais;

(ii) **recursos expressivos utilizados na construção de significados no texto**, que, de acordo com Souza, Ferreira e Nespoli (2023), consistem na integração entre o ensino de gramática e as atividades de leitura e produção textual. O objetivo é ampliar as oportunidades de contato com práticas de leitura e criação de textos, tanto orais quanto escritos, de modo que o aluno reconheça e utilize os recursos linguísticos – incluindo padrões construcionais – como ferramentas essenciais para a construção de sentidos; e

(iii) **contextos de manifestação das normas e variedades linguísticas**, que basicamente se pautam na apresentação de textos com diferentes normas e formas de organização de seu conteúdo, sejam mais ou menos formais, escritos em diferentes variedades,

multissemióticos etc., para que o aluno desenvolva a capacidade de recorrer a diferentes estratégias de comunicação em sua própria produção.

Essa proposta converge com os pressupostos da GCBU e da Linguística Funcional-Cognitiva, que concebem a gramática como um sistema dinâmico de construções emergentes do uso linguístico e cognitivamente motivadas. Assim, ao articular os eixos de Vieira (2018) com essa perspectiva construcionista e funcionalista, o ensino gramatical pode ser estruturado de modo a enfatizar a relação entre forma, significado e uso, permitindo que os alunos compreendam como os recursos morfossintáticos e prosódicos contribuem para a expressão de atitudes comunicativas e para a construção de sentidos nas práticas discursivas do dia a dia.

À vista disso, para o tratamento do fenômeno em sala de aula, separamos abaixo estratégias que são trabalhadas ao longo da formação escolar, em diferentes conteúdos, que podem ser revisitadas numa aula ou duas para que o aluno consiga começar a desenvolver um raciocínio crítico sobre as razões pelas quais uma construção é escolhida em detrimento de outra em nossa comunicação. Aqui, há foco em construções de (des)crença e (in)certeza, muito trabalhadas em textos dissertativos, argumentativos e frequentemente utilizadas em textos humorísticos, acompanhadas de tons conhecidos como irônicos e sarcásticos. Esse quadro pode ser desenvolvido, adaptado e/ou aprimorado em sala de aula com os próprios alunos criando os exemplos, permitindo-os explorar os eixos propostos por Vieira (2018).

Quadro 2 - Estratégias e recursos para construções de (des)crença e (in)certeza[4]

Recurso morfossintático	Estratégia	Exemplos
Uso de tempos verbais	Futuro do presente e futuro do pretérito:	"Isso acontecerá?" vs. "Isso aconteceria?"
Uso dos modos verbais	Uso do subjuntivo na incerteza, enquanto o indicativo expressa certeza:	"Se ele vier..." vs. "Ele vem".
Uso de advérbios e locuções adverbiais	Expressando certeza e incerteza:	"Com certeza", "é óbvio que"; "Talvez", "quem sabe", "provavelmente".
Estruturas interrogativas e exclamativas	Expressando dúvida e descrença:	"Será que ele vem?"; "O quê?! Você fez isso?!".
Conectores argumentativos	Expressando certeza e incerteza:	"Portanto", "sem dúvida"; "Aparentemente", "ao que tudo indica".
Ênfase na pronúncia de palavras[5]	Certas palavras podem ser alongadas para indicar surpresa ou descrença. Redução fonética pode sugerir incerteza.	"Sérioooo?"; "Num sei...".

Essa proposta, baseada no uso de construções prototípicas/convencionalizadas para o ensino de fenômenos

[4] Os exemplos aqui apresentados foram tirados de diversos contextos naturais e cotidianos de conversação que praticamente qualquer falante natural de PB consegue reconhecer; além de outras diversas fontes como tirinhas, artigos, memes e *posts* em redes sociais. Alguns links para eles são: https://x .com/layenglot/status/1897982759018041721/; Da Silva, J. P. S. "Vai que" e "quem sabe": o que há de novo com essas construções? Reflexos [*online*], 6, 2023. Disponível em: https://www.amazon.com.br/ele-vier-Outras-Palavras-Livro-ebook/dp/B00F9UPQT6/ https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3158200124263924&id=215608738523092&set=a.215618368522129/. https://www.tiktok.com/discover/n%C3%A3o-sei-que-nao-sei-que-n%C3%A3o-sei-meme

[5] Para entender melhor como se dão essas ênfases em partes específicas de uma construção, o estudo sobre tópico e foco na prosódia é recomendado (Silva, 2015; Serra, 2020; Carnaval; Moraes; Rilliard, 2023).

morfossintáticos, se encontra ancorada dentro de uma vertente das Gramáticas de Construções relativamente nova e muito explorada no ensino de L2, porém pouco aplicada ainda na aprendizagem de línguas maternas: a Gramática de Construções Pedagógica ou Aplicada (GCP). Em vez de ensinar regras isoladas, a GCP enfatiza construções usadas com frequência, como padrões sintáticos recorrentes em diferentes gêneros textuais diversos e situações comunicacionais específicas. Herbst (2016) argumenta que essa abordagem oferece várias vantagens para os aprendizes de línguas ao focar em construções em vez de palavras individuais, pois assim os alunos podem desenvolver uma compreensão mais consistente dos padrões subjacentes do uso da língua, o que pode ajudá-los a usá-la de forma mais criativa (Pakzadian, 2024).

4. Aplicação

A partir da aula introdutória, cujo objetivo é de apresentar e/ou revisitar as estratégias e os recursos para o uso de construções de (des)crença e (in)certeza, esse conteúdo deve ser trabalhado com atividades que estimulem os discentes a entender, na prática, do que se trata.

A seguir, apresentamos 4 exercícios como sugestão de como esse assunto pode ser explorado, utilizando diferentes gêneros para tal. O gênero tirinha foi escolhido por ser um texto multissemiótico e humorístico; o gênero notícia foi escolhido por fazer parte da esfera político-social e, escolhemos especificamente uma notícia oriunda da rede social *Instagram*, por ser uma linguagem e uma organização visual mais comum às novas gerações, que já não se atualizam por notícias de jornal impresso. Por último, trabalhamos com os gêneros argumentativos, como artigo de opinião e solicitação, para explorar ainda mais os eixos propostos por Vieira (2018), que tem sempre como primazia o trabalho a partir de textos.

> Nesse sentido, o objetivo maior das aulas de língua portuguesa é o desenvolvimento da competência de leitura e produção de textos.

> Portanto, 'a unidade textual – em toda a sua diversidade de tipos e gêneros, nos diferentes registros, variedades e modalidades, consoante as possíveis situações sociocomunicativas – deve ser ponto de partida e de chegada das aulas de Português' (Brandão; Vieira, 2007, p. 9-10). Por outro lado, também se postula que os elementos de natureza formal – relativos aos diferentes níveis da gramática – são essenciais para a construção de sentido. Para que ocorra o reconhecimento desses elementos como produtores de sentido, é necessário que eles sejam tratados como objetos de ensino a partir de uma abordagem reflexiva da gramática (Souza; Ferreira; Nespoli, 2023).

Dessa forma, os exercícios a seguir podem ser trabalhados em todos os anos da segunda etapa do Ensino Fundamental, desde que adaptados alguns de seus elementos, adequando-se aos conteúdos previstos no currículo de cada ano. Eles baseiam-se, por sua vez, nas seguintes habilidades da BNCC, dentre outras: EF07LP14, EF67LP28, EF67LP06, EF69LP07, EF69LP03, EF69LP05, EF69LP54, EF69LP53 (Brasil, 2018).

Exercício 1:

A partir da tirinha abaixo, responda às questões:



Os passarinhos, por Estevão. Disponível em: https://ospassarinhos.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/11/175.jpg/. Acesso em: fev. 2025.

1. Qual é o assunto discutido entre os passarinhos?
2. Em textos multissemióticos, o uso de balõezinhos e as expressões faciais dos personagens ajudam a construir o sentido da história. Sabendo disso, como parece que cada um dos passarinhos se sente em relação ao assunto discutido?
3. Releia sua resposta da questão 2 e diga como você interpreta, pelas expressões faciais, a mudança de reação do passarinho Afonso em cada quadrinho ao longo da tirinha.
4. No segundo quadrinho, o verbo "parece" contribui para a construção da incerteza da seguinte maneira:

a) Indica uma ação concreta, garantindo que as pessoas falam sem saber.

b) Expressa dúvida sobre a afirmação, indicando que não há plena certeza.

c) Funciona como um verbo auxiliar, reforçando a certeza da declaração.

d) Aparece apenas como um conector sem impacto no sentido da frase.

5. No último quadrinho, a fala "Não sei ao certo..." utiliza reticências. Para você, como essa pontuação nessa construção ajuda a transmitir a incerteza do passarinho?

Nesse exercício, como sugerido por Vieira (2018), as questões partem da análise do assunto tratado no texto em si, perpassando sua composição (gráfica e imagética), explorando a parte morfossintática até a interpretação semântico-pragmática. A partir das questões, o aluno é guiado para refletir como a prosódia se reconfigura na expressividade das personagens desenhadas bem como em suas falas, destacando itens gramaticais e estilísticos como os verbos e a pontuação escolhidas nas falas dos passarinhos.

Espera-se que o aluno consiga desenvolver as questões com bastante fluidez e, na questão 5, ele possa fazer uma análise mais profunda sobre o uso da pontuação escolhida, percebendo se tratar de um prolongamento da fala do personagem devido à sua total incerteza sobre a divagação que está realizando, que está conectada

com todo o contexto da narrativa presente na tirinha. Respostas sobre percepção linguística nem sempre são fáceis para os discentes; por isso, deve-se incentivá-los a responder da forma que puderem e, depois, com a mediação do professor, aprofundar essa resolução.

Exercício 2:

Analise a tirinha a seguir para responder:



Bichinhos de Jardim, por Clara Gomes. Disponível em: https://brainly.com.br/tarefa/58352706/. Acesso em: fev. 2025.

1. Qual a estratégia feita pelo tatuzinho-de-jardim para faltar à escola?

2. Por que essa estratégia não deu muito certo para ele?

3. Observe e liste quais elementos presentes na tirinha contribuem para a sua história não ser bem aceita pela joaninha.

4. Qual sentido a expressão "Jura?", no primeiro quadrinho, passa ao leitor?

5. Por quais razões você entende que as reticências foram usadas em várias falas do tatuzinho-de-jardim?

6. E por quais razões você entende que as reticências foram usadas nas falas da joaninha?

7. Além das reticências, a fala da joaninha usa aspas e ponto de exclamação no último quadrinho. Leia em voz alta com outros colegas a tirinha e crie hipóteses para esse uso.

Nessa atividade, o aluno é levado primeiro a pensar na história em si e depois em sua composição total. Para as questões de 1 a 3, espera-se que ele consiga ter compreendido que o tatuzinho inventou uma mentira para não ir à escola, o que foi rapidamente desmentido pela joaninha. Além disso, é preciso ter percebido os elementos visuais como a expressão cansada do tatuzinho, que rapidamente muda no terceiro quadrinho, e o lápis vermelho no chão, mostrando como ele simulou as manchas supostamente causadas pela doença.

Nas questões de 4 a 7, espera-se que o estudante consiga analisar os eixos linguístico e epilinguístico da história, refletindo sobre as escolhas estilísticas da autora (principalmente ao ler em voz alta) para deixar claro a desconfiança da joaninha, que foi corroborada pelos seus argumentos; além da apreensão da expressividade desejada através da ironia em 'jura?' e a exploração da polissemia do termo 'paciente'.

Exercício 3:

Analise a notícia abaixo, retirada do *Instagram*, assim como alguns comentários de usuários na página que a postou. Depois, responda sobre ela:



Perfil do jornal Metrópoles no *Instagram* (@metropoles). Disponível em: https://www.instagram.com/p/DFvHn4bxIC6/?img_index=1/. Acesso em: 08 fev. 2025.

1. Qual foi a principal afirmação feita pelo motorista ao explicar a violência que cometeu?
2. Pelos comentários apresentados na imagem, as pessoas acreditaram ou não na justificativa dele?
3. Retire expressões e elementos presentes nas falas dos usuários que demonstram o posicionamento deles quanto à alegação do motorista.
4. Escolha 2 comentários e reescreva-os como se o posicionamento do usuário fosse contrário ao que ele comentou:

Nesta atividade, o professor deve guiar os estudantes para a percepção de que a maioria dos comentários são de pessoas que desacreditam na versão do motorista. Deve-se ter nas respostas

deles a captura de construções de descrença como “Aham, ta...”, “Quem me conhece sabe...”, “Ah tah...”. “Ah, pronto!”, além da observação do uso de reticências, ponto de exclamação e *emojis* como recursos de expressividade escolhidos pelos autores dos comentários. A partir desses recursos, pode-se iniciar uma discussão sobre quais elementos multimodais temos (gestos, expressões faciais, posturas corporais) a nosso dispor numa conversa para mostrar expressões de atitudes e como isso pode ser difícil de se transmitir num texto escrito.

A questão 4, de reescrita, atravessa concomitantemente os 3 eixos propostos por Vieira (2018), principalmente ao pedir uma produção do aluno, de forma que ele possa modificar expressões de descrença por outras de certeza e confirmação, além de incentivá-lo a lançar mão de alterações na pontuação e outros elementos, mostrando seu entendimento de construções já cristalizadas e/ou convencionalizadas para assegurar que seu objetivo comunicativo seja alcançado.

Exercício 4:

Leia a manchete abaixo:


EDUCAÇÃO DIGITAL

Restrição ao uso do celular nas escolas já está valendo

Redes e instituições de ensino, públicas e privadas, devem definir as estratégias de implementação da lei até o início do ano letivo. Objetivo é mitigar os impactos negativos do uso excessivo de celulares

Publicado em 03/02/2025 11h03 Compartilhe

Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/fevereiro/restricao-ao-uso-do-celular-nas-escolas-ja-esta-valendo/. Acesso em 09 fev. 2025.

1. Após ler a manchete e o lead acima, discuta com seus colegas a repercussão dessa decisão na sociedade e na sua própria vida escolar.
2. Após a discussão com colegas, redija 2 pequenos textos sobre o assunto: No primeiro, você deve elaborar um pequeno artigo de

opinião, contendo como você interpreta essa decisão e os argumentos que sustentam seu ponto de vista. No segundo texto, você vai simular uma mensagem de texto via *WhatsApp*, tentando convencer seus responsáveis a deixarem você levar o celular para a escola, pois você tem razões reais e importantes para fazer uso do aparelho o tempo todo.

Esta última atividade é toda pautada em produção textual. A partir dela, o aluno deve criar estratégias diferentes para sua escrita: no artigo, ele irá recorrer a construções de certeza e confiança, pois ele precisará argumentar para defender o seu ponto de vista sobre o assunto discutido. No segundo, para explorar melhor o eixo metalinguístico, ele vai simular uma escrita num ambiente descontraído, de baixa monitoração, inclusive podendo recorrer a recursos visuais como emojis e afins para convencer seus responsáveis de acreditar em algo que ele queira.

Dessa forma, ele explorará a fundo o eixo metalinguístico, refletindo sobre as normas vigentes em cada tipo de texto/receptor sem deixar de ser utilizado em seu processo de aprendizagem os eixos linguístico e epilinguístico, que consistem no método de fazê-lo refletir sobre construções convencionalizadas e na necessidade de ele recorrer a reconfigurações de características de convencimento comuns em textos orais para textos escritos.

5. Termina por aqui? Não sei, não...

O intuito deste capítulo foi lançar luz sobre uma questão que atravessa todo educador no geral, especialmente os de língua portuguesa: a fluidez na leitura, interpretação e escrita dos alunos.

Diante das discussões apresentadas, destaca-se a importância da relação entre morfossintaxe e prosódia na construção de significados e atitudes comunicativas no ensino de língua portuguesa. A GCBU concebe o conhecimento linguístico como fruto da experiência e da exposição a padrões recorrentes, reforçando a necessidade de um ensino que vá além das regras

formais e contemple o funcionamento real da língua. A Gramática de Construções Pedagógica amplia essa visão ao centrar o ensino em construções linguísticas, favorecendo uma aprendizagem significativa e voltada ao uso. Já a LFC enfatiza a interação e o contexto como bases para a construção do significado, sendo fundamental a compreensão dos aspectos prosódicos e suas modulações para o desenvolvimento dessa competência interacional. Dessa forma, tanto na oralidade quanto na escrita, os elementos prosódicos desempenham um papel crucial na interpretação de enunciados. Enquanto na oralidade a prosódia se manifesta naturalmente no processo de socialização, na escrita recorremos a estratégias gráficas para simular essas nuances, o que exige uma abordagem didática que contemple essas especificidades, enfatizando a simbiose de forma e função também no processo de ensino.

Por isso, os quatro exercícios propostos aqui, baseados nos três eixos organizados por Vieira (2018) – compreensão, análise e produção –, têm por finalidade promover a reflexão dos alunos sobre como alguns fenômenos permeiam nosso uso linguístico. As atividades permitem não apenas a identificação e análise desses fenômenos em diferentes gêneros textuais, mas também incentivam a produção consciente de enunciados, considerando os efeitos de sentido repercutidos por modulações prosódicas e suas representações possíveis, através de padrões construcionais e formas inovadoras.

Assim, esperamos contribuir para o desenvolvimento da competência linguística e comunicativa dos alunos, ressaltando a relevância de uma abordagem integrada e funcional no ensino da língua, que não termina por aqui. Essa contribuição deve ser vista apenas como um propulsor da abordagem de tais temas e caberá a cada profissional, dentro de sua própria realidade, adaptar e adequar o material de forma a garantir uma educação consciente e atrelada às necessidades reais e atuais de seus discentes.

6. Para conhecer mais sobre o tema

ABRAÇADO, J.; MORAES, J. A. de. O português do Brasil: alguns aspectos importantes de sua prosódia. **Géolinguistique-Hors série**, v. 3, p. 337-345, 2005.

BOAS, H. C. **Directions for Pedagogical Construction Grammar:** Learning and Teaching (with) Constructions. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2022.

CARNAVAL, M. *et al*. Estrutura prosódica e focalização: dados do português do Brasil. **Contribuições para a Linguística Brasileira– uma homenagem a Dinah Callou**, p. 109-124, 2023.

COSTA VAL, M. da G. A inter-relação oralidade-escrita no aprendizado da redação. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 29, 2012. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639277.

DA SILVA, J. C. B.; CUNHA, C. de S. Caracterização prosódica dos falares brasileiros: a oração interrogativa total. **Revista do GELNE**, v. 14, p. 58-76, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9364/6718.

GRAS, P.; ELVIRA-GARCÍA, W. The role of intonation in Construction Grammar: On prosodic constructions. **Journal of Pragmatics**, v. 180, p. 232-247, 2021.

KLEPPA, L-A.; BASSO, R. M. Punctuation marks in speech: constructionalizations. **ALFA**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 67, 2024. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/17277.

MORAES, J. A. de; RILLIARD, A. Entoação. *In*: OLIVEIRA JR., M. **Prosódia, Prosódias:** uma introdução. São Paulo: Contexto, 2022, p. 45-66.

PRIETO, P. Teorías linguísticas de la entonación. *In*: PRIETO, P. (Ed.). **Teorías de la entonación**. Barcelona: Ariel, 2003, p. 13-33.

RESENDE, M.; SILVA, A. Putz! Por que as interjeições são diferentes? Problemas formais na Morfologia e na Fonologia. **Cadernos do IL**, n. 65, p. 57-81, 2022. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/130160.

SILVA, C. G. de C. **A interface prosódia-sintaxe na produção e no processamento de estruturas de Tópico e de SVO**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, 2015.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2001.

ESCANDELL-VIDAL, V. Prosodia y pragmática. **Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics**, v. 4, n. 1, p. 193-208, 2011.

GOLDBERG, A. E. **Constructions:** A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: Chicago University Press, 1995.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. *In*: MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. (org.). **Dimensões e experiências em Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Edgard Blücher, 2019, v. 1, p. 85-120.

PAKZADIAN, M. Teaching Persian Complex Predicates from a Pedagogical Construction Grammar Stance. **Cahiers du Centre de Linguistique et des Sciences du Langage**, n. 68, p. 171-198, 2024.

PINHEIRO, D. Linguística Funcional-Cognitiva: fundamentos teóricos e aplicação ao ensino de língua. **Aprendizes surdos e escrita em L2**: reflexões teóricas e práticas, 2020, p. 10-22.

SERRA, C. Fonologia da Prosódia 2: tom e entoação. *In*: **Verbetes LBASS**. 2020. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/lbass/. Acesso em: mar. 2025.

SOUZA, L. de. **Análise socioconstrucionista de [sei] e [aham sei**]: a prosódia na percepção de efeitos de sentido. Dissertação

(Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.
SOUZA, L. de *et al*. As estratégias de indeterminação do sujeito no ensino de gramática. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, v. 4, n. 7, 2023, p. 43-60.
TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021 [2013].
VIEIRA, S. R. Três eixos para o ensino de gramática. *In*: VIEIRA, S. R. **Gramática, variação e ensino**: Diagnose e Propostas Pedagógicas. Editora Edgard Blücher, 2018, p. 47-60.
WILDFEUER, J.; LEHMANN, C. (Ed.). **Drawing multimodality's bigger picture**: Metalanguages and corpora for multimodal analyses. Frontiers Media SA, 2024.

A morfossintaxe da expressão de percepção visual[1]

Pâmela Fagundes Travassos
Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Tratamos, neste capítulo, da codificação linguística da noção de percepção visual via construções de predicação variantes, com ênfase no português, no inglês e no francês. Para tanto, baseamo-nos na abordagem funcional-cognitiva da Gramática de Construções, em associação à Sociolinguística, ao descrevermos a variação linguística, considerando, portanto, uma vertente socioconstrucionista. O objetivo é observar a alternância nas línguas citadas, principalmente, a serviço de nuances de sentido de percepção visual variadas, assim como as perspectivas que entram em jogo em função de especificidades culturais.

1. Considerações iniciais

A percepção visual consiste em uma experiência sensorial básica para o ser humano. Não importando o lugar do mundo, o homem recebe informações externas por meio da visão. Trata-se, portanto, de uma característica, de modo geral, comum a (quase) todos. As imagens que vemos são processadas em nossa mente, podendo ser externalizadas por meio da língua. Percebemos, então, que corpo, mente e linguagem apresentam uma ligação estreita. A princípio, uma primeira questão que surge é: que estruturas linguísticas são selecionadas para expressar uma cena tal como a de percepção visual? Um segundo questionamento é o seguinte: um mesmo evento do mundo, como o de percepção visual, é codificado linguisticamente de forma diferente a depender da língua ou variedade de língua? Nesse sentido, aspectos culturais entrariam em jogo na explicação do motivo pelo qual determinadas

[1] https://doi.org/10.51795/97865265204755981

construções foram acionadas para uso em detrimento de outras numa determinada língua/variedade? Tais reflexões serão desenvolvidas neste capítulo, com ênfase, especificamente, em expressões morfossintáticas.

Diferentemente dos outros sentidos, a visão talvez seja o que apresenta vínculo mais forte ao conhecimento e à memória, a partir dos estímulos constantes que recebemos. Tendo em vista a mente corporificada que possuímos, somos capazes de fazer relações entre experiências sensoriais mais básicas a conceitos mais abstratos, por meio de mapeamentos metafóricos. Assim, por vezes, "ver é entender" (Sweetser, 1990; Lakoff; Johnson, 1980), indo além da mera experiência física concreta. Não é à toa que a palavra *ideia* se origina do grego *eidon* 'ver'[2] (Levshina, 2015, p. 215, tradução minha, adaptado).

Para além de os olhos serem usados para sentir o mundo e observar suas belezas, também os utilizamos como recursos relevantes para a própria sobrevivência. Isso fica ainda mais evidente na história da humanidade. Esse sentido auxilia, por exemplo, em uma percepção da realidade, a qual pode variar a depender do olhar e da posição em que determinado cenário é visto. As estruturas linguísticas aí, então, entram em jogo para pôr em evidência um aspecto da cena que mais chamou nossa atenção e não outro. Desse modo, ressaltamos o que, a nosso ver, é mais relevante.

Por outro lado, a visão também pode nos fornecer uma falsa noção da realidade, levando-nos a uma areia movediça de ilusões de ótica, a partir de interpretações equivocadas de estímulos ambíguos. A relação entre percepção visual e evidencialidade é analisada, entre outros autores, por, por exemplo, Marco e Jansegers (2019), Cornillie (2007) e Kotwica (2017). Nesse sentido, uma experiência física mais concreta (visão) liga-se a um processo cognitivo mental mais abstrato (inferência). A vista de algo seria a

[2] "*Consider the word idea, which originates from the Greek eidon 'see'*" (Levshina, 2015, p. 215, no original, adaptado).

evidência de que esse algo seria verdadeiro, correspondente à realidade, ainda que possa ser um processo enganoso.

Língua e visão apresentam uma forte interrelação, na medida em que nomeamos e categorizamos elementos do mundo em função de experiências sensoriais fruto do sentido da visão. A depender do local do planeta, há diferentes nomes para a cor branca e para a cor verde. Em lugares mais frios, por exemplo, pode ser necessário distinguir diferentes tonalidades de branco: branco gelo, branco água, branco céu. Por outro lado, em lugares tropicais mais quentes, pode ser importante diferenciar noções de verde: verde água, verde mar, verde musgo. Desse modo, percebemos o quão ligados estão corpo-mente-língua.

Para expressar a percepção visual, as línguas e variedades de línguas recorrem a diversos recursos. Trataremos dessas possibilidades, especificamente, no que se refere à configuração morfossintática de construções.

2. Um pouco de teoria

Como o fenômeno em foco são expressões morfossintáticas que estão a serviço da percepção visual, urge uma explicitação em relação ao que se considera aqui como "construção" de imediato. Esse termo é central e de base para a análise do objeto em questão a partir de uma abordagem teórica: Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Hoffmann; Trousdale, 2013). Nessa perspectiva, construção seria mais do que meramente uma expressão. Trata-se de uma estrutura linguística composta por duas facetas: uma de forma e outra de sentido. Assim, toda a língua seria estruturada por expressões estruturais que têm função. Entende-se, nesse viés, que forma envolve os níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático e que função envolve os níveis semântico, discursivo, pragmático, entre outros.

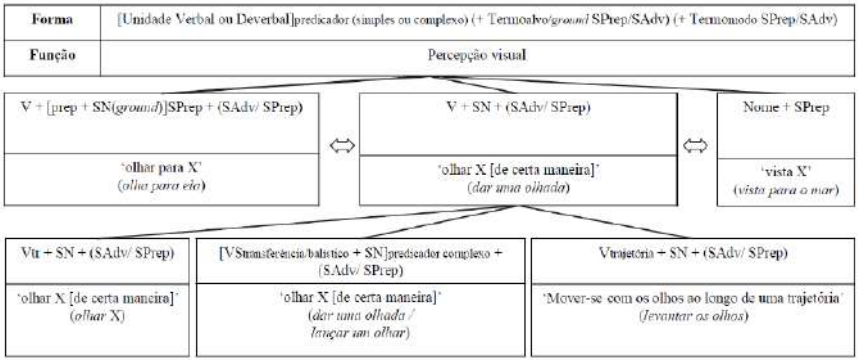
Trabalhamos com a vertente funcional-cognitiva da Gramática de Construções, de modo que entendemos que a análise de

qualquer objeto de estudo deve partir da língua em pleno funcionamento, levando em consideração sua vivacidade e dinamicidade, assim como os propósitos comunicativos em jogo. Ademais, acreditamos que há processos cognitivos de domínio geral (Bybee, 2010) atuando também no processamento da língua, tais como a analogia, a categorização, a abstração. São processos que não são exclusivos da língua, mas que também ocorrem em seu funcionamento.

Analisamos as diferentes possibilidades estruturais que estão a serviço da indicação da noção de percepção visual. Assim, temos formas diferentes para sentido semelhante. Trata-se da variação linguística. Ao colocarmos em pauta este fenômeno, utilizamos como base teórica a perspectiva da Sociolinguística. Cappelle (2006) considera as construções em variação como aloconstruções. Seguimos esta perspectiva, na medida em que ela alinha a vertente funcional-cognitiva da Gramática de Construções com a Sociolinguística, tal como propõem Machado Vieira e Wiedemer (2019): uma abordagem socioconstrucionista.

3. Abordagem do fenômeno

Que recursos linguísticos utilizamos para expressar percepção visual? Iniciamos a abordagem do fenômeno com essa pergunta, pois, quando tratamos de uma cena que envolve visão, podemos pensar em diferentes estruturas morfossintáticas que são usadas para predicar esse cenário, ou seja, para representar esse estado de coisas. Um estudo piloto de Travassos (2023) revela algumas das possibilidades que são usadas para indicar percepção visual no português, conforme figura abaixo.



Fonte: Travassos (2023, p. 128).

Esse estudo foi feito a partir de duas versões do livro *As bruxas*, de Road Dahl, em português do Brasil e de Portugal, num trabalho replicado e ampliado de Cappelle (2020), no qual o autor pesquisou estruturas de percepção visual no inglês, no francês e no holandês, a partir das traduções do mesmo livro indicado. Na figura apresentada, vemos, no topo, o pareamento de forma-função da construção. No polo da forma, há a previsão de um predicador simples ou complexo seguido da possibilidade de indicação do alvo/*ground* do olhar, na forma de um sintagma preposicional ou sintagma adverbial, e do modo de olhar, na forma também de um sintagma preposicional ou sintagma adverbial. No polo da função, há a indicação do sentido de percepção visual. Nos níveis abaixo na figura, aparecem construções mais específicas, ou seja, menos abstratas, preenchidas com mais detalhes de informações.

Uma estrutura básica que, de imediato, pensamos é o predicador simples, como *olhar*. Entretanto, há, ainda, inúmeras possibilidades desse tipo verbal, como podemos perceber, no português, em formas como *fitar*, *ver*, *mirar*, *enxergar*, as quais podem ser consideradas como sinônimos do verbo *olhar*, estando em contexto aproximado. Já outras estruturas apresentam nuances de sentido sutilmente diferentes, tais como *encarar*, que envolve um olhar fixo; *espiar*, que envolve um olhar escondido; *espreitar*, idem ao anterior e *observar*, que revela um olhar com atenção. Há, portanto, uma maneira de olhar específica, em contraposição às

anteriores, que poderiam ser consideradas maneiras de olhar relativamente neutras. Observemos exemplos de predicadores simples a seguir.

(1) Os presentes notaram que algo havia despertado a lembrança do Shinobi ao **fitar** o rosto daquele Deus (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(2) Para **ver** a agenda diária, por favor clique nas abas com as datas abaixo (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(3) O Uchiha, no entanto, continuou despreocupado, enquanto seu sharingan permanecia **mirando** o seu irmão, assistindo o acontecer (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(4) E são as expectativas de gente como a gente que nos motivam a democratizar o acesso aos dados e **enxergar** nossos clientes não apenas como usuários, mas como pessoas (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(5) E Antónia ficava a barafustar sozinha. "Às vezes, chateava-me, **encarava**-a, perguntava-lhe se se passava alguma coisa", confessa. (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(6) Todos que passam por ali lançam olhares curiosos ao **espiarem** o interior do nosso carro (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(7) Para tirar isso a limpo, **espreitou** para dentro do quarto, onde a mãe, rodeada de panos e produtos de limpeza, com ar mal-humorado, limpava a sujidade provocada pela família. "Que queres?", resmungou (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(8) E das aproximadamente oito mil estrelas que se pode **observar** a olho nu no céu noturno, Annie Jump Cannon classificou 50 vezes mais esse número, tornando-se a maior "colecionadora" de estrelas que já viveu (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).

Essa primeira estrutura mencionada é a construção com verbo simples e ela não ocorre só no português, mas também em diversas outras línguas. No inglês, por exemplo, o *Cambridge Dictionary* apresenta também *peer*, *inspect*, *watch*, *examine* e *scrutinize* como

sinônimos de *look*[3]. A seguir, apresentamos três exemplos de usos de predicadores simples de percepção visual, respectivamente, no holandês, no francês e no inglês[4] (a.) e suas respectivas traduções para o português (b.).

(9) a. *De Opperheks hield even op en **blikte** woest naar de zee van verhitte gezichten in de zaal* (Roald Dahl, *De heksen*, HO).
b. A Alta Bruxa fez uma pausa e olhou para o mar de rostos aquecidos na sala.

(11) a. *Avant de la remplir, **regardez** la liste des informations qu'on vous demandera au cours de la rédaction en ligne* (Sketch Engine – French Web 2017).
b. Antes de preenchê-lo, veja a lista de informações que serão solicitadas durante o processo de redação on-line.

(10) a. *Bruno shook himself clear and **stared** at her* (Roald Dahl, *The Witches*, p. 91).
b. Bruno sacudiu-se e olhou para ela.

Uma segunda estrutura morfossintática usada com frequência para expressar percepção visual é a construção com predicador complexo com verbo suporte, tais como, por exemplo, "dar uma olhada", "dar uma olhadinha", "dar uma olhadela", "dar uma vista de olhos", no português, como aponta Travassos (2019). São estruturas formadas por um verbo que auxilia um elemento não verbal (geralmente, um elemento nominal), indicando categorias gramaticais de tempo, modo, número, pessoa, aspecto, enquanto o elemento não verbal costuma ser o principal contribuinte do sentido da construção (Machado Vieira, 2003, 2018, 2022). O nome predicador complexo vem do fato de não apenas uma palavra funcionar como predicador de uma sentença, ou seja, como aquele responsável por selecionar os participantes envolvidos em uma

[3] Disponível em: https://dictionary.cambridge.org/pt/thesaurus/look/. Acesso em: 15 jul. 2022.
[4] Os exemplos (9) e (10) foram retirados de Travassos (2023, p. 118).

cena e por atribuir papéis temáticos a esses participantes, tal como o verbo simples indicado anteriormente. No caso da construção com verbo suporte, por outro lado, verbo seguido de elemento não verbal (com possibilidade de acréscimo de determinante e modificador) funcionam como uma unidade, um complexo predicante.

No português, há diferentes estruturas ligadas às construções com verbo suporte de percepção visual, tal como podemos observar nos exemplos que seguem. O que essas formas revelam são nuances de sentido ligadas a como esse evento sensorial é percebido e codificado linguisticamente.

(12) Às vezes é necessário **dar uma olhadinha** no reservatório do fluido e ficar atento com a luz indicadora no painel do carro, pois o fluido de freio, ao contrário de outros líquidos do veículo, não diminui com o uso, devido ao sistema de freio do carro ser fechado (estanque) (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(13) Pela defesa só **passou uma vista de olhos** e a matéria do ataque também não está propriamente na ponta da língua (Sketch Engine – Portuguese Web 2011).
(14) Dê um golpe seco e duro nas amarras que o prendem e siga serenamente seu caminho, sem **lançar uma olhadela** sequer sobre os pedaços da corrente caídos no chão (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(15) O jovem sacerdote **deitou uma olhadela** ao quarto vagão de mercadorias (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(16) – Eu quis conversar com os mais novos quartanistas. – **Deixei uma olhada** de canto para Marissa, e depois voltei a atenção para Rachel, que já se sentava ao meu lado com dois sanduíches triangulares. – Quebrar um pouco o ciclo, sabe? (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(17) E, pronta, **correu uma vista de olhos** pela menina, desenrugou-lhe a saia, consertou-lhe melhor os cabelos e, readquirindo o seu ar tranqüilo de mulher ajuizada, tomou-a pela cintura e levou-a vagarosamente até à sala de jantar, para tomarem vermute com gasosa (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).

Percebemos que, com a expressão "passar uma vista de olhos", há uma superficialidade na forma como o evento é apresentado, o olhar como uma pincelada. No uso de "lançar uma olhadela", a cena de visão é perspectivada como algo mais intenso, veloz e com certa força, como um movimento balístico. No dado que envolve "deitar uma olhadela", há indicação de inclinação do olhar, de modo que assuma determinada posição sutilmente. No uso da expressão "deixar uma olhada", encontramos a ideia de que o olhar é algo que pode ser colocado lentamente de lado. Por fim, em "correr uma vista de olhos", o estado de coisas relacionado à visão é posto com o acréscimo da noção de velocidade do olhar.

Embora haja uma variedade de expressões a serviço da percepção visual, Travassos (2023) indica que predicadores complexos com verbo suporte desse tipo predominantemente ocorrem com o verbo suporte "dar". Além disso, há evidências, nessa mesma pesquisa, de que, por um lado, enquanto "dar uma olhada" e "dar uma olhadinha" são expressões mais comuns no português do Brasil; por outro lado, "dar uma olhadela" e "dar uma vista de olhos" são mais frequentes no português de Portugal. Ressaltamos, neste ponto, que pesquisas acerca dessa construção em países do Sul global com usuários da língua portuguesa, diferentes de Brasil e Portugal, como em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, ainda são raras.

Numa perspectiva comparativa, encontramos construções com verbo suporte em diversas línguas para além do português, assim como em outras variedades do português, diferentes da do Brasil (cf. exemplos de usos dessa expressão em línguas como francês, inglês, espanhol, italiano, russo, alemão, farsi, grego antigo, latim, hindi, irlandês, dinamarquês, persa, turco, japonês, coreano, árabe, caxemira, naija, lhasa tibetano, hebreu e em variedades do Português, como a portuguesa, presentes em Travassos, 2023, p. 105-107, para uma lista não exaustiva de línguas e variedades em que tal construção ocorre).

À semelhança do português, no inglês, há diversas estruturas de construções com verbo suporte de percepção visual, como em "take a look", "have a look", "give a look", "get a look", "dart a look", "steal a look", "sneak a look", "cast a look", "shoot a look", "throw a look". Segundo Travassos (2023), a forma predominantemente mais frequente é "take a look", a qual põe em evidência a ideia de que o olhar é algo que pode ser tomado para si, sendo voltado ao sujeito enunciador. A seguir, podemos ver alguns exemplos de usos e suas respectivas traduções.

(18) a. *The first thing we want you to do is to* ***take a look*** *at your website and see if it really needs all the functions that the website provides* (Sketch Engine – English Web 2021).
b. A primeira coisa que queremos que você faça é dar uma olhada no seu site e ver se ele realmente precisa de todas as funções que ele oferece.

(19) a. ***Have a look*** *around this site and you'll be able to find out what it's like to work here from the people themselves.* (Sketch Engine – English Web 2021)
b. Dê uma olhada neste site e você poderá descobrir como é trabalhar aqui, através das próprias pessoas.

(20) a. *This collection of memes* ***gives a look*** *at the growth of the televised universe over the past five years, bringing old characters and forgotten moments back to the fore* (Sketch Engine – English Web 2021).
b. Esta coleção de memes dá uma olhada no crescimento do universo televisivo nos últimos cinco anos, trazendo personagens antigos e momentos esquecidos de volta à tona.

(21) a. *The space under consideration was a former Sunday School classroom; when I first* ***got a look*** *at the space it was being used for storage, and looked like this* (Sketch Engine – English Web 2021).
b. O espaço em questão era uma antiga sala de aula da Escola Dominical; quando o vi pela primeira vez, ele estava sendo usado para armazenamento e parecia assim.

(22) a. *"Oh," she* ***darted a look*** *at her watch, the first sign of agitation I'd seen in her* (Sketch Engine – English Web 2021).

b. "Ah", ela olhou rapidamente para o relógio, o primeiro sinal de agitação que vi nela.

(23) a. *Here and there, a child managed to **steal a look** through the windows or through the chinks between the logs* (Sketch Engine – English Web 2021).

b. Aqui e ali, uma criança conseguia espiar pelas janelas ou pelas frestas entre os troncos.

(24) a. *When he finally built the courage to **sneak a look**, he caught her eyes darting away* (Sketch Engine – English Web 2021).

b. Quando ele finalmente criou coragem para dar uma olhada, percebeu que os olhos dela estavam se desviando.

(25) a. *I would like to abolish the taboos that have prevented serious researchers and honest doctors to **cast a look** at it, to consider it, and to help them to solve as I did, the mystery surrounding this discovery* (Sketch Engine – English Web 2021).

b. Gostaria de abolir os tabus que impediram pesquisadores sérios e médicos honestos de dar uma olhada nisso, de considerá-lo e de ajudá-los a resolver, como eu fiz, o mistério que cerca essa descoberta.

(26) a. *Aragorn **shot a look** at them, a look that froze their blood* (Sketch Engine – English Web 2021).

b. Aragorn lançou-lhes um olhar que gelou o sangue deles.

(27) a. *JD began looking confused and uncertain but Maude just **threw a look** to the heavens for strength and hissed* (Sketch Engine – English Web 2021).

b. JD começou a parecer confuso e incerto, mas Maude apenas lançou um olhar para o céu pedindo força e sibilou.

Por meio desses exemplos, percebemos que o evento de percepção visual no inglês está ligado a algo que pode ser tomado para si ou carregado consigo (como em "take a look", "have a look", "get a look"), como apontamos anteriormente, ou como algo que pode ser destinado a outrem (como em "give a look"), indicando uma transferência metafórica de posse, ou seja, o olhar, não sendo algo concreto, mas abstrato, poderia ser transferido. Nesse último caso, essa transferência pode se dar, de certa maneira, escondida, como se fosse algo proibido (como em "steal a look",

"sneak a look") ou como algo que pode ser velozmente lançado ou jogado em determinada direção, tal como uma bola, uma flecha ou uma bala de arma, retratando um movimento balístico (como em "dart a look", "cast a look", "shoot a look", "throw a look"). Assim, fica claro que há uma ligação entre percepção visual e movimento físico concreto em determinado espaço.

Apesar de a construção com verbo suporte ser mais frequente com o elemento nominal *look*, há, de acordo com o *Cambridge Dictionary*, sinônimos para esse nome que também ocorrem na perífrase verbo-nominal em foco, tais como *peek*, *glance*, *peep*, *stare* e *gaze*. Observemos os exemplos que seguem e suas traduções:

(28) a. ***Take a peek*** *into our basements and see the conveyor belt system – which transports books to and from Reading Rooms – in action...* (Sketch Engine – English Web 2021).
b. Dê uma olhada em nossos porões e veja o sistema de esteira transportadora – que transporta livros de e para as salas de leitura – em ação...

(29) a. *Today we* ***get a glance*** *at the up and coming KD 9 "Oreo", a couple that brings back the recognizable high-differentiate high contrast Flyknit look highlighting a 50/50 split of strong dark by the impact point and a marbled blend of the two shades on the forefoot and toe* (Sketch Engine – English Web 2021).
b. Hoje daremos uma olhada no promissor KD 9 "Oreo", um par que traz de volta o visual Flyknit de alto contraste e alta diferenciação, destacando uma divisão 50/50 de escuro forte no ponto de impacto e uma mistura marmorizada dos dois tons no antepé e na ponta do pé.

(30) a. *Queen Dua is letting us* ***take a peep*** *at her new music during her Jimmy Kimmel Live guest-hosting gig* (Sketch Engine – English Web 2021).
b. A Rainha Dua está nos deixando dar uma olhada em sua nova música durante seu show como apresentadora convidada no Jimmy Kimmel Live.

(31) a. *I scooped her up and sat down on a chair and let her* ***have a stare*** *fest with the world until she got a bit squirmy, then I brought her inside* (Sketch Engine – English Web 2021).

b. Peguei-a no colo, sentei-me numa cadeira e deixei-a encarar o mundo até ela ficar um pouco inquieta, depois levei-a para dentro.

(32) a. *Let's **cast a gaze** forward to the first few days of Joe Biden's presidency for a glimpse at how dramatic a departure we're about to witness from the "America First" era* (Sketch Engine – English Web 2021).

b. Vamos dar uma olhada nos primeiros dias da presidência de Joe Biden para ter uma ideia de quão dramática será a mudança que estamos prestes a testemunhar da era "América em Primeiro Lugar".

Enquanto, no português, o evento de percepção visual é predominantemente tratado como transferência metafórica do olhar e, no inglês, na maior parte das vezes, como algo que pode ser tomado para si; no francês, tal cena é perspectivada, principalmente, a partir da ideia de que o olhar consiste em algo que pode ser lançado ou jogado, como em "jeter un œil", "jeter un coup d'œil" e "lancer une œillade", embora, no francês, também haja expressões com verbo suporte que trazem a perspectiva da cena de visão como algo que pode ser carregado, como em "porter un regard", enviado/endereçado/transferido para outrem, como em "donner un regard", "adresser une œillade", "livrer un regard", como algo suavemente posto, como em "poser un regard" ou simplesmente deslizado, como em "glisser une œillade". Observemos os exemplos que seguem:

(33) a. *Les puristes de RuneQuest verront ici une hérésie, mais qu'ils **jettent un œil** aux fiches d'équipement et de magie avant d'aller plus loin* (Sketch Engine – French Web 2017).

b. Os puristas do RuneQuest verão heresia aqui, mas eles devem dar uma olhada no equipamento e nas fichas mágicas antes de prosseguir.

(34) a. *Gageons qu'ils arriverons à **jeter un coup d'œil** sur les jolis paysages qu'ils rencontreront durant les 190 km* (Sketch Engine – French Web 2017).

b. Apostamos que eles conseguirão apreciar as belas paisagens que encontrarão ao longo dos 190 km.

(35) a. *S'interroger sur la mode, c'est donc aussi* ***porter un regard*** *critique sur les paradigmes historiques, les choix intellectuels, les idées à la mode ou passées de mode...* (Sketch Engine – French Web 2017).

b. Questionar a moda, portanto, também significa lançar um olhar crítico sobre paradigmas históricos, escolhas intelectuais, ideias da moda ou ultrapassadas...

(36) a. *Elle parut sensible au martyre que j'éprouvais, et, comme pour m'encourager, elle me* ***lança une œillade*** *pleine de divines promesses* (Sketch Engine – French Web 2017).

b. Ela parecia sensível ao martírio que eu estava vivendo e, como que para me encorajar, lançou-me um olhar cheio de promessas divinas.

(37) a. *Deux yeux en amande et bleus clairs, lui* ***donne un regard*** *froid* (Sketch Engine – French Web 2017).

b. Dois olhos azuis claros e amendoados lhe dão um olhar frio.

(38) a. *Reportages et éditoriaux de Dominique Bruneau, au fil desquels elle vous* ***livre son regard*** *sur le monde, la société, ... et la vie sur cette planète Terre* (Sketch Engine – French Web 2017).

b. Relatórios e editoriais de Dominique Bruneau, nos quais ela dá sua visão do mundo, da sociedade... e da vida neste planeta Terra.

(39) a. *L'homme* ***posa son regard*** *sur elle et sembla s'apaiser en la voyant obtempérer* (Sketch Engine – French Web 2017).

b. O homem olhou para ela e pareceu se acalmar quando a viu obedecer.

(40) a. *Au moment où elle* ***glissait son oeillade*** *entre ses cils, elle vit N.S. la regarder avec une douceur et une bienveillance infinies, et elle sut qu'elle voyait pour la première fois ce qu'elle s'ingéniait à imiter; elle sut aussi que toute la sincérité de tous les regards d'amour était le reflet de ce regard-là* (Sketch Engine – French Web 2017).

b. Ao deslizar o olhar entre os cílios, ela viu Nosso Senhor olhando para ela com infinita gentileza e bondade, e soube que estava vendo pela primeira vez o que estava tentando

imitar; ela também sabia que toda a sinceridade de todos os olhares amorosos era um reflexo daquele olhar.

(41) a. *Pourtant, quand au détour d'un air que nous aimions, je me retournais vers mon fils pour lui* ***adresser une oeillade*** *de connivence, avant de reprendre ma danse un rien déjantée façon "The Clash" années 80, j'étais tout simplement heureux* (Sketch Engine – French Web 2017).

b. No entanto, quando, ao virar uma música que gostávamos, me virei para meu filho para lhe dar um olhar cúmplice, antes de retomar minha dança um pouco louca no estilo de "The Clash" dos anos 80, fiquei simplesmente feliz.

No espanhol e no italiano, também encontramos construções semelhantes, respectivamente, "echar una mirada" ("lançar uma olhada") e "dare un'occhiata" ("dar uma olhada"), cujos elementos nominais da perífrase são compostos por sufixos diminutivos, como nos exemplos que seguem:

(42) a. *Un poco más adelante añade, completando su pensamiento, lo que sigue: "Basta* ***echar una mirada*** *sobre el conjunto de doctrinas religiosas para ver cuánta es su variedad; pero el estado del alma y la vida práctica apenas varían cuando se los estudia en los grandes santos, ora sean cristianos, ora estoicos, ora budistas* (Sketch Engine – Spanish Web 2023).

b. Um pouco mais adiante, completando seu pensamento, ele acrescenta o seguinte: "Basta dar uma olhada no conjunto das doutrinas religiosas para ver quão variadas elas são; mas o estado da alma e a vida prática dificilmente variam quando são estudadas nos grandes santos, sejam eles cristãos, estóicos ou budistas.

(43) a. *Potrai inoltre* ***dare un'occhiata*** *alle migliori sale dei casinò in cui giocarci, proprio qui di seguito* (Sketch Engine – Italian Web 2020).

b. Você também pode conferir as melhores salas de cassino para jogar, logo abaixo.

Cabe mencionar, ainda, o uso de estruturas nominais para a expressão de percepção visual, cuja forma é Nome + Sintagma Preposicional, como no exemplo 44 a seguir; construções com verbo semi-suporte[5], como em 45, 46, 47, 48, com nuances de sentido mais específicas, que trazem um impacto de significado maior; e estruturas com elemento de negação, como em 49, 50 e 51 a seguir.

(44) Miradouro em Cachaço Situado no chamado "Caminho Novo", tem **vista** sobre o vale de Ribeira Brava e também sobre a vila (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(45) A rapariga, alem de bonita era afoita, pôs a mão da anca na boa tradição das varinas e **devolveu o olhar** ao russo (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(46) Para reengatar a conversa, a menina **correu olhos** ao redor, e, algo aflita, o único fato que percebeu e que ainda não tinha sido tema da conversa, foi o pastar de uma vaca e uma ovelha em frente à casa de Hélio Rodrigues (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(47) Adriano **cravou os olhos** em Rosinha; Rosinha por acaso olhou, e deixou-se ir naquele embriagante êxtase, incompreensível para a sua alma ignorante e pura (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(48) Com que emoção mal contida deverá o grande escritor, tão modesto e tão simples, **percorrer os olhos** por essas páginas destinadas à sua pessoa, ele que sempre se oculta, fugindo a qualquer forma de publicidade! (Sketch Engine – Portuguese Web 2023)
(49) **Não desviava o olhar**, e apenas se aproximava, quando decidiu finalmente perguntar: - Sasame ?! (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(50) Na praia, **não tira os olhos** das crianças, dividindo a atenção com a mulher (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(51) Contei para as crianças da minha rua e elas **não desgrudaram os olhos** de mim (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).

Assim, fica evidente que há diversas estratégias linguísticas morfossintáticas de codificação da noção de percepção visual em

[5] Verbo semi-suporte é aquele menos frequente se comparado ao verbo suporte, que geralmente ocorre na construção. São verbos atípicos, com significado mais específico, que se compatibilizam à construção.

línguas e variedades linguísticas diferentes. Convidamos os leitores interessados a buscar ainda outros recursos linguísticos possíveis para expressão desse sentido básico do ser humano, que é a visão, fornecendo perspectivações diferentes sobre um mesmo evento, sem perder de vista os impactos culturais na ligação com a linguagem.

4. Aplicação

De modo a pôr em prática os conhecimentos adquiridos ao longo deste capítulo, apresentamos, a seguir, três propostas de questões e, em seguida, alguns encaminhamentos em relação às respostas que esperamos em cada uma.

Questão 1

Leia a crônica a seguir. Explicite, a partir deste texto, pelo menos três construções morfossintáticas diferentes que foram acionadas na expressão da noção de percepção visual.

Um olhar dentre os olhares

**Por Gabriel Rodrigues Morais*

O homem acorda. O seu despertar é acompanhado por um sentimento inesperado: ele decide que, naquele dia, buscaria olhar as coisas de uma maneira diferente e ver tudo aquilo que os seus olhos impediram de enxergar no dia anterior. A cegueira que ele alegava ter não era visual, mas sim, de sentimentos, das sensações que só acontecem naqueles que ousam voltar a vista para a beleza das coisas simples da vida.

Ele caminha. Os passos guiam o homem para as memórias esquecidas. Ele já não é mais o mesmo. O tempo e os afazeres elencados como sendo os mais importantes haviam ocupado o espaço que outrora foi preenchido pelo afeto. Ao dar uma olhada na foto de sua filha criança em seus braços, lembrou que já foi um pai atencioso e tudo o que ele mais queria no fim do dia era poder sentir o seu abraço. "As horas foram cruéis comigo", pensou ele, "pois elas não me deixaram perceber que eu era feliz e não sabia", disse o

homem, enquanto lamentava não poder mais repetir aquele mesmo momento.

Ao sair de casa, percorrem seus olhos o sol, revelando percepções que antes ele ignorava: os pássaros que anunciam a chegada de mais um dia; as rosas que desabrocham para serem contempladas pelos humanos; o cheiro do café e do pão com manteiga que trazem a recordação de uma infância humilde, mas rica de felicidade.

Ele quer fechar os olhos. Quer esquecer que um dia disse que não tinha tempo para viver como queria. A sua vontade de ganhar poder, prestígio e ascensão diante de seus pares transformaram-no no reflexo daquilo que muitos desejam ser. E depois de serem isso, poucos são os que querem seguir assim. Ele então chega a uma decisão. Desistiu de ser apenas mais um olhar dentre os olhares que enxergam as mesmas coisas. Decidiu ter um olhar que tem muito a dizer, mesmo sem pronunciar uma só palavra.

(Fonte: https://www.blogdajuliska.com.br/cronica-um-olhar-dentre-os-olhares/. Acesso em: 28 fev. 2025, adaptado).

Questão 2

Explicite as nuances de sentido relacionadas ao evento de percepção visual expressas por meio de construções com verbo suporte a partir das instanciações que seguem.

(1) Agora **dá uma olhadinha** como é que seu PDT votou na Câmara essas propostas de reduzir o imposto dos combustíveis e aumentar o auxílio do Brasil (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).

(2) **Passando uma vista de olhos** à caixa de correio electrónico deparei com uma mensagem com o assunto "eu sei o que lhe vai acontecer em 2014" de um "serviço" de vidência personalizada (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).

(3) Debruçado sobre a mesa com a pena suspensa, Jukes **lançou uma olhadela** para fora da porta e na moldura da sua visão viu todas as estrelas voarem para cima entre as ombreiras de teca num céu negro (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).

(4) Mas, se ela se permite errar a vista, ofende-se se eu me ergo no banco para **deitar uma olhadela** ao padre (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).

(5) Dash **deixou uma olhada** sobre ela (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
(6) Lembrou-se, todavia, de aproveitar a insônia para **correr uma vista de olhos** pela lição; acendeu a vela, corajosamente, assentou-se à mesinha que havia no quarto e abriu um compêndio (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).

Questão 3

Numa perspectiva comparativa interlinguística entre português, inglês, francês, espanhol e italiano, analise os dados que seguem, comumente acionados na expressão da percepção visual por meio de predicadores complexos com verbo suporte, e indique as principais nuances de sentido na perspectivação do evento de visão nas codificações linguísticas acionadas.

(1) Antes do final da temporada ir ao ar, vamos **dar uma olhada** na data de lançamento e tudo o que podemos esperar dele! (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).

(2) *Let us first* ***take a look*** *on the idea of using specific schemas and vocabularies to describe digital resources* (Sketch Engine – English Web 2021).
Vamos primeiro dar uma olhada na ideia de usar esquemas e vocabulários específicos para descrever recursos digitais.

(3) *Ils ont* ***jeté un oeil*** *à l'installation du domicile, puis sont partis bidouiller les branchements de l'immeuble et du central : la Freebox est revenu à son état normal mais ils ne sont pas repassés, et nous n'aurons même pas eu droit à une explication* (Sketch Engine – French Web 2017).
Eles deram uma olhada na instalação da casa, depois foram mexer nas conexões do prédio e da central telefônica: o Freebox voltou ao normal, mas eles não voltaram, e nem nos deram uma explicação.

(4) *En una tienda tradicional, cualquiera puede* ***echar una mirada*** *a los productos sin que nadie sepa, en realidad, qué está haciendo* (Sketch Engine – Spanish Web 2023).

Em uma loja tradicional, qualquer pessoa pode olhar os produtos sem realmente saber o que está fazendo.

(5) *È bastato* ***dare un'occhiata*** *in profondità tra le risorse di sistema per incappare in riferimenti parecchio interessanti che ci consentono di prevedere con ragionevole margine di sicurezza le feature in arrivo con le future versioni di Apple Watch e iPhone* (Sketch Engine – Portuguese Web 2023).
Uma rápida análise dos recursos do sistema revela algumas referências muito interessantes que nos permitem prever com razoável confiança os recursos que virão com versões futuras do *Apple Watch* e do *iPhone*.

Encaminhamento em direção à resposta:

Questão 1
Esperamos que o discente consiga identificar construção com predicador simples, construção com predicador complexo com verbo suporte, construção com verbo semi-suporte e/ou nome.

Questão 2
Esperamos que o discente consiga associar a expressão "dar uma olhadinha" a um evento breve; "passar uma vista de olhos" a superficialidade; "lançar uma olhadela" a algo mais intenso, veloz e com certa força, como um movimento balístico; "deitar uma olhadela" a uma inclinação do olhar, de modo que assuma determinada posição sutilmente; "deixar uma olhada" a um olhar que pode ser colocado lentamente de lado, e "correr uma vista de olhos" à velocidade do olhar.

Questão 3
Esperamos que o discente enfatize em sua resposta que, enquanto, no português (1) e no italiano (5), o evento de percepção visual é predominantemente tratado como transferência metafórica do olhar; no inglês (2), na maior parte das vezes, é visto como algo que pode ser tomado para si; no francês (3) e no espanhol (4), tal cena é

perspectivada, principalmente, a partir da ideia de que o olhar consiste em algo que pode ser lançado ou jogado.

5. Palavras finais

Vimos, ao longo deste capítulo, que a noção de percepção visual pode ser expressa morfossintaticamente por meio de diferentes construções. Dentre elas, citamos construção com predicador simples, construção com predicador com verbo suporte, construção com verbo semi-suporte (com ou sem elemento de negação) e construção com nome. Ficou evidente que tais construções não ocorrem somente no português, havendo também uma gama diversa de estruturas a serviço da expressão de percepção visual em diversas línguas, com ênfase aqui para o inglês e francês.

Notamos que, no português, no que diz respeito à perspectivação do evento de percepção visual, quando tratamos especificamente de construções com verbo suporte, há um foco na transferência do "olhar"; enquanto que, no francês, há ênfase na intensidade e força de lançamento do "olhar" e, por fim, no inglês, há destaque para a ação de pegar o "olhar" para si. Desse modo, conseguimos captar semelhanças e diferenças interlinguísticas e interculturais no que diz respeito ao fenômeno em foco, tendo em vista a variação linguística.

6. Para conhecer mais sobre o tema

De modo a aprofundarmo-nos no assunto em pauta, sugerimos as seguintes referências extras:

CAPPELLE, B.; TRAVASSOS, P. F. "Taking A Look At The Support Verb Construction V A Look: A Demonstration Of Methodology", p. 57-92. *Predicar*: uma rede de perspectivas metodológicas. São Paulo: Blucher, 2022.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista LinguíStica*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, dez de 2016, p. 152-170. ISSN 2238- 975X 1. [http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica]. 2016.

Referências

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for 'allostructions'. *In*: *Constructions* ***All Over***: Case Studies and Theoretical Implications, Doris Schönefeld (ed.). Disponível em: urn:nbn:de:0009-4-6839 (Special volume of Constructions SV1-7/2006.), p.1-28, 2006.

CAPPELLE, B. Looking into visual motion expressions in Dutch, English and French: How languages stick to well-trodden typological paths. Yo Matsumoto and Kazuhiro Kawachi (ed.) **Broader Perspectives on Motion Event Descriptions** (p. 235-279). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2020.

CORNILLIE, B. Evidentiality and Epistemic Modality in Spanish (Semi-) Auxiliaries. **A Cognitive-Functional Approach**. Mouton de Gruyter, Berlin, 2007.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**. A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work**: The Nature of Generalization in Language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
LEVSHINA, N. **How to do linguistics with R**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.
SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics***:* Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure, Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
MACHADO VIEIRA, M. dos S. A polifuncionalidade do verbo fazer. *In*: Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 5, 2002, Curitiba, PR. **Anais**... Curitiba-PR: Mídia Curitibana, p. 895-904, 2003.
MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicar com construção com verbo suporte. DE PAULA *et al*. (org.) **Uma história de investigações sobre a língua portuguesa**: homenagem a Silvia Brandão. São Paulo: Blucher, 2018, p. 90-112.
MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. *In*: MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. **Dimensões e Experiências em Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Ed. Blucher, 2019.
MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicação por Predicador Simples e Predicador Complexo. *In*: **Ensino de Português:** Predicar em (Con)texto. São Paulo: Blucher, 2022, p. 27-50.
MARCO, A. M.; JANSEGERS, M. From Visual Perception to Evidentiality: A Functional Empirical Approach to Se ve Que in Spanish. **Lingua**, vol. 220, mar. 2019, p. 76–97.
KOTWICA, D. From seeing to reporting: grammaticalization of evidentiality in Spanish constructions with ver ('to see'). *In*: MARÍN-ARRESE, J. I. *et al*. (Ed.). Evidentiality and Modality in European Languages. **Discourse-pragmatic Perspectives**. Peter Lang, Bern, 2017, p. 87-109.
TRAVASSOS, P. F. **Predicadores complexos de percepção visual em Português, Francês e Inglês**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

A caracterização da mulher via construções de representação[1]

Jeane Nunes da Penha
Universidade Federal do Rio de Janeiro, CAPES

Resumo: Neste capítulo focalizamos construções complexas com os verbos suporte *fazer* do português e *hacer* do espanhol, que em determinados contextos de processamento indicam representação. Para exemplificação, selecionamos uma variedade de textos (escritos e orais) retirados de fontes *online*, como jornais, redes sociais, *Google imagens*, relacionados ao comportamento da mulher na sociedade a fim de demonstrar de que forma a caracterização do *fingir ser o que não é* está associada à imagem feminina na sociedade. Ao final, apresentamos algumas atividades de modo a oferecer a docentes e discentes uma maneira reflexiva de abordar tais construções em sala de aula.

1. Considerações iniciais

"Fulana está se fazendo de vítima", *"Fulana se faz de difícil"*, você já ouviu e/ou já usou esse tipo de expressão em algum momento numa dada interação? Tais padrões, intitulados aqui como CONSTRUÇÕES DE REPRESENTAÇÃO, vêm sendo frequentemente utilizados por falantes para indicar que uma pessoa finge/aparenta ser o que não é. Na maioria dos casos, a intenção por trás do uso desses padrões construcionais é criticar um determinado referente, uma vez em que o falante não se convence do comportamento que está sendo apresentado durante a comunicação. As construções de representação podem ser encontradas nas línguas românicas, como o português, o espanhol, o italiano e o francês. A título de ilustração, neste trabalho, apresentaremos usos oriundos do português e do espanhol.

[1] https://doi.org/10.51795/978652652047583100

A fim de corroborar o uso das construções morfossintáticas que traduzem representação, lançaremos mão ao longo de todo o capítulo de exemplos retirados de circunstâncias reais de uso. Para isso, selecionamos fragmentos de textos (escritos e orais) retirados de fontes *online*, tais como jornais, redes sociais, *Google imagens*, relacionados à mulher para tentarmos observar, mesmo que de forma breve, como a figura feminina é caracterizada na sociedade atual[2].

Para nos aquecer sobre o tema, vamos pensar os usos destacados em (1) e (2), em que os verbos *fazer* e *hacer* funcionam como suportes, pois perdem algo de sua significação primária (*produzir alguma coisa)* e compõem junto ao elemento nominal um predicador complexo (Neves, 2011; Machado Vieira, 2018) para indicar uma representação:

Exemplo (1)



Fonte: https://www.instagram.com/canaldo_rafa/reel/DGaN0oJzr5P/. Acesso em: 24 fev. 2025.

[2] Cabe salientar que os usos que serão apresentados ao longo deste capítulo representam apenas um recorte. De modo algum defendemos que as construções de representação são associadas somente à figura feminina, pois qualquer falante, independente do gênero, pode apresentar um comportamento simulado.

Exemplo (2)



Fonte: https://www.instagram.com/cronicasconnova/reel/DACQ4eMPAGq/. Acesso em: 24 fev. 2025.

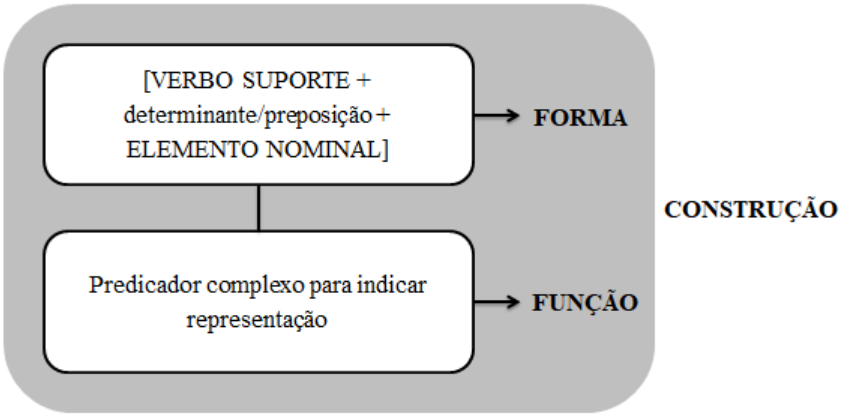
Ao se fazer de vítima um falante busca, de alguma maneira, condicionar o sentimento de piedade do outro para si com o intuito de esquivar-se de erros. Com isso, notamos que ambos os fragmentos se referem a críticas relacionadas ao comportamento de figuras femininas, pois a imagem de vítima que elas tentam transparecer – que vai desde gestos e palavras verbalizadas – não convence seus interlocutores, por isso são criticadas por simular algo que não condiz com as suas realidades.

2. Um pouco de teoria

Você deve ter notado que, anteriormente, nos referimos aos usos em foco como construções. Mas afinal, o que são construções? Construções são unidades simbólicas dotadas de atributos formais (fonético-fonológico, morfológico, morfossintático, sintático e lexical) e funcionais (semântico, pragmático, discursivo, cognitivo e social). Podem exibir diferentes complexidades, pois vão desde unidades menores, como os morfemas, até unidades maiores, como no caso das construções de representação (Goldberg, 1995, 2006;

Traugott; Trousdale, 2013). Para melhor compreensão, no Diagrama 1 demonstramos a forma e a função das construções de representação:

Diagrama 1 - Polo formal e funcional da construção de representação

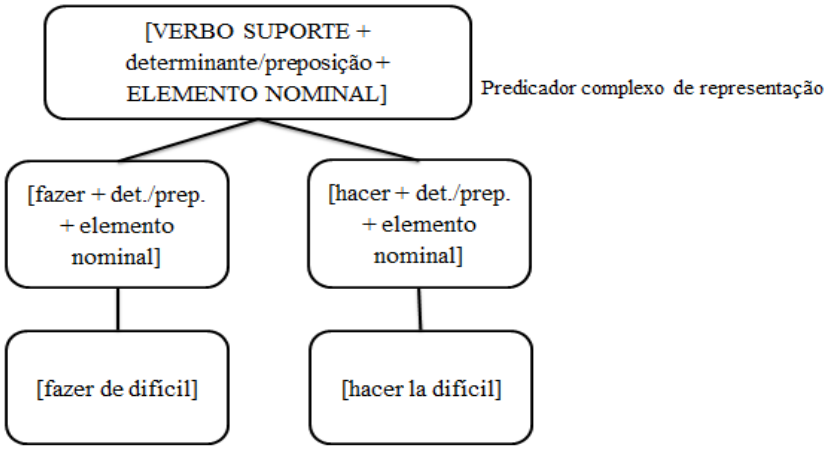


Fonte: Elaboração da autora.

O nosso acervo linguístico é composto por infinitas construções gramaticais que estão arquitetadas como uma espécie de rede, havendo diferentes *links* (verticais e horizontais) entre elas. Nessa rede mental, as construções estão organizadas em diferentes níveis a depender do grau de abstração que elas apresentam, portanto, quanto mais abstrata é a construção mais alta ela estará na rede, quanto mais concreta mais baixa[3]. Vamos analisar o Diagrama 2:

[3] Traugott; Trousdale (2013) ilustram quatro níveis de abstração construcional: (i) macroconstrução, está no nível mais alto da projeção, a mais abstrata, ou seja, a que expressa mais possibilidades de preenchimento nos *slots* aos quais se compatibilizam unidades linguísticas; (ii) mesoconstrução, subesquema construcional, no qual observamos similaridades e dissimilaridades entre variadas construções; (iii) microconstrução, as construções individuais preenchidas; e (iv) construto, uso propriamente dito, isto é, manifestação em *corpus* sem nenhum grau de abstração.

Diagrama 2 – Exemplo de rede construcional



Fonte: Elaboração da autora.

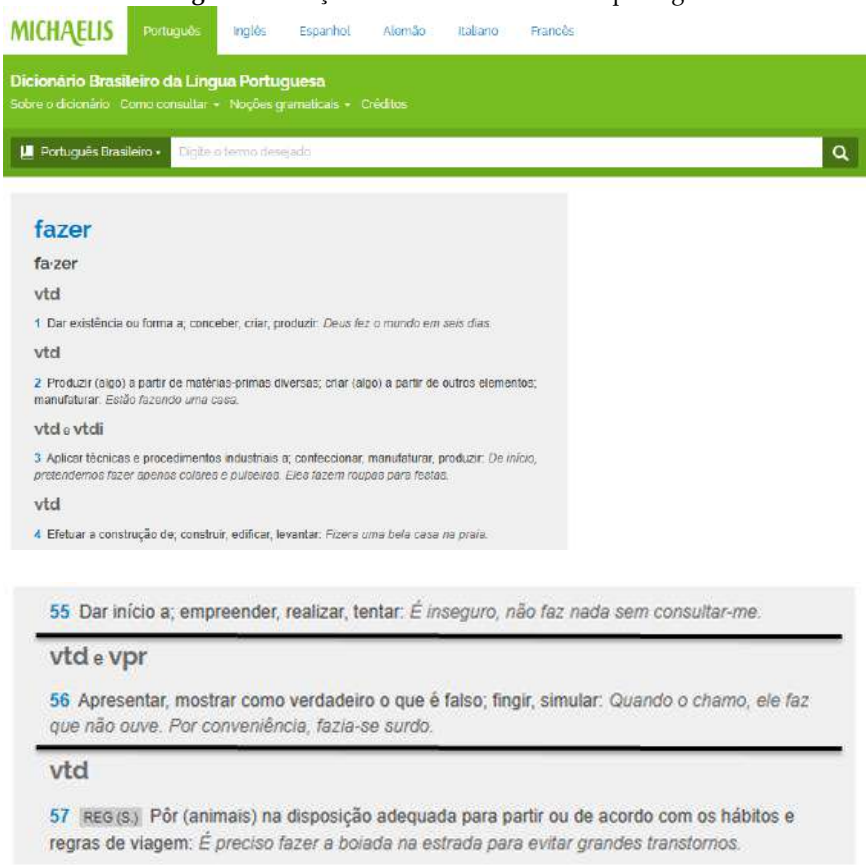
O grau de abstração está relacionado com o nível de preenchimento das construções gramaticais. Por isso, quanto menos preenchidas mais altas elas estarão na rede, quanto mais preenchidas mais baixas. De modo bem resumido, o Diagrama 2 exemplifica os diferentes níveis que as construções de representação podem apresentar. Além disso, ilustra que a unidade no nível mais alto pode licenciar usos em diferentes línguas[4]. Essa evidencia mostra que determinadas construções não são únicas de um idioma e/ou variedade (Höder, 2018) – como você deve ter notado ao se deparar com os exemplos (1) e (2), do português e do espanhol, respectivamente.

3. Abordagem do fenômeno

As construções de representação se tornaram tão recorrentes nas línguas que já são previstas em dicionários do português e do espanhol:

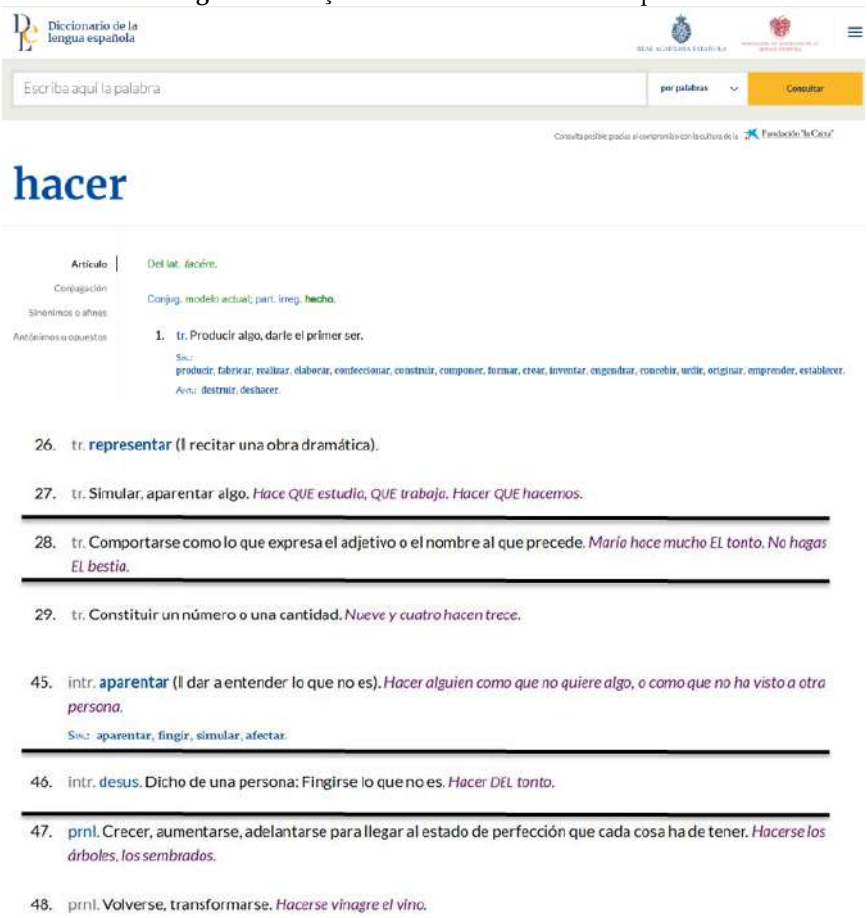
[4] Embora cada língua apresente especificidades que lhe são próprias, é possível traçarmos pontos de semelhanças entre os usos das construções de representação do português e do espanhol.

Imagem 1 - Função em dicionário *online* do português



Fonte: https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=fazer /. Acesso em: 24 fev. 2025.

Imagem 2 - Função em dicionário *online* do espanhol



Fonte: https://dle.rae.es/hacer?m=form/. Acesso em: 24 fev. 2024.

Nas Imagens 1 e 2, retiradas dos dicionários *online* Michaelis e Real Academia Española (RAE), notamos que os verbos *fazer* e *hacer* podem desempenhar, a depender do contexto de aplicação, diferentes funções, dentre elas, a de compor junto com um elemento nominal uma unidade predicante complexa que traduz representação. No português, a função 56 indica uso de fazer em estrutura de representação. No espanhol, as construções aparecem em dois momentos: funções 28 e 46.

No meio acadêmico, as construções de representação já são objeto de estudo. Penha (2021) realizou uma investigação de cunho socioconstrucionista de construções de representação no português com cinco verbos suportes: *dar*, *fazer*, *passar*, *posar* e *tirar* (como, *dar uma de louca, fazer-se de burra, passar-se por coitadinha, posar de sonsa* e *tirar de vítima*). A variabilidade de verbos que podem preencher a construção em questão evidenciou à alta frequência dos usos. Como mencionado na segunda seção deste capítulo, as construções de representação não são utilizadas especificamente por falantes do português, mas também por falantes do espanhol. Penha & Machado Vieira (2022) e Penha (2023) defendem tal tese apresentando semelhanças e dissemelhanças entre os atributos que compõem os padrões focalizados. Observe os exemplos de (3) a (8):

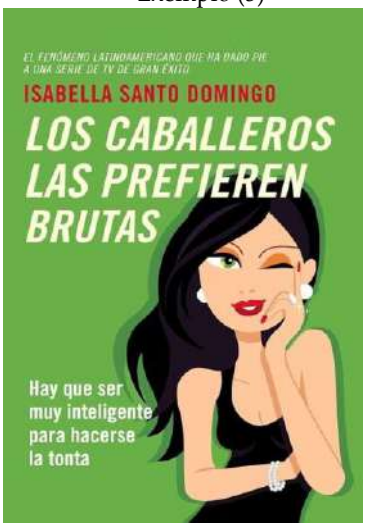
Exemplo (3)



Exemplo (4)



Exemplo (5)



Exemplo (6)



Fonte: *Google imagens.* Acesso em: 25 fev. 2025.

Exemplo (7)



"porque as mulheres ***se faz de difícil****... na verdade é difícil pra você... ela não sentiu atraída, ela não sentiu atração. Ela só está fazendo isso porque ela não sentiu confiança. Se aparecer um cara com atitude ela vai ficar".*

Fonte: https://www.youtube.com/shorts/d51vSgu6rfg /. Acesso em: 25 fev. 2025.

Exemplo (8)



"Independientemente de las razones por las que una mujer ***se hace la difícil****, solo hay una manera de que se detenga y se involucre contigo por completo. Algo para que deje de actuar y sea sincera contigo respecto sus sentimientos* […]".
Fonte: https://www.youtube.com/shorts/NWHPlan3CPA /. Acesso em: 25 fev. 2025.

A partir dos exemplos, notamos que a caracterização da mulher se dá através do uso das construções *me faço de sonsa*, *se faz de sonsa*, *hacerse la tonta*, *hacer la tonta*, *se faz de difícil* e *se hace la difícil,* que são muito processadas em contextos que apontam que a figura feminina representa, simula um comportamento a fim de atrair o sexo oposto. Ainda que a modernidade esteja cambiando muitas ideias fixadas ao longo do tempo, hoje, culturalmente, quando falamos em conquista, as mulheres ainda são tidas como aquelas que mais fazem jogo duro, ou seja, fingem desinteresse como uma forma de tática de atração. Os usos de (3) a (8) confirmam essa premissa, uma vez que, a mulher, muitas vezes, tende a fingir que não dá importância a demonstração de interesse do homem quando, na verdade, não quer entregar sua verdadeira intenção: a de conseguir afeto, manter a atenção do outro, ser bajulada, etc.

4. Aplicação

Pensando em todo o exposto até aqui sobre as construções de representação, elaboramos três atividades que podem servir de guia para docentes. O intuito é instigar o aluno a refletir sobre tais usos na língua[5].

Atividade 1 – Leia e analise os quatro fragmentos retirados de diferentes fontes *online* de notícia e entretenimento e, em seguida, responda o que se pede:

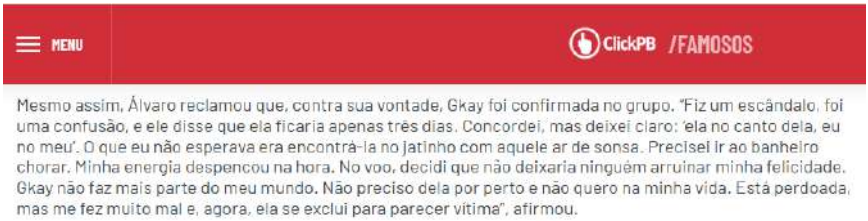


Fonte: https://revistaquem.globo.com/entretenimento/series-e-filmes/noticia/2025/02/diretor-de-emilia-perez-corta-relacoes-com-karla-sofia-gascon-ela-esta-se-fazendo-de-vitima.ghtml/. Acesso em: 24 fev. 2025.

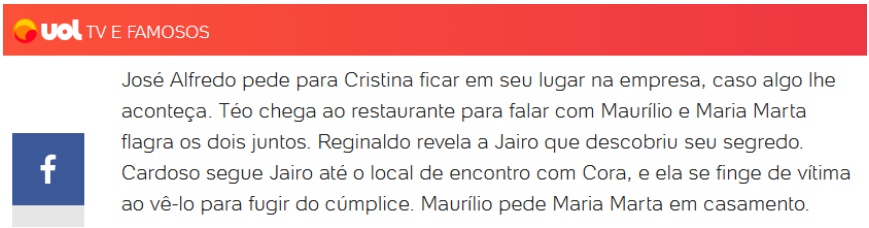


Fonte: https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/apos-brigas-cristina-se-recusa-a-participar-de-posse-de-macri-1jjv4uobyc7fkbhcqoujdlmga/ Acesso em: 24 fev. 2025.

[5] Sugerimos que as atividades sejam aplicadas em turmas de nível médio.



Fonte: https://www.clickpb.com.br/famosos/alvaro-detona-gkay.html (Acesso em: 24/02/2025).



Fonte: https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/07/30/imperio-resumo-do-capitulo-de-30-de-julho.htm /. Acesso em: 24 fev. 2025.

a) Há diferença de significado entre as expressões "*se fazendo de vítima*", "*vitimizar-se*", "*parecer vítima*" e "*se finge de vítima*? Justifique sua resposta.

b) Com base na sua percepção individual acerca dos usos observados na pergunta anterior, construa uma escala de frequência de uso pessoal. Explique o porquê de suas escolhas:

c)

Frequência	**Forma**	**Justificativa**
Muito usual		
Usual		
Pouco usual		
Nada usual		

Sugestão de gabarito:
a) Embora os quatro usos apresentem formas diferentes, todos se referem a críticas ligadas ao comportamento de alguma figura feminina. As referidas apresentam um tipo de comportamento que não condiz com suas

atitudes, ou seja, simulam um estado de vitimismo para condicionar o sentimento de piedade do interlocutor.
b) Não há resposta correta, visto que a escala de frequência é individual.

Atividade 2 – Observe os usos das construções *se fazer de difícil* e responda o que se pede:



Fonte: https://br.pinterest.com/gabyoliveirarh/memes-de-novelas/. Acesso em: 24 fev. 2025.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=_bwqPggOmQA/. Acesso em: 24 fev. 2025.

a) Em sua opinião, as formas estão empregadas no mesmo contexto discursivo? Justifique sua resposta.

b) Substitua as formas em destaque por outras que você acredite que possua o mesmo significado. Explique o porquê de suas escolhas linguísticas.

Sugestão de gabarito:
a) Sim. Em ambos os contextos as construções foram empregadas para sinalizar uma espécie de jogo de sedução que a figura feminina costuma realizar diante do sexo oposto. Porém, no meme essa atitude de agir como se não quisesse algo não se concretiza, uma vez que a fala da figura feminina contradiz a figura masculina. Na orientação exposta no vídeo a noção de simulação (demarcada, inclusive, pelo uso do verbo fantasiar) está mais concreta.
b) Alguns padrões esperados: dar uma de difícil, bancar a difícil, posar de difícil, passar por difícil, fingir-se de difícil.

Atividade 3 – Leia os dois trechos retirados de uma entrevista realizada com a atriz Marisa Orth em 2019. Em seguida, responda o que se pede:

(Trecho 1) Mas a Magda poderá aqui chamar a atenção, sobretudo numa fase em que o feminismo se empoderou, para a desigualdade?

Nós, mulheres, ainda somos minoria no sentido de termos poder, a gente tem menos poder do que os homens. Espero que isso não seja uma moda, assim como minorias raciais, minorias de orientação sexual, minorias de etnias, históricas, países, raças, tribos, enfim.

Mas a Magda é um caso à parte, uma deficiente mental, infeliz, com todo o respeito aos deficientes mentais, a Magda... ela não existe. **Ajuda para mostrar 'caricaturalmente' algumas garotas que acham que é um bom negócio se fazer de burra para conseguir**

privilégios. Mas no caso da Magda não é, ela tenta ser inteligente, mas não consegue.

(Trecho 2) Como é que os seus pais reagiram a isso?

O meu pai achou tudo bem, a minha mãe ficou horrorizada. Achava que eu ia acabar com a minha carreira. Não foi tão fácil assim. **Era casada, conversei com o meu marido, ele compreendeu e eu fiz o ensaio.** Fiz um contrato onde escolhi o fotógrafo, o diretor de arte, as fotos. A edição e os negativos são meus, até hoje.

a) Os usos com o verbo *fazer* nos fragmentos destacados possuem a mesma função? Justifique sua resposta.

b) Os usos com o verbo *fazer* se assemelham a nível sintático? Ou seja, ambos podem selecionar argumentos? Justifique sua resposta com exemplos do próprio trecho.

Sugestão de gabarito:
a) Não, pois no primeiro fragmento estamos diante de uma estrutura complexa com verbo suporte para indicar representação, ao passo que no segundo fragmento observamos um verbo pleno no seu sentido prototípico.
b) Sim, sintaticamente estruturas complexas com verbo suporte se assemelham a verbos plenos porque são capazes de selecionar argumentos. Se fazer de burra – "algumas garotas que acham que é um bom negócio" (sujeito); fiz – "eu" (sujeito); "o ensaio" (objeto direto).

5. Palavras finais

Depois desta leitura não dá pra *se fazer de desentendid(a/o)* né? Vimos que os verbos *fazer* e *hacer* podem desempenhar variadas funções a depender do contexto de aplicação, sendo uma delas, a de compor junto com um elemento nominal uma unidade complexa predicante que traduz representação, isto é, para indicar quando uma pessoa aparenta ser o que não é. Algumas dessas construções estão socialmente ligadas ao comportamento da

mulher, como por exemplo, *se fazer de difícil*, *se fazer de sonsa*, *hacerse la difícil* e *hacerse la tonta*, geralmente processadas em contextos que abordam temas como paquera, jogos de sedução. Por fim, elaboramos algumas atividades para auxiliar no tratamento das construções de representação em sala de aula, trazendo uma noção mais reflexiva do ensino de língua materna.

.

6. Para conhecer mais sobre o tema

Agora que você conhece as construções de representação quer descobrir um pouco mais sobre elas? Aqui vão algumas dicas de leituras que possam interessar:

Título	Referência
Motivação e não sinonímia em gramática de construções: o caso das construções [se fazer de x] e [dar uma de x]	CARVALHO, W. B. de; RUA, R. B.; PINHEIRO, D. O. R; OLIVEIRA, D. L. de. Motivação e não sinonímia em gramática de construções: o caso das construções [se fazer de x] e [dar uma de x]. *Confluência. Rio de Janeiro*: Liceu Literário Português, n. 68, p. 265-294, jan-jun, 2025.
Construções qualificadoras [V UMA DE X] no português brasileiro: uma análise centrada no uso	GOMES, A. S. *Construções qualificadoras [V uma de X] no português brasileiro*: uma análise centrada no uso. 2021. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Letras: Linguagens e Representações) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, 2021.

Padrões de uso da construção qualificadora [V UMA DE X]: um caso de variação construcional	GOMES, A. S.; KANTHACK, G. S. Padrões de uso da construção qualificadora [V uma de X]: um caso de variação construcional. *E-SCRITA*: Revista do Curso de Letras da Uniabeu, v. 12, p. 12-26, 2021.
Fazer(-se) de bobo, dar (uma) de bobo e passar(-se) por bobo: como funcionam?	PENHA, J. N. Fazer(-Se) de Bobo, Dar (Uma) de Bobo e Passar(-Se) Por Bobo: como funcionam? *E-SCRITA*: Revista do Curso de Letras da Uniabeu, v. 12, p. 27-40, 2021.
Vamos dar uma de cientista? Analisando predicadores complexos com verbos suportes	PENHA, J. N.. Vamos Dar uma de Cientista? Analisando Predicadores Complexos com Verbos Suportes. In: Machado Vieira, M. dos S. (org.). *Ensino de português*: predicar em (con)texto. 1 ed. Blucher, 2022, v. 1, p. 139-152.
Construções relacionais de fingimento e sua natureza semântico-pragmática disfórica/eufórica	RODRIGUES-PINTO, K. R. Construções relacionais de fingimento e sua natureza semântico-pragmática disfórica/eufórica. *Moara*, v. 65, p. 241-261, 2023.

Referências

GOLDBERG, A. **Constructions:** a construction grammar approach to argument structure. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work***:* the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.
HÖDER, S. Grammar is community-specific: Background and basics concepts os Diasistematic Construction Grammar. *In*: BOAS, H. C.; HÖDER, S. (ed.). **Constructions in contact***:* Constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages (Constructional approaches to Language 24), 37-70. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2018.
MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicar com construção com verbo suporte. *In*: DE PAULA, A. *et al* (org.). **Uma história de investigação sobre a língua portuguesa:** homenagem a Silvia Brandão. São Paulo: Blucher, 2018, p. 91-112.
NEVES, M. H. de MOURA. **Gramática de usos do português**. 2 ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.
PENHA, J. N. da. **Construções com verbos suportes***:* uma análise socioconstrucionista. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras UFRJ. Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), 2021.
PENHA, J. N. da; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicar via diaconstrução de representação em português e espanhol. *In*: MACHADO VIEIRA, M. dos S.; MEIRELES, V. (org.). **Variação em português e em outras línguas românicas.** São Paulo: Blucher, 2022, p. 303-328.
PENHA, J. N. Não se faz de difícil! / ¡No hagas el difícil! Vem conhecer uma análise diassistêmica!. **Reflexos**: revue pluridisciplinaire du monde lusophone, v. 6/ 2023, p. 1.
TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Construction changes**. GreatBritain: Oxford University Press, 2013.

Um montão de intensificadores no discurso jornalístico[1]

Déborah Ribeiro de Alvarenga
Universidade Federal do Rio de Janeiro, FAPERJ Nota 10

Resumo: Abordamos o uso de expressões idiomáticas como construções intensificadoras no discurso jornalístico em Português Brasileiro. No ensino do texto jornalístico, tais recursos costumam ser negligenciados, pois a abordagem didática privilegia aspectos estruturais e informativos do gênero. Assim, este capítulo mostra que esses idiomatismos desempenham um papel central na construção da força expressiva do discurso midiático. A análise de dados extraídos de veículos jornalísticos digitais evidencia que a intensificação é um fenômeno produtivo, atravessando diferentes registros e contextos formais e informais. Com isso, também propomos uma reflexão sobre a importância de incorporar a análise dessas expressões ao ensino do texto jornalístico, valorizando sua função argumentativa e expressiva na comunicação.

1. Considerações iniciais

Se você já leu uma manchete como "Inflação está nas alturas e preocupa economistas" ou "O filme que vai te fazer chorar litros", talvez não tenha parado para pensar na força dessas palavras. Mas o que significa, afinal, "estar nas alturas" quando falamos de inflação e preços? Ou "chorar litros" quando nos referimos a uma produção artística? Nenhuma delas é usada literalmente — e é justamente aí que mora o poder das construções idiomáticas de intensificação no discurso jornalístico.

Quando pensamos no jornalismo, geralmente imaginamos um texto objetivo, direto e formal. Como afirma Tavares (1997, p. 123), nesse gênero, "as normas linguísticas visam não a produção de um texto original ou criativo, mas um texto padronizado, que não

[1] https://doi.org/10.51795/9786526520475101120

chame a atenção sobre si, porém para a informação que carrega". Contudo, percebemos que o discurso jornalístico está cheio de expressões idiomáticas, muitas delas são combinações de palavras que usamos sem perceber e cujo significado vai além do óbvio. Dessa forma, expressões intensificadoras como "uma série de dados", "calor do cão" ou "andar quilômetros" aparecem constantemente em jornais, sites de notícias e telejornais. Elas servem para dar impacto ao que é dito, criar imagens mentais e prender a atenção do leitor. Afinal, o jornalismo não é só sobre fatos – é sobre como esses fatos são apresentados. Em outras palavras, para chamar a atenção do leitor e dar mais impacto às notícias, os jornalistas recorrem a expressões que aumentam a força da mensagem, como os próprios intensificadores.

Entretanto, dentro da sala de aula, a intensificação ainda é pouco explorada como um fenômeno presente em textos vinculados a certos registros, gêneros textuais ou domínios discursivos (como os de caráter mais formal, do gênero notícia, do domínio jornalístico – foco de nossa atenção neste capítulo). Muitas vezes, o ensino do texto jornalístico concentra-se na sua função informativa e na sua estrutura padrão – lide, pirâmide invertida e objetividade, por exemplo. Como resultado, os recursos intensificadores inovadores[2] acabam sendo vistos como traços de uma linguagem mais informal e subjetiva, algo que não caberia num perfilamento "tradicional" de jornalismo. Os alunos, por sua vez, aprendem que a notícia deve ser clara, informativa e sem marcas de subjetividade. Com isso, as expressões idiomáticas acabam ficando fora da discussão, apesar de elas serem um elemento essencial e serem muito mais frequentes no jornalismo do que imaginamos.

[2] Formas inovadoras (ou menos tradicionais) "estão relacionadas ao fato de um adjetivo, ou outra categoria qualquer, passar a ser empregado em outra posição linear com efeitos semânticos distintos daqueles de sua posição canônica" (Foltran; Nóbrega, 2016, s.n.).

Pense no seguinte: quando foi a última vez que você, como professor, parou para analisar por que um jornal diz que "os preços estão nas alturas" em vez de simplesmente dizer que "subiram muito"? Ou por que manchetes como "Eleições pegam fogo" ou "Tempestade castiga o litoral" são tão comuns? A verdade é que o jornalismo, mesmo quando pretende ser neutro, também usa essas expressões para dar ênfase, dramatizar e envolver o leitor. Esse uso do idiomatismo, muitas vezes, passa despercebido na sala de aula, pois o foco costuma estar nas estruturas mais "convencionais", "corretas" ou "formais" do texto jornalístico. Contudo, ao ignorar essas expressões, deixamos de lado um aspecto fundamental da linguagem: sua capacidade de criar imagens vívidas e transmitir emoções – e é justamente isso que faz do jornalismo algo tão próximo da nossa maneira de interpretar o mundo.

Agora que já percebemos essa presença dos idiomatismos nos jornais e notícias, vamos entender melhor o que são essas construções intensificadoras e como elas atuam no discurso jornalístico através de exemplos concretos. Nosso objetivo será mostrar que a intensificação é um fenômeno produtivo em diferentes textos e em diferentes variedades do Português Brasileiro, independentemente da formalidade do gênero, além de orientar os professores sobre como trabalhar com esses recursos dentro do discurso jornalístico na sala de aula.

2. Um pouco de teoria

O processo de intensificação na língua portuguesa refere-se a expressões de grau que envolvem o uso de elementos linguísticos para enfatizar, ampliar ou intensificar o significado de uma palavra ou expressão. Assim, consideramos as definições de gradação e intensificação feitas por Vieira e Machado Vieira:

> [...] constitui um recurso semântico-argumentativo muito produtivo na língua portuguesa, empregado para indicar que a dimensão ou a intensidade de dado elemento ultrapassa os limites do que se

concebe como relativamente normal/neutro a ele (Vieira; Machado Vieira, 2008, p. 63).

Essa estratégia discursiva é, definitivamente, uma das mais usadas em interações verbais. Ela é considerada um recurso "semântico-argumentativo" porque envolve a utilização de elementos linguísticos que aumentam a força expressiva de uma mensagem, potencializando seu impacto sobre o interlocutor. Assim, a intensificação altera o significado das palavras ou frases ao torná-las mais enfáticas, exageradas ou categóricas. Por exemplo, dizer "Ele é muito inteligente" ao invés de "Ele é inteligente" intensifica a qualidade atribuída à pessoa. Além disso, ao intensificar uma afirmação, o falante pode expressar maior certeza, urgência ou importância, o que pode influenciar a percepção e a reação do ouvinte ou leitor.

Entretanto, como afirma Gonçalves (2009), as gramáticas normativas não vão além de uma classificação estrutural ao tratar da gradação no português. Em outras palavras, elas limitam-se a apresentar uma lista de afixos (forma sintética) e construções sintáticas tradicionais (forma analítica) gradativas. O que percebemos, porém, é que existem inúmeras formas de adicionar uma carga emocional ou enfática ao discurso, a partir de recursos fonéticos, morfossintáticos e até semânticos. Assim, os intensificadores podem ser adjetivos, advérbios, expressões idiomáticas, fraseologismos, entre muitos outros recursos mais tradicionais ou mais inovadores. Interessam-nos, neste capítulo, as expressões idiomáticas.

O interesse pelas expressões idiomáticas levou à necessidade de representar o conhecimento linguístico de maneira construcionista. Nesse sentido, consideramos as expressões idiomáticas como unidades simbólicas multidimensionais da língua, pois combinam atributos de forma e função. Em certa medida, elas se distinguem de outras unidades linguísticas, já que sua composição tende a seguir um padrão menos regular, passando por um processo de cristalização de forma e sentido. Além disso,

seu aprendizado ocorre, em grande parte, por memorização, uma vez que falantes não nativos geralmente não deduzem seu significado a partir do sentido convencional de seus componentes:

> Expressões idiomáticas são unidades simbólicas: unidades de representação morfossintática que estão relacionadas com propriedades funcionais – semânticas ou discursivo-pragmáticas – ímpares, incomparáveis às de outras formas. Em outras palavras, são concebidas como combinações de vocábulos que se caracterizam multidimensionalmente: qualquer expressão idiomática se configura num continuum que lida com fatores de diferentes dimensões (fonético-fonológica, lexical, morfossintática, semântica, pragmática e cognitiva) (Machado Vieira, 2014, p. 106).

> Expressões idiomáticas são associadas também a unidades às quais se atribui sentido figurado. E são, sem dúvida, reveladoras de padrões da conceptualização humana, culturalmente determinados: estruturas conceptuais metafóricas e metonímicas. Tanto é assim que a compreensão do sentido de algumas delas por um estrangeiro não se dá com a mesma facilidade que ocorre entre falantes nativos de uma língua, pois envolve também uma experiência sócio-histórico-cultural que o falante estrangeiro normalmente não tem, pelo menos a princípio (Machado Vieira, 2014, p. 107).

Nesse contexto, as expressões idiomáticas são combinações de palavras que têm um sentido figurado, seja por associação de ideias (metonímia) seja por semelhança (metáfora). Elas seguem padrões influenciados pela cultura e podem ter significados mais ou menos fixos. Isso acontece porque, com o tempo, essas expressões vão sendo incorporadas à língua para atender às necessidades de comunicação e interação social. Esse processo faz com que diferentes formas de pensar e representar a realidade sejam ativadas na linguagem, ou por meio de metáforas ou por meio de metonímias.

Muitas expressões idiomáticas cumprem um papel intensificador (“fácil pra caramba”, “morrer de rir”, “chover litros

de água", entre várias outras). Para ilustrar, vejamos os trabalhos de Mota (2020) acerca de construções intensificadoras de emoções e sentimentos, do tipo "X de Y", em que o X é preenchido por uma cor e o Y por nomes diversos, como "vermelho de raiva", "rosa de vergonha" e "verde de nojo". Os resultados mostram que, em geral, elas são usadas para intensificar estados psicológicos, mais do que aspectos físicos ou fisiológicos. Entre os sentimentos intensificados, predominam os de carga negativa, como ciúmes, raiva e fome, embora também ocorram com sensações neutras, como saudades e vergonha, e, mais raramente, com emoções positivas, como amor e alegria. Além disso, em alguns contextos, essas expressões funcionam como variantes, perdendo a referência à cor original e assumindo unicamente o papel de intensificação — é o caso de "roxo/verde/azul de fome", em que o significado da cor deixa de ser relevante.

Além disso, Mota, Nunes e Machado Vieira (2023) concluem que a intensificação é um recurso amplamente usado no Português Brasileiro, aparecendo tanto na fala quanto na escrita, em diferentes perfis de falantes. Ela está presente em gêneros mais controlados e em outros mais espontâneos, atravessando registros formais e informais e se manifestando em diversos níveis da língua. Esse trabalho, portanto, revela como expressões idiomáticas podem ser utilizadas como intensificadores para reforçar, ampliar ou enfatizar determinada característica, emoção ou ideia em um enunciado, exercendo diversas funções na comunicação independentemente do grau de formalidade do discurso e gênero textual.

3. Abordagem do fenômeno

Nesta seção, analisaremos trechos extraídos de diferentes veículos jornalísticos para identificar como a intensificação se manifesta nesse contexto. Assim, serão observados idiomatismos que desempenham um papel crucial na construção do discurso midiático. O objetivo é compreender como essas construções são utilizadas no texto para enfatizar eventos, provocar emoções e, em

alguns casos, até mesmo direcionar a percepção do leitor. Vale ressaltar que todos os exemplos citados foram extraídos do meio *online* e são baseados em uso, ou seja, são exemplos reais do uso da linguagem cotidiana.

A coleta dos dados foi feita a partir de textos jornalísticos de várias regiões brasileiras, disponíveis em mídia digital, como o jornal *A Crítica* (Amazonas), Jornal *UNESP* (São Paulo), Jornal *UFLA* (Minas gerais), *O Sul* (Rio Grande do Sul), *Comunica Extensão* (Rio de Janeiro), além de sites e páginas de notícias como RJTV e G1. Depois de reunirmos a coleção de textos, estes foram separados conforme temática (educação, saúde, política, esportes, entretenimento, meio ambiente…). A terceira etapa foi analisar as construções intensificadoras presentes, formadas por expressões idiomáticas. Por fim, procuramos entender que efeito elas causam no texto e como contribuem para a formação do discurso.

Em primeiro plano, percebemos que a intensificação por meio de recursos mais inovadores é mais comum nas temáticas entretenimento, esporte, meio ambiente e educação, enquanto os textos referentes à política e saúde adotam intensificadores mais tradicionais, como certos adjetivos, advérbios e afixos. Isso provavelmente acontece porque as quatro primeiras áreas costumam buscar uma linguagem mais envolvente, dinâmica e acessível, o que permite a utilização de expressões inovadoras, criativas e até coloquiais. O uso da intensificação no jornalismo está diretamente relacionado ao tom e ao propósito comunicativo das editoras, as quais, muitas vezes, exploram o sensacionalismo leve, a proximidade com o leitor e a construção de narrativas mais emocionais, o que favorece a experimentação linguística.

Já as outras duas temáticas tendem a prezar pela credibilidade, seriedade e precisão. Nessas áreas, a escolha de intensificadores mais tradicionais reflete a necessidade de manter um tom objetivo e institucional, evitando excessos que possam comprometer a imparcialidade da informação. Além disso, essas editoras frequentemente lidam com dados, fatos e decisões oficiais, o que impõe um cuidado maior na escolha das palavras para evitar

interpretações equivocadas ou sensacionalismo exagerado. Outro fator relevante é o público-alvo, pois, enquanto matérias de entretenimento e esporte dialogam com um público mais amplo e descontraído, os textos de política e saúde frequentemente atingem leitores que esperam um conteúdo mais técnico, informativo e analítico. Isso influencia o grau de liberdade na escolha dos intensificadores e o estilo linguístico adotado.

Vejamos alguns exemplos extraídos de textos que tinham como área principal o entretenimento:

> (1) "Sob a curadoria do chef assador Edivaldo Caribé, os chefs apresentarão *uma verdadeira sinfonia de sabores amazônicos*, utilizando a técnica ancestral do 'moquém'" (A Crítica, 2024).
> (2) "BBB25! Resumo sincerão com *discussão acalorada* entre Aline e João Gabriel" (Correio Braziliense, 2025).

Os dois exemplos apresentam intensificadores que atuam de maneiras diferentes, ajustando o tom do discurso conforme o efeito desejado no leitor. Em (1), com a expressão "uma verdadeira sinfonia de sabores amazônicos", temos uma metáfora que amplia a experiência sensorial associando a culinária a um concerto musical sofisticado e harmonioso. Ademais, o uso de "verdadeira" reforça a autenticidade e grandiosidade da experiência gastronômica. Essa figura de linguagem cria um tom mais expressivo e persuasivo, convidando o leitor a imaginar sabores de maneira envolvente. Já "discussão acalorada", presente na manchete em (2), intensifica a ideia de conflito e emoção, sugerindo que a conversa entre os participantes do reality foi intensa. Esse tipo de intensificação busca engajamento e proximidade com o público por meio de linguagem informal e expressiva.

Logo, enquanto o primeiro exemplo aposta em uma linguagem mais elaborada e metafórica, o segundo recorre a um tom mais direto e popular, explorando a oralidade para capturar a atenção dos leitores de entretenimento. Isso ilustra como a intensificação se adapta ao contexto e ao público-alvo no discurso

jornalístico. Mesmo com a diferença no efeito promovido pelas expressões idiomáticas, ambas apelam para a emoção dos envolvidos no evento a fim de atrair o leitor. Outras estratégias semelhantes foram encontradas em textos onde a temática era "meio ambiente" ou "clima". Vejamos:

> (3) "apicultores e representantes da sociedade civil se manifestaram a favor da proibição do uso do fipronil e de outros agrotóxicos responsáveis pelos casos de mortes massivas de abelhas" (Jornal UNESP, 2024).
> (4) "Calor do cão: caramelo 'se recusa' a entrar em casa sem o ar-condicionado ligado" (RJTV, 2025).

O exemplo 3 refere-se aos debates sobre a utilização de agrotóxicos na agricultura. Neste caso, o adjetivo "massivas" tem a função de ampliar a noção de quantidade e impacto, sugerindo não só que as mortes das abelhas ocorreram em grande escala, como também de maneira alarmante. Ademais, o termo carrega um tom dramático e pode ser interpretado como uma estratégia retórica para aumentar a urgência da pauta. Poderiam ser usados sinônimos como "mortes em grande escala", "altas taxas de mortalidade" ou "perdas significativas", mas "massivas" tem um efeito mais imediato e expressivo. Assim, para além de chamar a atenção, a expressão ajuda a conscientizar o leitor sobre a problemática tratada.

Por sua vez, a manchete em (4) é convidativa por conta do seu tom humorístico. A construção "calor do cão" é uma expressão idiomática usada para descrever um calor extremo e insuportável, remetendo a uma associação popular entre o "inferno" e o sofrimento térmico. É também uma hipérbole humorística, pois houve a combinação de uma construção [X do Y] - formada por um substantivo relacionado à temperatura e um substantivo relacionado a um animal - com uma notícia sobre um cachorro agindo de forma quase humanizada. Porém, para além da brincadeira, a matéria enfoca o clima exuberantemente quente que

está fazendo no Rio de Janeiro. Essa estratégia torna a manchete mais envolvente e persuasiva, atraindo o público de forma descontraída.

Em jornais no qual a temática em foco era "educação", encontramos exemplos de expressões idiomáticas que, em diversas ocasiões, passam despercebidas justamente por serem tão comuns ao gênero. É o caso de:

> (5) "A ferramenta possibilita a consulta e a análise de *uma série de dados*, como o número de publicações científicas por faculdades e departamentos, o fator de impacto dessas produções ao longo dos últimos seis anos, os pesquisadores em destaque, os departamentos com pesquisas mais robustas, entre outros" (Jornal UFLA, 2023).
> (6) "No Colégio Martha Falcão, os alunos também contam com o projeto Novos Talentos, que possui uma proposta de produção textual, onde, ao longo do ano, produzem textos sobre *os mais variados temas* e, ao final do ano, é lançado um livro com os melhores trabalhos, com direito a sessão de autógrafos com os autores mirins" (A Crítica, 2024).

Os trechos "uma série de dados" e "os mais variados temas" apresentam expressões que reforçam a amplitude e a diversidade das informações mencionadas. A primeira é uma construção genérica e cristalizada de indicar que há uma quantidade significativa e variada de informações disponíveis. Enquanto o termo "série" sugere um conjunto organizado de elementos, o uso do artigo indefinido "uma" reforça a ideia de que não se trata de um número exato ou fechado, mas sim de um grupo amplo e diversificado. Da mesma forma, a segunda expressão utiliza o superlativo "mais variados" para intensificar a quantidade dos temas abordados pelos alunos, ampliando a percepção de multiplicidade. Assim, ambas as construções contribuem para a valorização da abrangência e da profundidade das iniciativas apresentadas em cada matéria.

Já quando o tema era "saúde", percebemos que havia, dentre o nosso *corpus*, um grande número de intensificações por meio de

comparativos e superlativos, como em uma manchete do jornal A Crítica, de 2024: "Câncer de pele é considerado *o mais comum* no Brasil, diz estudo do Inca"; ou durante o corpo do mesmo texto: "As doenças relacionadas à exposição prolongada ao sol são muitas, mas o câncer de pele é *uma das mais preocupantes*". Essas construções são comuns em textos jornalísticos voltados para temas de interesse público, como a saúde, pois ampliam a sensação de urgência e importância. Afinal, ao classificar o câncer de pele como o mais comum, o texto sugere que ele deve ser tratado como uma prioridade em políticas de saúde pública. O superlativo no título também causa alerta ao leitor, incentivando a leitura do conteúdo completo.

Apesar de estruturas comparativas e superlativas não serem consideradas idiomatismos, elas também merecem destaque como uma estratégia de intensificação no discurso jornalístico. Essas são estruturas as quais Albelda (2004, p. 100) chama de "estruturas sintáticas intensificadas em si mesmas", e são importantes para criar reforço da relevância ou hierarquização da informação, impacto ou sensacionalismo e até persuasão ou credibilidade. Ou seja, essas construções, embora simples, são ferramentas poderosas para moldar a percepção do público e reforçar a importância dos fatos narrados.

Por fim, no contexto do discurso político no jornalismo, a intensificação por meio de recursos lexicais — como o uso de adjetivos e substantivos carregados de valor enfático — desempenha um papel crucial para destacar a magnitude dos eventos e provocar uma resposta emocional no leitor. Isso acontece em: "Social-democratas sofrem derrota histórica na Alemanha, conservadores vencem e extrema direita tem ascensão recorde" (O Sul, 2025). Aqui, o uso do adjetivo "histórica" intensifica a ideia de que a derrota dos social-democratas não é apenas uma perda comum, mas um evento excepcional e memorável. Esse termo sugere que o acontecimento marca um ponto de inflexão importante na trajetória política do partido. Da mesma forma, o termo "recorde" implica que o crescimento da extrema-direita

ultrapassou todas as marcas anteriores, sugerindo que o movimento alcançou um nível nunca antes visto.

Porém, notícias da temática "política" não estão isentas de recursos fraseológicos. Há expressões idiomáticas que surgem facilmente em nossa mente quando falamos sobre política, como "fazer vista grossa", "abrir o jogo" ou "ficar em cima do muro". Elas não só, criam identificação com o leitor por meio de linguagem popular, como também simplificam temas complexos de forma acessível ao público. Vejamos um exemplo:

> (7) Policiais de SP pegavam propina de R$ 100 mil para fazer vista grossa a rifas de MCs, diz MP (Estadão, 2024).

No sétimo exemplo, em vez de afirmar diretamente que os policiais acobertavam ilegalidades, a expressão "fazer vista grossa" insinua conivência criminosa ao mesmo tempo que dramatiza a situação, pois a ideia de "fechar os olhos" a algo ilegal intensifica a percepção de corrupção sistêmica. Para além disso, o uso de uma expressão conhecida aproxima o texto do leitor, tornando a informação mais acessível e direta.

Em síntese, a análise dos recursos de intensificação no discurso jornalístico revela como esses mecanismos desempenham um papel fundamental na construção da narrativa e na orientação da percepção do leitor. Ao longo dos exemplos apresentados, observamos que a escolha entre recursos lexicais, comparativos, superlativos e expressões idiomáticas não é aleatória, mas está intimamente ligada ao tom desejado, à temática abordada e ao público-alvo de cada matéria. Nos textos voltados para entretenimento, esportes e meio ambiente, a linguagem tende a ser mais dinâmica e criativa, permitindo o uso de intensificadores inovadores e expressivos. Por outro lado, em áreas como política e saúde, prevalecem estratégias mais tradicionais e objetivas, que reforçam a credibilidade e a precisão das informações. Devemos, agora, propor alguns exemplos de exercícios para abordar essas ideias dentro da sala de aula.

4. Aplicação

Agora que já exploramos algumas expressões de intensificação e suas características, avancemos para a proposta de prática. A seguir, apresentamos uma série de exercícios que podem ser utilizados em diferentes contextos de ensino, auxiliando na compreensão e no uso dessas construções de forma reflexiva e didática. Para responder aos exercícios, os alunos devem ler o texto abaixo:

Análise: Botafogo não faz grande jogo e carimba vaga em sua primeira final de Libertadores

O Glorioso venceu no agregado do confronto por 6 a 3 e garantiu classificação inédita para final da Libertadores

Por: **Esporte News Mundo**

O Botafogo se classificou para a primeira final de Libertadores de sua história e está há 90 minutos de poder conquistar a América pela primeira vez. Mesmo perdendo por 3 a 1 para o Peñarol, na quarta-feira, no Estádio Centenário, o Alvinegro se classificou por conta de ter goleado o primeiro jogo por 5 a 0.

Por conta da elasticidade no placar, a equipe entrou em campo com a impressão de estar com a cabeça no próximo duelo. Em meio a isso, o técnico Artur Jorge começou com cinco titulares no banco. O zagueiro Barboza, o volante Gregore, e os atacantes Luiz Henrique e Igor Jesus estavam pendurados e o meia Thiago Almada foi poupado. Com isso, o Alvinegro foi a campo com um time misto.

Pressão do Peñarol

Mesmo com uma diferença de cinco gols no agregado, Peñarol foi para cima com o apoio de sua torcida e isso teve efeito dentro da partida. Os comandados de Diego Aguirre rondam a área e incomodaram o Alvinegro, tendo registrado 16 arremates só na primeira etapa.

O time uruguaio abriu o placar em um lance individual. Léo Fernández acionou Báez na intermediária e ele acertou um chute de rara felicidade de longe, sem chances para John, que até chegou a tocar na bola.

Após o gol, o Peñarol seguiu pressionando no embalo de sua torcida e Pérez acertou um cabeceio na trave. Mesmo recuado, o Alvinegro conseguiu segurar a pressão e foi para a segunda etapa perdendo com uma vantagem mínima no marcador.

Melhora na segunda etapa

O Botafogo voltou para a segunda etapa tendo a vantagem numérica em campo, após Aguerre ter sido expulso no intervalo por agressão a John. Fora isso, Artur Jorge colocou Almada em campo. Com a entrada do argentino, o Alvinegro passou a ter mais a posse de bola e passando mais tempo no campo de ataque.

A equipe uruguaia estava em um dia feliz e com a pontaria calibrada. Com isso, Báez marcou o segundo em outra bela finalização de fora da área, em uma das poucas finalizações dos Carboneros na segunda etapa.

Em meio a isso, Artur Jorge mexeu no time com as entradas de Mateo Ponte e Eduardo nos lugares de Vitinho e Tchê Tchê, respectivamente, e depois o amarelado Bastos deu lugar a Allan. Com isso, Danilo Barbosa foi promovido para zagueiro. Mesmo assim, o Alvinegro sofreu outro golpe com a expulsão infantil de Mateo Ponte depois de cometer duas faltas duras em um minuto.

Mesmo sem a velocidade no ataque, o Alvinegro foi perigoso nos contra-ataques. No entanto, o alívio alvinegro não durou muito tempo e os uruguaios ampliaram na jogada seguinte ao gol. Pérez lançou e pegou a defesa botafoguense desprevenida e achou Batista, que dominou com categoria para marcar o terceiro.

Com sua primeira classificação para a final da Libertadores, o sonho do Botafogo de conquistar a América de forma inédita continua vivo. Agora, o Glorioso irá enfrentar o Atlético Mineiro

na decisão, no dia 30 de novembro, no Estádio Monumental de Núñez, em Buenos Aires.

Análise: Botafogo não faz grande jogo e carimba vaga em sua primeira final de Libertadores. *Terra*, 31 out 2024. (Adaptado. Disponível em: https://www.terra.com.br/esportes/botafogo/analise-botafogo-não-faz-grande-jogo-e-carimba-vaga-em-sua-primeira-final-de-libertadores,28af3b89c65ff7541e5a58bd6ad0cd5ah8nbka92.html. Acesso em: 22 fev. 2025).

Exercícios

Leia o texto para responder às questões a seguir:

1- Procure no texto exemplos de expressões idiomáticas utilizadas pelo escritor. O que elas significam?

Caso os alunos não estejam familiarizados com o conceito de "expressão idiomática", você pode usar essa questão para introduzir o tema.

Exemplos: "time carimbar a vaga" - time obter classificação no campeonato / "ir pra cima" - obter postura ofensiva ou se esforçar / "sofrer outro golpe" - enfrentar mais um obstáculo ou dificuldade.

2- O que você diria sobre o grau de formalidade do texto?

O importante aqui é que os alunos percebam que, embora o texto siga as características tradicionais do discurso jornalístico, como objetividade e clareza, ele utiliza uma linguagem dinâmica e acessível, com expressões coloquiais e termos específicos do universo do futebol. Isso não significa que o texto passa a ser informal, apenas que tem um grau de formalidade um pouco menor do que o esperado para uma notícia tradicional.

Respostas esperadas: formalidade média / menor do que a maioria das notícias.

3- Releia a passagem do texto abaixo.

O time uruguaio abriu o placar em um lance individual. Léo Fernández acionou Báez na intermediária e ele acertou **um chute de rara felicidade** de longe, sem chances para John, que até chegou a tocar na bola.

A expressão "um chute de rara felicidade" é uma forma figurada de dizer que o jogador acertou um chute muito difícil ou excepcional, com grande precisão e beleza. O termo "rara felicidade" sugere que esse tipo de lance não acontece com frequência, destacando a qualidade e a precisão do chute. Por que você acredita que o jornalista escreveu desse jeito ao invés de dizer que o chute foi "bem executado" ou "habilidoso"?

O objetivo é fazer com que eles reflitam sobre a motivação e a importância das expressões idiomáticas no texto, levando em consideração, por exemplo, seu uso como intensificador.

Esse tipo de linguagem intensifica a qualidade do momento, tornando-o mais marcante para o leitor e dando ênfase ao feito do jogador. Ademais, ao usar uma frase mais elaborada, o jornalista cria um tom mais emocionante e envolvente, o que ajuda a prender a atenção do público e a destacar a beleza ou a raridade do lance.

4- Leia as frases abaixo:

(a)"Ele ficou muito bravo com a situação".
(b)"Ele ficou uma fera com a situação".
(c)"Ele subiu nas tamancas com a situação".

Todas essas frases transmitem a ideia de que alguém está bravo, mas de maneiras diferentes. Como a escolha da expressão pode mudar a percepção do leitor?

Esta atividade tem o objetivo de fazer os alunos perceberem que expressões idiomáticas podem intensificar o discurso e criar diferentes efeitos no leitor - em

um contexto diferente do texto jornalístico. Dicas para continuar a discussão em sala: pergunte aos alunos em quais situações eles usariam cada expressão; questione se todas essas expressões seriam apropriadas para um contexto formal; incentive-os a pensar em variações regionais ou gírias que tenham significado semelhante.

A frase (c) "Ele subiu nas tamancas com a situação" parece mais forte, pois é mais expressiva e figurativa. Já a frase (a) "Ele ficou muito bravo" é mais neutra e direta. A escolha da expressão pode tornar a emoção mais viva para o leitor. Frases mais figurativas e idiomáticas, como "ficou uma fera", transmitem uma imagem mental forte, tornando o sentimento mais intenso.

5. Palavras finais

As expressões idiomáticas e outras formas de intensificação são elementos marcantes na linguagem jornalística, ainda que, muitas vezes, passem despercebidas. Apesar da aparente formalidade desse tipo de texto, o jornalismo recorre frequentemente a recursos linguísticos que ampliam a força da mensagem e capturam a atenção do leitor. Entre esses recursos, destacam-se as construções intensificadoras, que potencializam o efeito expressivo da notícia e influenciam a interpretação do público. Elas surgem como ferramentas potentes para tornar o discurso mais acessível e envolvente, especialmente quando se deseja simplificar temas complexos ou adicionar uma camada de dramatização.

Outro ponto relevante é a forma como a intensificação molda a recepção do conteúdo. Vimos alguns exemplos em que esses recursos não apenas informam, mas também orientam a interpretação do leitor, destacando aspectos específicos e conferindo maior urgência ou dramaticidade à informação. Em um cenário em que a disputa por audiência é constante, o uso estratégico desses recursos linguísticos revela-se essencial para garantir que as notícias não passem despercebidas.

Em conclusão, a análise do corpus jornalístico evidencia que os recursos de intensificação vão além de meros adornos estilísticos. Eles são, na verdade, elementos estruturantes que influenciam a forma como os eventos são percebidos e compreendidos pelo público. Através da combinação de expressões idiomáticas, comparativos, superlativos e adjetivos enfáticos, o discurso jornalístico não apenas informa, mas também emociona, persuade e molda a opinião pública. Assim, compreender o uso dessas estratégias é fundamental para decifrar as sutilezas e os efeitos do discurso midiático em nossa sociedade contemporânea.

A abordagem da intensificação e das expressões idiomáticas em diferentes gêneros textuais na sala de aula é essencial para que os alunos desenvolvam uma compreensão mais profunda do funcionamento da língua em variados contextos. Muitas vezes, esses recursos são associados apenas à oralidade ou a registros informais, o que pode levar a uma visão limitada do seu papel na comunicação. No entanto, expressões idiomáticas e construções intensificadoras estão presentes em gêneros formais e informais, na literatura, na publicidade, no discurso político e, como vimos, no próprio jornalismo. Ao explorar esses fenômenos em sala de aula, o professor permite que os alunos percebam como a escolha de palavras pode impactar o tom, a persuasão e a expressividade de um texto.

Discutir a intensificação no discurso jornalístico, por exemplo, ajuda os estudantes a desenvolverem uma leitura mais crítica, reconhecendo estratégias que podem enfatizar ou suavizar determinadas informações. Outro ponto fundamental é que, ao trazer esses temas para a sala de aula, o professor contribui para a valorização da diversidade linguística e cultural. Muitas expressões idiomáticas têm origens históricas e sociais específicas, refletindo aspectos da identidade de uma comunidade. Estudar essas construções em diferentes gêneros, portanto, não só amplia o repertório linguístico dos alunos, mas também os torna mais conscientes das variações da língua e de seu dinamismo.

6. Para conhecer mais sobre o tema

ALBELDA, M. **La intensificación en el español coloquial**. 2004. 442 f. Tese (Doutorado de Filologia) - Universidade de Valência, Valência, 2004.

ALVARENGA, D. R. de. **Intensificando pra burro: construções intensificadoras com lexemas de animais e líquidos no português brasileiro**. 37 f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

MOTA, N. A. "Eu Estou Roxa de Saudades": A Intensificação de Emoções e Sensações Por Meio de Cores. *In*: MACHADO VIEIRA, M. (org.). **Ensino de português**: predicar em (con)texto. 1 ed. São Paulo: Blucher, 2022, v. 1, p. 191-200. Disponível em: https://openaccess.blucher.com.br/article-details/11-23564/. Acesso em: 09 mar. 2025.

SOUZA, I. P. de *et al*. Unidades fraseológicas: Fraseologismos, frasemas, expressões pluri ou poliverbais, formas cristalizadas, idiomatismos, expressões idiomáticas. **Brazilian Journal of Development**, 7(7), 70999–71021, 2021. DOI: https://doi.org/10.34117//bjdv7n7-328.

Referências

FOLTRAN, M. J.; NÓBREGA, V. A. Adjetivos intensificadores no português brasileiro: propriedades, distribuição e reflexos morfológicos. **Alfa**, Rev. Linguíst 60 (2), 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/alfa/a/cqrTsvJBqVryyvSYGXNdzpD/?Format=html. Acesso em: 10 dez. 2024.

GONÇALVES, C. A. Flexão e derivação: o grau. *In*: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007, p. 149-168.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. Rev. **Soletras**, n. 28, 2014.2. DOI: http://dx.doi.org/10.12957/soletras.2014.14200.

MOTA, N. A. **Construções intensificadoras com lexemas de cor em tweets sob uma abordagem socioconstrucionista**. 276 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023.

MOTA, N. A.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. A construção de intensificação com lexemas de cor no português brasileiro. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 50-68, 2020. DOI: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/33904/. Acesso em: 16 set. 2023.

MOTA, N. A. *et al*. *'VOCÊ VAI FICAR ROXO DE SURPRESA AO DESCOBRIR COMO INTENSIFICAMOS HORRORES*'. **Roseta**, 29 jan. 2021.

TAVARES, M. A. O verbo no texto jornalístico: notícia e reportagem. **Working Papers em Linguística**, UFSC, n. 1, jul./dez. 1997.

VIEIRA, S. R.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. A expressão de grau: para além da morfologia. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 63-83, 2008.

Construções modalizadoras nas produções textuais dissertativas-argumentativas[1]

Natércia Almeida Lacerda
Instituto Federal do Piauí,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este capítulo examina as construções modalizadores em três redações nota mil do Exame Nacional do Ensino Médio de 2024. O modelo teórico é da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Gramática de Construções. São estudados quatro tipos de modalização: epistêmica, deôntica, afetiva e delimitadora. Estas são baseadas nos estudos de Neves (2011a). Os objetivos são descrever e compreender de que maneira a seleção dos modalizadores pelos candidatos afeta a qualidade argumentativa e evidencia as intencionalidades implícitas no discurso. Entende-se que na construção de uma produção escrita de qualidade em textos dissertativos-argumentativos é fundamental compreender o papel das construções modalizadoras, pois elas influenciam significativamente a estrutura e a credibilidade dos argumentos apresentados.

1. Considerações iniciais

Escrever não se resume ao domínio das regras gramaticais. É fundamental que as escolas extrapolem equívocos como essa ideia. As instituições de ensino devem ser espaços de desenvolvimento da argumentação, adotando-a não apenas como um tipo textual, mas como um componente essencial na formação cidadã. Para isso, é necessário transformar a sala de aula em um ambiente propício à reflexão e ao questionamento.

O fenômeno da modalização é uma temática pouco abordada pelos professores de português, embora seja ele que permite um aprofundamento da argumentação. O uso de modalizadores em textos dissertativo-argumentativos contribui com a construção do

[1] https://doi.org/10.51795/9786526520475121139

posicionamento do aluno diante do tema proposto, pois é a partir dessa modalização que é possível uma construção argumentativa de boa qualidade.

Este trabalho pretende descrever e compreender como a forma de seleção dos modalizadores pelos produtores de redações nota mil do Exame Nacional do Ensino Médio afeta a qualidade argumentativa e evidencia as intencionalidades implícitas no discurso. Compreende-se ser de grande importância esse estudo especialmente considerando a importância do texto dissertativo-argumentativo na atualidade, pois ele frequentemente é utilizado como critério de ingresso em universidades e concursos públicos no país. No entanto, observa-se uma escassa abordagem desse tema no ensino de português, e isso se reflete na habilidade argumentativa de muitos alunos. Essa lacuna se deve, em primeiro lugar, ao desconhecimento, por parte de muitos professores, dos diferentes tipos de modalizadores e do potencial expressivo da modalização. Em segundo lugar, se os docentes não incorporam essas marcas linguísticas em suas aulas, demonstrando seus efeitos no discurso, os alunos dificilmente reconhecerão, por conta própria, a importância e o uso desse recurso na construção argumentativa.

2. Um pouco de teoria

A modalidade é uma categoria semântica que expressa a atitude do falante em relação ao conteúdo da enunciação. Pode indicar diferentes graus de certeza, possibilidade, necessidade, obrigação ou desejo em relação ao que é afirmado. A modalidade é, portanto, uma propriedade do significado que se manifesta na linguagem por meio de diferentes recursos linguísticos. A modalização, por sua vez, é o processo pelo qual a modalidade se manifesta no discurso. Ela diz respeito aos recursos linguísticos utilizados para expressar a modalidade, como verbos modais, advérbios, adjetivos, tempos verbais e outras construções sintáticas. São essas categorias gramaticais que a morfossintaxe

estuda. A relação entre morfossintaxe e modalização (assim como os modalizadores) se dá na maneira como a estrutura das palavras e das frases organiza e sinaliza os significados modais na língua. A forma como as palavras são construídas (morfologia) e organizadas na oração (sintaxe) cria o ambiente no qual elementos modais podem operar e expressar nuances como possibilidade, necessidade, dúvida, certeza, entre outros.

A modalidade, objeto de análise, se manifesta por meio de diferentes construções modalizadoras, como atesta Neves (1997), para quem a modalidade pode ser expressa por como verbos, advérbios, adjetivos, substantivos, além de categorias gramaticais do verbo como tempo, aspecto e modo. Percebe-se que a modalização depende da morfossintaxe para ser expressa na língua, e os modalizadores são elementos estruturais que atuam dentro desse sistema.

É importante destacar que é um estudo com construções que expressam modalidade, ou seja, construções modalizadoras. Por isso é necessário observar a abordagem que Goldberg (1995) desenvolve na teoria da Gramática de Construções. Segundo ela, "as construções gramaticais são combinações de forma e significado, que desempenham um papel central na linguagem". Diferentemente de abordagens que veem a sintaxe como um conjunto de regras abstratas independentes do significado, a autora propõe que as construções possuem significado próprio, independentemente dos verbos individuais que as compõem. Ela enfatiza que muitas estruturas sintáticas carregam sentido específico e que a aprendizagem da linguagem ocorre por meio da aquisição dessas construções. Esse conceito sugere que a sintaxe não é meramente derivada de regras formais, mas está diretamente ligada ao significado e ao uso na comunicação.

Pode-se dizer que existem diversos tipos de modalidade, bem como existem maneiras diferentes de descrevê-los, conforme seja a perspectiva (formal ou funcional) utilizada. Para os interesses deste capítulo, a modalidade será considerada na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, que vê a linguagem verbal

como um instrumento de interação social, construído num determinado espaço e num determinado tempo, por determinados grupos de indivíduos, com suas experiências de mundo, sua cultura e sua condição histórica. Essa corrente teórica segundo a qual as línguas naturais são sistemas maleáveis, adaptáveis a novos padrões derivados do uso, "prevê que o conhecimento da língua se faz como uma rede de correspondências de forma e significado".

Nogueira (2006) diz que a modalidade é uma categoria linguística que se manifesta por meios prosódicos, lexicais e gramaticais, e representa a atitude do falante em relação ao que diz. Dessa forma, a modalidade se refere ao como se diz o que se diz. Para a autora, os estudos a respeito da modalidade se apresentam sob diferentes enfoques e abordagens teóricas, dependendo do que é priorizado: aspectos lógicos, ligados ao valor de verdade do conteúdo das proposições; propriedades sintáticas e semânticas, ligadas ao uso dos modalizadores; efeitos de sentido em contextos de enunciação. No entanto, a abordagem funcionalista se diferencia por levar em consideração tanto os aspectos formais quanto os funcionais do processo, em situações reais de uso da língua.

3. Abordagem do fenômeno

Esta seção tratará de quatro diferentes categorias de modalizadores: epistêmica, deôntica, afetiva e delimitadora. Essa categorização de Neves (2011a) será a base para nossa análise de três redações nota mil do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), do ano de 2024.

Neves (2011a) destaca que os modalizadores epistêmicos são fundamentais para marcar a relação entre o falante e a verdade do enunciado, sendo comuns em textos argumentativos, pois se referem ao grau de certeza, possibilidade ou dúvida do falante em relação à proposição. Os modalizadores deônticos são presentes frequentemente em textos normativos, regulamentos e discursos persuasivos para demonstrar a noção de obrigação, permissão ou proibição, indicando normas sociais ou deveres. Os modalizadores

afetivos são comuns em textos opinativos e argumentativos, pois reforçam o envolvimento emocional do falante para mostrar alegria, indignação, lamento e surpresa. Finalmente, os delimitadores são essenciais em textos informativos, acadêmicos e normativos, pois ajudam a definir com precisão a abrangência da afirmação restringindo ou limitando a validade do enunciado, estabelecendo condições, exceções ou restrições.

As classificações da modalização foram feitas a partir da percepção da intenção comunicativa dos autores das redações em relação à tese defendida, pois a função semântica que desempenham determina como os elementos modais são escolhidos para destacar e conferir relevância ao ponto de vista.

As redações que alcançaram a nota máxima no Enem 2024 oferecem exemplos práticos do uso eficaz de construções modalizadoras, que são essenciais para expressar posicionamentos, graus de certeza e emoções, para enriquecer a argumentação. Vejamos como essas modalizações foram aplicadas em 3 redações nota mil. A primeira é da participante Clara de Oliveira.



Nome completo do Participante: CLARA DA BARRA DE OLIVEIRA
Número do CPF:
Data de Nascimento:
Assinatura do Participante
NÚMERO DE INSCRIÇÃO: 9600637225 | SEQUENCIAL: 013 | SALA: 301

INSTRUÇÕES
1. Transcreva a sua redação com caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.
2. Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.
3. Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.

O filme "Pantera Negra" foi considerado um marco da ~~fotografia~~ cinematografia mundial, devido à presença de um elenco majoritariamente negro e à representação da cultura desse grupo étnico-racial de maneira inovadora e privilegiada. Fora da ficção, o cenário apresentado destaca-se da realidade brasileira, haja vista os desafios, resultantes pelo racismo e pelo longo atraso para a valorização da herança africana no país. Nesse sentido, de modo a alinhar essa situação, é preciso analisar o discurso da esfera educacional e a mentalidade social como causas dessa grave problemática.

De início, convém ressaltar a negligência do setor institucional como preponderante para minimização e combate do desprezo das heranças africanas no Brasil. Isso é comprovado ao ocorrer da precariedade da educação das escolas nacionais, principalmente das públicas, para o cumprimento da Base Nacional Comum Curricular — documento normativo do ensino educacional brasileiro — no que tange à abordagem histórica dos povos africanos de um modo aprofundado e que exalte as contribuições culturais, tendo em vista o tecnicismo, muitas vezes superficial e ~~eurocêntrico~~. Na de fato, uma conjuntura julgada se na insuficiência da capacitação dos professores e da ausência de uma didática passiva e voltada para a realidade, o que torna tais instituições públicas de ensino consideradas como um ~~um~~ celeiro de "gueto", conforme a sociologia Zygmunt Bauman, já que se desfazem de seus objetivos principais, isto é, de formação social do aluno. Com efeito, diante dessa falta de conhecimento, fomenta-se a criação de estereótipos e a ~~inimizade~~ de personalidades negras importantes, ~~prejudicando~~ prejudicando a representatividade e a ~~autoestima~~ autoestima dessa comunidade, além de ter um papel à perpetuação do silêncio. Além disso, é válido destacar que o imaginário social cria uma conformação própria para a permanência ~~dos~~ das ~~dominantes~~ ~~mas~~ e ~~um~~ grupo étnico-racial. Isso ocorre, pois verifica-se a persistência de atitudes de discriminação contra a afirmação das influências herdadas ~~na~~ aponiões e nos atendidos sociais por indivíduos afrodescendentes, o exemplo do pensamento comum de ~~os~~ certos corpos e às relações de matriz africana, respectivamente. Tal ~~conjuntura~~ premissa fundamenta-se em ~~marcações~~ do período colonial e imperial do país, em que se vigorava a dominação e a desumanização de pessoas negras em um contexto escravocrata. Por conseguinte, o enraizamento desse pensamento e a sua consequente naturalização ~~mostram~~ mostram-se responsáveis por atos de violência simbólica, como a atribuição de ~~nomes~~ heranças como pejorativas. Nesse ~~termo~~, observa-se a ~~o~~ preguiça à inclusão dessa população, a qual perde suas individualidades.

Portanto, torna-se urgente que os desafios advindos da área educacional e da noção desses ~~se~~ sejam ~~amenizados~~ diante disso, urge que o Ministério da Educação – órgão encarregado do ensino brasileiro – invista a valorização do ensino sobre a ~~se~~ história africana e a importância de suas heranças, com uma perspectiva aprofundada e protagonista pelo ~~se~~ sucesso europeu. Isso deverá ser feito por meio da maior capacitação dos docentes e da uniformalização do conteúdo nas escolas, a fim de atender à BNCC. Cabendo, cabe ao Ministério das Comunicações, mediante propaganda das práticas nos veículos midiáticos, elucidar o povo sobre a temática e ~~desconstruir~~ desconstruir as mentalidades preconceituosas. Espera-se, assim, que haja a valorização dessas contribuições culturais no Brasil assim como em "Pantera Negra".

enem2024 inep

Redação do Enem 2024 da participante Clara de Oliveira, que recebeu nota máxima. O tema: "Desafios para a valorização da herança africana no Brasil". Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/enem/2024/noticia/2025/03/14/enem-2024-leia-redacoes-nota-mil.ghtml

Ocorrências de construções modalizadoras presentes na redação analisada, classificadas conforme sua função, são:

Modalização Epistêmica *"foi considerado um marco da cinematografia mundial"* → Expressa uma avaliação fundamentada sobre o impacto do filme. *"verifica-se a persistência de atitudes de discriminação"* → Indica a percepção de uma realidade recorrente.
Modalização Deôntica

"é preciso analisar o descaso da esfera educacional" → Indica uma necessidade de uma ação prospectada no futuro, ainda que imediato. *"torna-se evidente que os desafios [...] devem ser amenizados."* → Expressa uma obrigação ou necessidade de mudança.
Modalização Afetiva *"grave problemática"* → Realça a gravidade da questão. *"descaso da esfera educacional"* → Indica um julgamento negativo sobre a falta de atenção ao tema.
Modalização Delimitadora *"principalmente das públicas"* → Limita a análise ao contexto das escolas públicas. *"muitas vezes, superficial e eurocêntrico"* → Delimita a frequência e a característica do ensino.

Essas construções modalizadoras contribuem para a precisão e a persuasão do texto, permitindo que a autora expresse seu posicionamento de forma clara e fundamentada. Ao empregar tais recursos, ela demonstra um domínio avançado da argumentação, alinhando-se às competências exigidas para alcançar a nota máxima no Enem.

Agora analisa-se a redação nota mil de autoria de Sabrina Ayumi Alves. A autora emprega modalizadores para estruturar a argumentação. Os epistêmicos reforçam interpretações e previsões, os deônticos enfatizam deveres e obrigações, os afetivos carregam indignação e julgamento, e os delimitadores organizam o escopo das afirmações.



FOLHA DE REDAÇÃO

EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO - ENEM 2024

0291241018958611 08

1º DIA

Nome completo do Participante: SABRINA AYUMI ALVES SHIMIZU

Número de CPF: SP120093

Data de Nascimento:

NÚMERO DE INSCRIÇÃO	SEQUENCIAL	SALA
241018958611	066	09

Assinatura do Participante

9600637225

INSTRUÇÕES

1. Transcreva a sua redação com caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.
2. Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.
3. Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.

O livro "Não estou aí não, tinha" de Luís Bernardo Honwana retrata a sociedade moçambicana durante a colonização portuguesa. A obra literária, dessa forma, mostra uma dinâmica social pautada pela inferiorização dos indivíduos negros, na qual o racismo está enraizado nas interações sobre as pessoas, na qualidade de vida e nas autoimagens de cada ser humano, as quais acabam sendo pautadas pelo conceito branqueano. Sob essa valorização da herança africana, infere-se que o período colonial permite nas estruturas do Brasil até manifestando a partir do apagamento sistemático da cultura afro-brasileira. Em razão disso, deve-se discutir o papel do Estado na [illegible] no âmbito escolar, em vistas à promoção da cultura.

Em uma primeira medida, é necessário entender a relação entre a dinâmica social brasileira e a desvalorização da herança africana. Para fundamentar essa ideia, o filósofo brasileiro Kabengele Munanga afirma que, no Brasil, existem dois grupos: a humanidade, formada pela elite econômica, e a subumanidade, a qual tem seus direitos negados e é constituída principalmente pela população marginalizada socialmente, como os povos originários e os negros. Por conseguinte, infere-se que o apagamento da cultura africana é uma extensão do panorama de desigualdade social brasileira, já que essa desvalorização viabiliza a violência ou a vulnerabilidade de populações que são vistas como subumanas, o que favorece a manutenção desses pensamentos no grupo da subumanidade. Dessa forma, o Estado deve desenvolver medidas que visem valorizar e apoiar artistas e escritores valorizadores à herança africana no Brasil.

Sob outra ótica, o compositor Caetano Veloso acerca da importância da ancestralidade na formação da autoimagem e da noção de pertencimento de cada indivíduo e coletivo. Para isso, o filósofo brasileiro Muniz Sodré Chauí defende a ideia de que, enquanto as coisas são apenas coisas, o humano não nasce humano - ou seja, o ser humano não é em que cada pessoa está inserida dentro de [illegible] deve ser. A partir disso, compreende-se que a valorização da herança africana [illegible] grande parte do povo brasileiro a sua própria essência, o que contribui para violência identitária e ausência maior noção de não pertencimento generalizado e em uma autoimagem deformada. Frente a isso, o Estado deve agir em prol da promoção e manutenção cultural afro-brasileira.

Em suma, conclui-se que a desvalorização da cultura africana está diretamente relacionada a um processo pedagógico de silenciamento de grupos oprimidos e ocorre na falta de pertencimento de muitos indivíduos. Portanto, cabe ao Estado, por meio de uma parceria entre o Ministério da Economia (MEC) e o Ministério da Educação e da Cultura (MEC), desenvolver manifestações culturais afro-brasileiras nas escolas, como, por exemplo, peças teatrais e festivais de dança, música e arte, assim como investir financeiramente na produção de artistas e escritores que [illegible] herança africana. Por fim, a [illegible] serão necessárias para impedir a perpetuação da desvalorização da cultura africana no Brasil.

0291241018958611 08

enem2024 INEP

0502094_ID_08823397_01_LT_001_D1_K0_ENEM2410401_802_SP_001_P001.TXT / 5 - 002434

Redação do Enem 2024 da participante Sabrina Ayumi Alves, que recebeu nota máxima. O tema: "Desafios para a valorização da herança africana no Brasil". Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/enem/2024/noticia/2025/03/14/enem-2024-leia-redacoes-nota-mil.ghtml

Análise dos dados de modalizadores epistêmicos, deônticos, afetivos e delimitadores da redação:

Modalizadores Epistêmicos

"observa-se uma dinâmica social pautada pela inferiorização dos indivíduos negros..." → Sugere uma interpretação sobre a obra literária, mas não uma verdade absoluta.

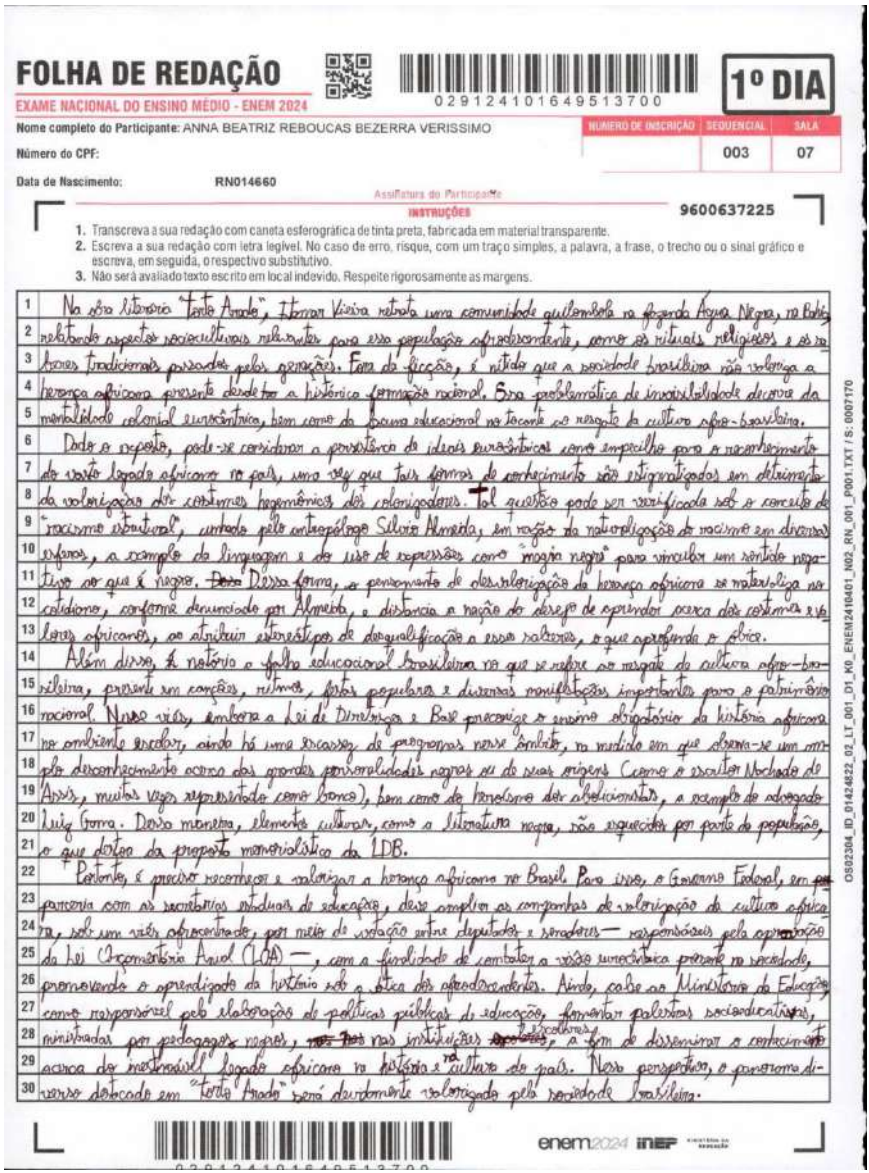
"infere-se que o passado colonial persiste nas estruturas do Brasil..." → Expressa uma conclusão baseada em evidências, mas não uma certeza.
"compreende-se que o silenciamento da herança africana nega a uma grande parte do povo brasileiro a sua própria essência..." → Indica uma interpretação argumentativa.
"o que constitui uma violência estrutural e resulta numa noção de não pertencimento generalizada e em uma autoimagem defasada." → Relaciona causas e consequências de maneira argumentativa.
"essas ações serão responsáveis por impedir o perpetuamento da desvalorização da cultura africana no Brasil." → Indica uma previsão sobre o efeito das medidas sugeridas.

Modalizadores Deônticos
"deve-se discutir o papel do Estado no setor escolar e cultural diante desse contexto de silenciamento." → Expressa necessidade.
"o Estado deve desenvolver medidas que visem valorizar e apoiar artistas e escritores relacionados à herança africana no Brasil." → Indica obrigação estatal.
"o Estado deve agir em prol da promoção de manifestações culturais afro-brasileiras." → Demonstra exigência de ação governamental.
"Portanto, cabe ao Estado, por meio de uma parceria entre o Ministério da Economia (ME) e o Ministério da Educação e da Cultura (MEC), desenvolver manifestações culturais afro-brasileiras nas escolas..." → Define um dever do Estado.

Modalizadores Afetivos
"infere-se que o passado colonial persiste nas estruturas do Brasil, se manifestando a partir do apagamento sistemático da cultura afro-brasileira." → Usa *"apagamento sistemático"*, que carrega um tom crítico e emocional.
"essa desvalorização sistemática silencia as vozes de populações que são violentadas e oprimidas há séculos..." → Expressa indignação e uma visão crítica da realidade.
"nega a uma grande parte do povo brasileiro a sua própria essência, o que constitui uma violência estrutural..." → Usa termos como *"violência estrutural"*, demonstrando envolvimento emocional.

"o que favorece a manutenção dessas pessoas no grupo da subumanidade." → Traz uma visão negativa e crítica sobre o impacto social do problema.
Modalizadores Delimitadores *"Na obra literária, observa-se uma dinâmica social pautada pela inferiorização dos indivíduos negros..."* → Restringe a análise ao contexto da obra. *"Por conseguinte, entende-se que o apagamento da cultura africana é uma extensão do panorama da desigualdade social brasileira..."* → Delimita a relação entre os fatores mencionados. *"Sob outra ótica, a compreensão acerca da importância da ancestralidade na formação da autoimagem e da noção de pertencimento de cada indivíduo é imperativa."* → Indica que está abordando outro ponto de vista na argumentação. *"assim como investir financeiramente na promoção de artistas e escritores que têm suas carreiras relacionadas à herança africana."* → Limita a aplicação do investimento a um grupo específico.

Finalmente, a terceira redação da participante Anna Beatriz Veríssimo.



FOLHA DE REDAÇÃO

EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO - ENEM 2024

0291241016495137OO

1º DIA

Nome completo do Participante: ANNA BEATRIZ REBOUCAS BEZERRA VERISSIMO

Número do CPF:

NÚMERO DE INSCRIÇÃO	SEQUENCIAL	SALA
	003	07

Data de Nascimento: RN014660

Assinatura do Participante

INSTRUÇÕES

9600637225

1. Transcreva a sua redação com caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente.
2. Escreva a sua redação com letra legível. No caso de erro, risque, com um traço simples, a palavra, a frase, o trecho ou o sinal gráfico e escreva, em seguida, o respectivo substitutivo.
3. Não será avaliado texto escrito em local indevido. Respeite rigorosamente as margens.

Na obra literária "Torto Arado", Itamar Vieira retrata uma comunidade quilombola na fazenda Água Negra, na Bahia, retratando aspectos socioculturais relevantes para essa população afrodescendente, como os rituais religiosos e as festas tradicionais passadas pelas gerações. Fora da ficção, é nítido que a sociedade brasileira não valoriza a herança africana presente desde o histórico formação nacional. Essa problemática de invisibilidade decorre da mentalidade colonial eurocêntrica, bem como da falha educacional no tocante ao resgate da cultura afro-brasileira.

Dada a exposta, pode-se considerar a persistência de ideais eurocêntricos como empecilho para o reconhecimento de valor legado africano no país, uma vez que tais formas de conhecimento são estigmatizados em detrimento da valorização dos costumes hegemônicos dos colonizadores. Tal questão pode ser verificada sob o conceito de "racismo estrutural", cunhado pelo antropólogo Silvio Almeida, em razão da naturalização do racismo em diversos esferas, a exemplo da linguagem e do uso de expressões como "magia negra" para vincular um sentido negativo ao que é negro. ~~Dess~~ Dessa forma, o pensamento de desvalorização da herança africana se naturaliza no cotidiano, conforme denunciado por Almeida, a distância a noção do desejo de aprender acerca dos costumes e valores africanos, os atribuem estereótipos de desqualificação a esses valores, o que aprofunda o fosso.

Além disso, é notório a falha educacional brasileira no que se refere ao resgate da cultura afro-brasileira, presente em canções, ritmos, festas populares e diversas manifestações importantes para o patrimônio nacional. Nesse viés, embora a Lei de Diretrizes e Bases preconize o ensino obrigatório da história africana no ambiente escolar, ainda há uma escassez de programas nesse âmbito, na medida em que observa-se um amplo desconhecimento acerca das grandes personalidades negras ou de seus origens. Como o escritor Machado de Assis, muitas vezes representado como branco), bem como de heroínas das abolicionistas, a exemplo de advogado Luiz Gama. Dessa maneira, elementos culturais, como a literatura negra, são esquecidos por parte da população, o que destoa da proposta emancipatória da LDB.

Portanto, é preciso reconhecer e valorizar a herança africana no Brasil. Para isso, o Governo Federal, em parceria com as secretarias estaduais de educação, deve ampliar as campanhas de valorização da cultura africana, sob uma ótica afrocentrada, por meio da criação entre deputados e senadores — responsáveis pela aprovação da Lei Orçamentária Anual (LOA) —, com a finalidade de combater a visão eurocêntrica presente na sociedade, promovendo o aprendizado da história sob a ótica dos afrodescendentes. Ainda, cabe ao Ministério da Educação como responsável pela elaboração de políticas públicas de educação, fomentar palestras socioeducativas, ministradas por pedagogas negras, ~~nas~~ nas instituições ~~escolares~~ públicas, a fim de disseminar o conhecimento acerca da ~~mat~~ brasilidade legado africano na história e na cultura do país. Nesse pensamento, o pensamento discurso debatido em "Torto Arado" será devidamente valorizado pela sociedade brasileira.

0291241016495137OO

enem2024 INEP

OS02304_ID_01424822_02_LT_001_D1_K0_ENEM2410401_N02_RN_001_P001.TXT / S: 0007170

Redação do Enem 2024 da participante Anna Beatriz Veríssimo, que recebeu nota máxima. O tema: "Desafios para a valorização da herança africana no Brasil". Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/enem/2024/noticia/2025/03/14/enem-2024-leia-redacoes-nota-mil.ghtml

A autora da redação utiliza modalizadores para estruturar a argumentação. Os epistêmicos são usados para sugerir análises sem afirmar certezas. Os deônticos reforçam obrigações e necessidades, nesses dados principalmente em relação ao papel do governo. Os afetivos expressam juízos de valor e envolvimento emocional com o tema, tornando a argumentação mais enfática. Os delimitadores organizam as ideias ao estabelecer contextos e restrições às afirmações feitas ao longo do texto. Observa-se a seguir a análise.

Modalizadores Epistêmicos *"é nítido que a sociedade brasileira não valoriza a herança africana..."* → Expressa uma percepção considerada evidente, mas ainda subjetiva. *"pode-se considerar a persistência de ideais eurocêntricos como empecilho para o reconhecimento do vasto legado africano..."* → Indica uma possibilidade, não uma certeza. *"Tal questão pode ser verificada sob o conceito de 'racismo estrutural'..."* → Sugere que há evidências, mas sem afirmar categoricamente. *"o pensamento de desvalorização da herança africana se materializa no cotidiano..."* → Expressa uma interpretação sobre o impacto social dessa desvalorização. *"observa-se um amplo desconhecimento acerca das grandes personalidades negras ou de suas origens..."* → Indica uma constatação baseada em uma percepção geral, não um dado absoluto.
Modalizadores Deônticos *"é preciso reconhecer e valorizar a herança africana no Brasil."* → Expressa necessidade de ação. *"o Governo Federal, em parceria com as secretarias estaduais de educação, deve ampliar as campanhas de valorização da cultura africana..."* → Indica uma obrigação atribuída ao governo. *"Ainda, cabe ao Ministério da Educação, como responsável pela elaboração de políticas públicas de educação, fomentar palestras*

socioeducativas..." → Define um dever do Ministério da Educação. *"com a finalidade de combater a visão eurocêntrica presente na sociedade, promovendo o aprendizado da história sob a ótica dos afrodescendentes."* → Aponta um objetivo que *deveria* ser alcançado.
Modalizadores Afetivos *"é nítido que a sociedade brasileira não valoriza a herança africana..."* → Expressa um julgamento enfático sobre a situação. *"o que aprofunda o óbice."* → Uso de linguagem mais enfática para reforçar a gravidade do problema. *"Dessa maneira, elementos culturais, como a literatura negra, são esquecidos por parte da população, o que destoa da proposta memorialística da LDB."* → Indica um tom crítico ao descompasso entre a prática social e a proposta legal. *"a fim de disseminar o conhecimento acerca do inestimável legado africano na história e na cultura do país."* → O termo *inestimável* demonstra uma valorização emocional da cultura africana.
Modalizadores Delimitadores *"Fora da ficção, é nítido que a sociedade brasileira não valoriza a herança africana..."* → Faz uma distinção entre a obra literária e a realidade brasileira. *"Dado o exposto, pode-se considerar a persistência de ideais eurocêntricos como empecilho..."* → Estabelece uma conexão lógica dentro do texto. *"Nesse viés, embora a Lei de Diretrizes e Base preconize o ensino obrigatório da história africana no ambiente escolar, ainda há uma escassez de programas nesse âmbito..."* → Introduz uma restrição, reconhecendo a existência da lei, mas apontando suas limitações. *"por meio de votação entre deputados e senadores — responsáveis pela aprovação da Lei Orçamentária Anual (LOA)..."* → Delimita um mecanismo específico pelo qual a ação pode ser implementada.

"Nessa perspectiva, o panorama diverso destacado em 'Torto Arado' será devidamente valorizado pela sociedade brasileira." → Restringe a aplicação da mudança ao contexto abordado na obra.

Neves (2011b) examina os princípios centrais que sustentam as abordagens funcionalistas, evidenciando de que maneira esses fundamentos orientam a escolha de temas e objetos de estudo em cada perspectiva teórica. Ao destacar a relevância das interações entre o funcionalismo e outras áreas do conhecimento, aponta como essas conexões contribuem para uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos linguísticos. Assim com o modelo teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Gramática de Construções, foi possível identificar como os diferentes tipos de modalização – epistêmica, deôntica, afetiva e delimitadora – contribuem para a solidez argumentativa e a persuasão do texto. A análise das construções modalizadoras nas redações nota mil do ENEM 2024 revelou a centralidade delas na construção da argumentação e na demonstração das intencionalidades discursivas dos participantes. Esses resultados evidenciam que a escolha estratégica desses recursos não apenas fortalece a credibilidade das ideias expostas, como também orienta a interação entre autor e leitor, reforçando a coerência e a persuasão do discurso. Dessa forma, compreender o funcionamento das construções modalizadoras se mostra essencial para o desenvolvimento de uma produção dissertativo-argumentativa eficaz, destacando-se como um aspecto fundamental na produção de textos bem-sucedidos.

4. Aplicação

Na busca pela prática de um ensino produtivo de língua portuguesa baseado no uso, que leve em conta forma e significado, apresentam-se três questões sobre construções modalizadores em uma redação do ENEM de 2024.

Leia a Redação nota mil de Rafael Santana Assunção, no Enem 2024, em seguida responda as questões:

O álbum musical "Duas Cidades", da banda brasileira Baiana System, aborda, em algumas de suas canções, o apagamento da influência histórica africana no Brasil. Inegavelmente, em dias atuais, é possível constatar uma relação direta entre a composição artística citada e a desvalorização da herança africana no país. Isso é explicado devido à falta de política pública de ensino e à ausência de lei específica. Logo, é essencial analisar e intervir sobre essa problemática.

A princípio, deve-se observar que o pouco fomento governamental em ações de gestão educacional é um problema a ser combatido. Sob a perspectiva de Macaé Evaristo, ministra dos Direitos Humanos, é urgente a necessidade de iniciativas para a inclusão da história e da cultura afro-brasileira nas escolas. Para entender melhor tal posicionamento, é importante compreender que o atual ensino sobre os povos africanos é apenas relatado em aulas específicas de algumas disciplinas, como história e literatura, sem se aprofundar na grande influência cultural que a África possui no Brasil. Dessa forma, de acordo com Chico César, cantor e compositor de músicas afro-brasileiras, as crianças e os adolescentes necessitam ter uma formação ampla sobre a temática, com aulas multidisciplinares, por exemplo, de música e de capoeira, bem como as tradicionais aulas já existentes, porém integradas à herança africana presente na sociedade. Nesse sentido, é substancial modificar esse contexto e desenvolver uma forte política pública de ensino.

Ademais, é imperativo pontuar que atitude insuficiente do Poder Legislativo Federal em atuar no tema é um problema a ser combatido. Sob a ótica de Duda Salabert, deputada federal e professora de literatura, é imprescindível a alteração da lei que orienta a educação básica brasileira. Isso pode ser explicado pelo entendimento de que apenas com empenho legislativo é possível transformar o mecanismo legal que define as matrizes de referência

do ensino nacional. Dessa maneira, com a união de parlamentares para o reconhecimento da importância da herança africana na formação educacional, poderá ocorrer a consolidação de políticas públicas, como o investimento da capacitação de professores e de profissionais especializados em cultura afro-brasileira. Assim, o crescimento do fomento estatal no setor, garantido por aparato legal, contribuirá para a efetivação de uma forte identidade nacional. Em suma, se o Congresso Nacional se omite de enfrentar tal cenário danoso, entende-se o porquê de sua perpetuação.

Portando, com o intuito de solucionar esses desafios, o Poder Executivo Federal, por meio do aumento de ações governamentais, deve estimular iniciativas educacionais relacionadas à herança africana, a fim de valorizar a temática. Além disso, o Poder Legislativo Federal, por intermédio da criação de um projeto de lei, necessita elaborar uma nova política nacional de ensino, com a obrigatoriedade de investimento público na área, com a definição de medidas de gestão pública capazes de instituir aulas multidisciplinares, como de música e de cultura afro-brasileira nas escolas, com o objetivo de reconhecer a importância do tema na formação da sociedade. Feito isso, o apagamento da influência africana abordado na obra da banda Baiana System será, enfim, combatido.

1. Questão:
Explique a partir de exemplos **c**omo os modalizadores epistêmicos contribuem para a construção da argumentação na redação?

2. Questão:
De que maneira os modalizadores deônticos reforçam a proposta de intervenção na redação? Apresente trechos para corroborar sua resposta.

3. Questão:
Mostre com exemplos o papel dos modalizadores afetivos e dos delimitadores na estruturação da argumentação?

GABARITO (sugestões de respostas):

1 QUESTÃO: Ao expressarem diferentes graus de certeza, possibilidade e probabilidade no texto essas construções garantem maior credibilidade ao argumento e reforçam a relação entre os fatos apresentados e a necessidade de intervenção. Pode-se perceber na frase *"Inegavelmente, em dias atuais, é possível constatar uma relação direta entre a composição artística citada e a desvalorização da herança africana no país."* combina um modalizador de certeza (*"Inegavelmente"*) com um de possibilidade (*"é possível constatar"*) para reforçar que a problemática é verificável na realidade. Além disso, expressões como *"Isso pode ser explicado pelo entendimento de que..."* indicam hipóteses ou justificativas racionais, agregando um tom argumentativo mais analítico ao texto.

2 QUESTÃO: Na redação, diversas expressões deônticas reforçam a urgência da problemática e a necessidade de ação. Por exemplo, no trecho *"Logo, é essencial analisar e intervir sobre essa problemática."*, a palavra *"essencial"* indica uma necessidade imperativa. Da mesma forma, *"deve estimular iniciativas educacionais"*,*"* necessita *elaborar uma nova política nacional de ensino"* sugerem não apenas uma recomendação, mas uma exigência para que mudanças ocorram para garantir a valorização da herança africana no Brasil.

3 QUESTÃO: No texto, os modalizadores afetivos aparecem em trechos como *"Dessa maneira, com a união de parlamentares para o reconhecimento da importância da herança africana na formação educacional..."*. O uso de *"importância"* e *"reconhecimento"* atribui um valor positivo ao tema, despertando um apelo emocional no leitor. Além disso, a construção *"Feito isso, o apagamento da influência africana abordado na obra da banda Baiana System será, enfim, combatido."* encerra o texto com um tom de esperança e solução, intensificando o apelo afetivo. Já os delimitadores atuam na organização do texto. Construções como *"A princípio"*, *"Dessa*

forma", *"Ademais"*, *"Em suma"*, e *"Portanto"* sinalizam a progressão lógica dos argumentos, auxiliando na fluidez da leitura.

Palavras finais

Em todo o capítulo, tentamos mostrar que as construções modalizadoras são elementos essenciais na produção de textos dissertativos-argumentativos, pois trazem a clareza, a coerência e a persuasão no discurso. O uso eficaz dessas construções linguísticas fortalece a argumentação, tornando-a mais convincente e adequada ao propósito comunicativo.

A capacidade de argumentar é essencial para a vida em uma sociedade democrática. O avanço do cidadão crítico depende da habilidade de argumentar e contra-argumentar, tornando o estudo das construções modalizadoras um elemento fundamental para o ensino-aprendizagem do português no cenário educacional brasileiro.

5. Para conhecer mais sobre o tema

Sugerimos um aprofundamento das questões apresentadas no capítulo e apresentamos os seguintes autores e suas obras:

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M de. Advérbios Modalizadores. *In*: ILARI, R. (org.). **Gramática do Português falado**, v. 2: níveis de análise linguística. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

FIORIN, J. L. Modalização: da língua ao discurso. **Alfa**, Revista de Linguística, São Paulo, v. 44, p. 171-192, 2000.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Referências

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fonte, 1997.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos de português**. São Paulo: Editora UNESP, 2011a.

NEVES, M. H. de M. Linguística funcional: princípios, temas, objetos e conexões. **Guavira Letras**, v. 13, p. 23-38, 2011b.

NOGUEIRA, M. T. *A* manifestação da modalidade. Estudo apresentado no **I Encontro Linguístico e Literário do Mestrado em Letras da UFPI**, 2006.

Construções para a expressão de futuridade ao predicar[1]

Marcia dos Santos Machado Vieira
Universidade Federal do Rio de Janeiro, CNPq e FAPERJ

Resumo: Neste capítulo, a configuração morfossintática, lexical e semântica da futuridade em predicação é o tema central. O leitor *encontrará/vai encontrar* exemplos de recursos, além dessas duas formas (simples e perifrástica), que fazem parte do conhecimento gramatical da língua portuguesa que *pode viabilizar* predizer estados de coisas. Também *irá encontrar* propostas de trabalho com o tema, indicação de domínios textuais-discursivos em que *há de haver* produtividade desse tipo de morfossintaxe, bem como recomendações de leituras para o leitor *poder vir a conhecer* mais a respeito.

O futuro convida a predicar por diversas formas

"*Faz escuro, mas eu canto*
porque a manhã vai chegar"
(Thiago de Mello).

A diversidade de construções de predicação verbal ou verbo-nominal disponíveis no conhecimento que temos de gramática da língua portuguesa e úteis à promoção de efeitos de sentido ligados à esfera de futuridade é o tema deste capítulo.

Geralmente, quando as noções de futuridade são abordadas em materiais didáticos, muitas possibilidades morfossintáticas e lexicais ficam de fora da descrição. A atenção recai, em geral, na alternância entre formas verbais simples e perifrásticas específicas: por exemplo, formas sintéticas de futuro do presente (*convidará*) ou pretérito do indicativo (*convidaria*) ou futuro do subjuntivo (quando *convidar*) em comparação com formas perifrásticas

[1] https://doi.org/10.51795/9786526520475141173

envolvendo o verbo auxiliar *ir* (*vai convidar, irá convidar; iria convidar; for convidar*) ou, quando muito, *haver* (*há de convidar*, *haverá de convidar; haveria de convidar; houver de convidar*).

Temos aqui o propósito de reunir, em uma exposição resumida, um conjunto de construções gramaticais de futuridade envolvidas na produção de textos falados e escritos em circulação especialmente em espaços de letramento ou em que há (expectativa de) estandardização, com o intuito de alinhar experiências de uso linguístico, regularidades linguísticas centradas em usos e saberes construídos via Educação e/ou Ciência (socio)linguísticas.

Então, convidamos o leitor a explorar conosco um horizonte de possibilidades gramaticais a serviço de perspectivar estados de coisas (termo guarda-chuva usado na literatura linguística para designar estados, acontecimentos, eventos, ações, processos, posições, situações, por exemplo) com nuances de sentido relativas a desejo, expectativa, prospecção, projeção, previsão, prognóstico, hipótese, irrealidade, incerteza, possibilidade, probabilidade, movimento adiante – ou seja, estados de coisas ligados à esfera de futuridade –, indo além do que normalmente é descrito. Com isso, queremos colaborar para a sensibilização, a atenção e a conscientização gramaticais diante da riqueza de padrões construcionais de futuridade que regularmente emergem nas experiências de uso e, se possível, para o processo de ampliação do repertório de recursos linguísticos de futuridade a serem explorados nos espaços de estudo da língua portuguesa.

A diversidade de recursos para predizer estados de coisas a partir de um dado espaço temporal de enunciação

O tempo posterior ao tempo da enunciação (falada ou escrita) é o tempo futuro. Este pode ser indicado por uma série de recursos morfossintáticos, que, por sua vez, implicam lexemas. Eis uma breve exemplificação da ocorrência de recursos diferentes em um texto:



[2]

Nesse breve evento de enunciação feito por meio da modalidade escrita em postagem na rede social *Instagram*, o então

[2] Postagem, no *Instagram*, em 03 de março de 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DGv1SbsybvM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFlZA. Acesso: 05 mar. 2025.

prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, torna público um movimento político da prefeitura sob sua gestão por meio de predicações que envolvem o acionamento de, pelo menos, três tipos de construções gramaticais de futuridade: formas sintéticas (*sairá*, *faremos*, *poderá, funcionará;* entre elas, uma em verbo de semântica de movimento (*sair*) e outra em verbo de possibilidade (poder, na perífrase *poderá conhecer*), ou seja, verbos associados a semânticas alinhadas a efeitos de sentido na esfera de futuridade), formas perifrásticas com verbo *ir* no presente do indicativo (*vamos tornar* público e *abrir*, *vai estar* pronta, *vamos sorrir*), forma (semi)cristalizada/idiomática (*Quem sabe X ?*, com verbo ser flexionado no futuro do presente do indicativo e em interrogação com pronome *Quem*, comum na expressão de efeitos de sentido modal como incerteza, dúvida).

Vemos aí uma breve ilustração de como o conhecimento linguístico que acionamos para exprimir futuridade engloba uma complexa rede de construções gramaticais, às quais se combinam sistematicamente certos lexemas: por exemplo, o frequente emprego do verbo *ir* em que sobressai valor de deslocamento no tempo, em lugar de deslocamento no espaço geográfico – melhor evidenciado na primeira forma de perífrase de enunciado como "Não irei na academia hoje, ***vou*** **ir** na igreja, tem um tempinho que não vou, tô precisando"[3]

Os dados nessa postagem de Eduardo Paes servem também a nosso propósito de chamar a atenção do leitor para a versatilidade com que nos valemos, num mesmo texto, de recursos convencionalizados socialmente e retidos na mente, que estão à nossa disposição para uso. Observamos, na prática comunicativa, a reconfiguração de tendências de percepção ou associação (às vezes mais vinculadas a uma camisa de força imaginária do que a experiência evidencia) sobre o acionamento de expressões de futuridade em contexto de expectativa de uso de norma de

[3] Disponível em: https://x.com/LeandraCusttod1/status/1906832195764851118 Acesso: 07 abr. 2025.

referência (em função de contexto, persona pública, registro, modalidade expressiva, por exemplo). Pesquisas científicas sobre futuridade mostram, de um lado, associação entre forma sintética de expressão de futuro e eventos mais monitorados mediados pela escrita e, de outro, forma perifrástica e eventos menos monitorados mediados pela escrita e especialmente pela fala. Vimos, na postagem usada como exemplo, as duas alternativas de expressão de futuro.

Outra ilustração de coocorrência de diferentes recursos de futuridade (entre formas simples e formas complexas) também é vista nestes trechos de notícia jornalística angolana:

> "***Será*** este o "princípio do fim" de Isabel dos Santos?
>
> O conflito entre o Estado angolano e Isabel dos Santos ***está para durar***. O desfecho ***pode ser*** a nacionalização dos bens da empresária ou um acordo entre as partes como aconteceu com Jean Claude Bastos.
>
> [...]
>
> O Estado não ***vai ficar*** com as posições dela nas empresas. Em princípio, depois de ganhar a causa em tribunal, ***vai alienár***-las a outros investidores. Na Unitel, por exemplo, fica aberta a porta para desbloquear a questão da presidência, que se arrasta desde a última assembleia geral, com o braço de ferro de Isabel dos Santos e do general Leopoldino Fragoso do Nascimento contra a Sonangol e os brasileiros da Oi" explica a mesma fonte.
>
> [...]
>
> Isabel dos Santos contestou a decisão logo a 31 dezembro, sublinhando não ter sido ouvida pelo tribunal. "Este despacho sentença é resultado de um julgamento de uma providência cautelar, que ocorreu sem conhecimento das partes, de forma aparentemente arbitrária e politicamente motivado. Não compreendendo nem se podendo conformar com este enquadramento num Estado de Direito democrático como é Angola, Isabel dos Santos ***pretende opor-se*** a cada uma destas alegações em sede e tempo próprio nos termos estabelecidos na lei angolana", lê-se num comunicado datado desse dia.

> Contudo, segundo a explicação de um constitucionalista angolano, este arresto de bens "é uma providência cautelar onde se dispensa o contraditório se existir o perigo de se gorar o efeito da providência. O que ***quiser alegar e provar*** ***será*** no âmbito da ação principal que lhe ***haverá de ser movida*** no prazo de 30 dias a partir do arresto. Se tal ação não for instaurada o arresto ***extinguir-se-á*** e os bens ***voltarão*** à sua posse" [portal de notícias Angola24Horas, 03 de janeiro de 2020].[4]

Futuridade

Visão estratégica, propósito, intenção, desejo, expectativa, prospecção, vaticínio, hipótese, promessa, planejamento, análise de possibilidade, plausibilidade ou probabilidade são estados de coisas prévios a estados de coisas de consecução. Estados de coisas que envolvem futuridade têm a ver com situações ou eventos que se projetam, se concretizam ou se processam após o momento de fala. Esta condição não está associada apenas a tempo futuro. Perspectivar o futuro é conceptualizar um estado de coisas partindo do hoje, aqui e agora para um horizonte mais ou menos (in)desejável, (im)plausível, (in)definido, próximo ou distante do momento de fala, (in)certo e (im)possível de consecução**.** Envolve antecipação. Uma representação por imagem que pode ajudar-nos a captar esse campo de expressão de futuridade é a do cone de futuros abaixo[5], adaptada de representação feita por Joseph Voros[6], que, segundo este, é, por sua vez, uma adaptação e extensão de

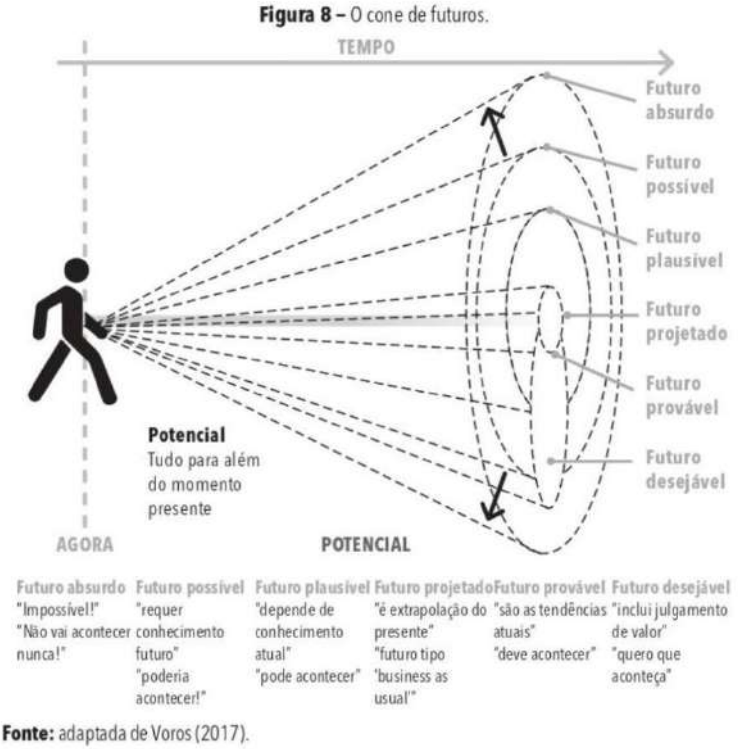
[4] Disponível em: https://angola24horas.com/sociedade/item/15615-sera-este-o-principio-do-fim-de-isabel-dos-santos/. Acesso em: 28 mar. 2025.

[5] A imagem do diagrama do cone de futuros aqui exposta foi extraída do texto de Thuinie Daros, da Figura 8, nesse texto. Disponível em: https://revistaensinosuperior.com.br/2024/05/29/reimaginando-a-educacao-superior-com-pensamento-antecipatorio/ Acesso em: 28 mar. 2025.

[6] Joseph Voros trata do diagrama de cone de futuros em textos como: https://thevoroscope.com/2017/02/24/the-futures-cone-use-and-history/ https://thevoroscope.com/2015/12/28/on-examining-preposterous-futures/. Acesso: 31 mar. 2025. Thuinie Daros cita o texto de 2017, acessado pelo primeiro link.

figura de outro texto dele[7]. Joseph Voros diz que a imagem nesse cone "pode ser comparada a um holofote ou farol de carro: brilhante no centro e difundindo-se para a escuridão na borda [...]".

Figura 1 - Representação apresentada, em texto de Thuine Daros, como figura 8, a partir de adaptação de diagrama *O cone de futuros* feito por Voros



A noção de futuridade está aberta a diferentes nuances de futuro, a cenários (com diversos contornos) que são antecipados subjetivamente a partir de um momento presente: quanto mais ao centro, maior é a probabilidade de acontecer; quanto mais distante do centro, menor é a probabilidade de acontecer. Futuro potencial é

[7] Voros, J. (2003), "A generic foresight process framework", *Foresight*, vol. 5, nº. 3, p. 10-21. Disponível em: https://doi.org/10.1108/14636680310698379

o que vai além do momento presente, inclui até o que nem se pode imaginar ou, em outras palavras, a área fora das bordas do cone. Futuro absurdo é o que escapa ao campo de possibilidades imaginadas com base em fatos correntes ou conhecimento de mundo/científico no presente e, por isso, pode ser tido como impossível, irracional e/ou ridículo. Futuro possível é o que escapa ao conhecimento corrente (vigente e amplamente admitido), mas ainda assim é razoável por estar, em alguma medida, ancorado em conhecimento futuro (que ainda poderá ser alcançado um dia). Futuro plausível está associado a alternativa razoável entre alternativas perspectivadas a partir de conhecimento ou de compreensão do mundo vigentes no presente. Futuro projetado, correspondente a um tipo de futuro "default" (até previsto como "único", "vai" acontecer), é uma extrapolação do passado através do presente/linha base do futuro, está relacionado com o que se pensa que será concretizado, com o que se vê como o mais provável ou o único dos cenários. Futuro provável liga-se ao que pode ser presumido pela ótica do mundo atual, pela percepção de tendências probabilísticas no presente. Futuro preferível ou desejável (ou *in*desejável, como o ligado a mudanças climáticas prejudiciais ao planeta) está associado ao que se quer que (não) aconteça.

Com isso, além de efeito de sentido de tempo futuro, muitas formas verbais têm o potencial de levar a efeitos de sentido modal (de desejo, dúvida, incerteza, insegurança, ordem) e, então, promover modalização nas interações discursivas. Por exemplo, esta manchete: "Walter Salles comenta expectativa de Oscar para Ainda Estou Aqui: ´Se não ***vier***, a vida continua´"[8].

No início de 2025, muitos textos jornalísticos trataram de expectativas quanto ao filme brasileiro Ainda Estou Aqui. Muitas projeções foram formuladas. Não é difícil encontrar manchetes

[8] Disponível em: https://www.estadao.com.br/cultura/cinema/walter-salles-comenta-expectativa-de-oscar-para-ainda-estou-aqui-se-nao-vier-a-vida-continua/?srsltid=AfmBOordXQhg4Z-_gesMpnM6IanELXQm2wK-i5zX-RFB3DSbalDfhHTL/. Acesso em: 18 mar. 2025.

jornalísticas nesse período relacionadas à esfera conceptual de futuridade. Por exemplo, no texto jornalístico abaixo, observamos, em alguns excertos, o acionamento de construções com verbo auxiliar modal *poder* seguido de infinitivo ou com a perífrase verbo-nominal *ter o potencial de Vinfinitivo* (este tanto pode ser um predicador simples quanto um predicador complexo, como *trazer destaque significativo*) na configuração de predicações de análise de possibilidade ou probabilidade com prospecção promissora em tempo futuro. Uma delas, inclusive, é a acompanhada de adjunto adverbial com explicitação de tempo futuro (a partir de 2026, 2027). Exemplo:

> **Especialista: "Ainda Estou Aqui" *pode tornar* o Brasil "bola da vez" no mundo**
> [...]
> Segundo o crítico de cinema e co-fundador da CCXP, Marcelo Forlani, essa produção ***tem o potencial de trazer*** destaque significativo para o cinema brasileiro no mundo.
> [...]
> "Eu ouvi ano passado em uma conferência aqui no Brasil de um criador da série Euphoria que o Brasil ***pode ser*** a bola da vez para o audiovisual **a partir de 2026, 2027**", revela Forlani.
> [...]
> Forlani acredita que o sucesso de "Ainda Estou Aqui" ***pode ser*** um "estopim" para atrair mais atenção e investimentos estrangeiros para o setor audiovisual do país (CNN Brasil, 23 de janeiro de 2025).[9]

A inferência de prospecção dá-se a partir do uso de verbo modal. Além do auxiliar ***poder***, outro verbo bastante acionado para a perspectivação de futuridade é o verbo ***dever***: "Cinema brasileiro: nova cota de tela ***deve gerar*** mais filmes nacionais em exibição no

[9] Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/especialista-ainda-estou-aqui-pode-tornar-brasil-bola-da-vez-no-mundo/ Acesso: 18 de março de 2025.

país"[10]. Também a forma perifrástica com ***haver de Vinfinitivo*** (tenha ela o verbo flexionado no presente ou no futuro, como se vê a seguir ou em "da ação principal que lhe ***haverá de ser movida*** no prazo de 30 dias a partir do arresto", em exemplo já citado) está associada a uma projeção de futuro de probabilidade. Exemplos:

> "A vida presta". A frase da atriz **Fernanda Torres** dita após a indicação de "**Ainda Estou Aqui**" ao Globo de Ouro em dezembro do ano passado ainda ***há de ser falada*** mais vezes. Isso porque o filme brasileiro ganhou mais duas premiações de cinema na noite do último sábado, 8 (O Povo, 09 de fevereiro de 2025).[11]
>
> "Se ***houver de ser prestado algum depoimento*** fora do tribunal, a audiência será interrompida antes dos debates, e os juízes e advogados deslocar-se-ão para o local, imediatamente ou no dia e hora que o presidente designar; prestado o depoimento, a audiência continua no tribunal" (Jornal da República Democrática de Timor-Leste, Decreto Lei Governo, 1/2006).[12]

Nesse segundo exemplo, é interessante destacar que a perífrase, além de conter *haver* flexionado no futuro do subjuntivo, é constituída de auxiliar de voz passiva *ser* e de predicador complexo com verbo (semi-)suporte de elemento nominal ("prestado algum depoimento" em que *prestar depoimento*" é uma unidade funcional/um *chunk* relativamente correspondente a *dar/fazer (um) depoimento*, *depor* (algo))[13].

---

[10] Disponível em: https://www.oliberal.com/cultura/cinema-brasileiro-nova-cota-de-tela-deve-gerar-mais-filmes-nacionais-em-exibicao-no-pais-1.909756/. Acesso em: 18 mar. 2025.

[11] Disponível em: https://www.opovo.com.br/vidaearte/2025/02/09/ainda-estou-aqui-vence-duas-premiacoes-diferentes-em-uma-noite.html/. Acesso em: 18 mar. 2025.

[12] Disponível em: https://www.mj.gov.tl/jornal/?q=node/1372/. Acesso em: 07 abr. 2025.

[13] Para mais informações a respeito de predicadores complexos com verbo suporte, vale conferir: Machado Vieira (2018) ou Machado Vieira e Travassos (2024).

O futuro ao predicador e à predicação "pertence"

Pelo que foi visto até aqui, há mais do que a simples associação entre tempo futuro e forma verbal.

A expressão de tempo futuro é, em geral, associada à predicação com forma verbal que se apresenta no que se convencionou chamar de futuro sintético. Este pode manifestar-se no futuro do presente do indicativo: *predicarei*, *predicarás*, *predicará*, *predicaremos*, *predicareis*, *predicarão.* Pode manifestar-se no futuro do pretérito do indicativo: *predicaria*, *predicarias*, *predicaria*, *predicaríamos*, *predicaríeis*, *predicariam*. Também pode materializar-se no futuro do modo subjuntivo: (*quando*) *predicar*, *predicares*, *predicar*, *predicarmos*, *predicardes*, *predicarem*. Na literatura gramatical tradicional, essa é a estruturação formal que normalmente tem proeminência.

A expressão de tempo futuro não ocorre apenas com recurso à predicação que se valha de futuro sintético, nem mesmo de forma sintética do verbo.

Predicações com formas verbais flexionadas no presente do indicativo e com advérbios ou expressões de natureza adverbial propiciam a representação de estados de coisas em tempo futuro. Na experiência linguística, quer em textos da fala espontânea quer em textos jornalísticos (e outros), detectamos o recurso. Exemplos:

> "**Quando** "Ainda Estou Aqui" ***chega*** no streaming?
> O filme "**Ainda Estou Aqui**", dirigido por **Walter Salles**, está prestes a estrear no Globoplay**,** marcando um momento significativo para o cinema brasileiro. Após vencer o Oscar 2025 na categoria de melhor filme internacional, a produção ***chega*** à plataforma de streaming **no dia 6 de abril**. O longa ***permanece*** em cartaz nos cinemas **até o dia 2 do mesmo mês**, oferecendo ao público a oportunidade de vivenciar essa obra premiada na telona" (Correio Braziliense, 07 de março de 2025).[14]

[14] Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/cbradar/quando-ainda-estou-aqui-chega-no-streaming/. Acesso em: 18 mar. 2025.

> "O verão ***acaba*** oficialmente **daqui a um mês**, mas nunca é tarde para falar sobre alimentação saudável, sobretudo, na época mais quente do ano [...]" (Informativo eletrônico destinado aos servidores, UFF, Comunica, 2023).[15]

Há, também, predicações com perífrases que podem expressar futuridade.

Perífrases chamadas de *futuro do presente composto do indicativo* e de *futuro composto do subjuntivo* também são formas de expressão de futuridade que integram nosso conhecimento linguístico.

A forma de futuro do presente composto do indicativo, que se estrutura a partir do verbo auxiliar *ter* ou *haver* flexionado no futuro do presente do indicativo e seguido de verbo auxiliado no particípio, está associada a este significado: um estado de coisas futuro estará terminado antes de outro estado de coisas futuro. Por exemplo:

> "Ainda estou aqui" pode não entrar na lista final para o Oscar, Fernanda Torres, talvez a melhor atriz brasileira de sua geração, pode não ser indicada ao prêmio maior do cinema mundial como se cogita. Entretanto, se não ganhar mais nada além dos efusivos aplausos que recebeu em setembro, no Festival de Veneza (Fernanda Torres e "Ainda estou aqui" foram aplaudidos por dez longos minutos e Murilo Hauser e Heitor Lorega ainda foram agraciados com o prêmio de melhor roteiro), "Ainda estou aqui" já ***terá feito história*** (Esquerda Online, 13 de novembro de 2024).[16]
>
> "Amanhã quando o Ser Gilmoro chegar em casa, a conja já ***haverá feito*** uma canja leve, então ele deitará no seu travesseiro de pena de marreco, é soluçara" (Tweet, 25 de agosto de 2019).[17]

---

[15] Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.uff.br/wp-content/uploads/2023/11/comunica_3-1.pdf/. Acesso em: 31 mar. 2025.

[16] Disponível em: https://esquerdaonline.com.br/2024/11/13/ainda-estou-aqui-um-filme-que-nos-mantem-firmes-e-esperancosos/. Acesso em: 31 mar. 2025.

[17] Disponível em: https://x.com/nataliagpg/status/1165667732148408320/. Acesso em: 18 mar. 2025.

No primeiro exemplo, o predicador complexo "fazer história" (com valor correspondente ao de "entrar para a história", "marcar um momento histórico") é o predicador principal no particípio passado da construção de predicação no futuro do presente composto sobre o qual o verbo auxiliar *ter* atua. Predicador complexo é uma forma verbal ou verbo-nominal constituída por mais de um vocábulo funcionando na estruturação de uma predicação tal qual um verbo pleno simples. No segundo exemplo, já é o predicador simples "fazer" (com valor correspondente ao de "preparar") o predicador principal sobre o qual o verbo auxiliar *haver* atua.

A forma de futuro do pretérito composto do indicativo, constituída pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* flexionado no futuro do pretérito simples do indicativo e seguido pelo predicador auxiliado flexionado no particípio, está ligada a uma semântica de predicação em que um estado de coisas poderia ter tido lugar posteriormente a um estado de coisas passado, estando, portanto, condicionado. Por exemplo:

> "**MST e secretaria de Segurança do MA desmentem que movimento *teria ateado fogo* em eucaliptos**
> [...]
> A acusação de que as famílias do acampamento Marielle Franco do MST ***teriam incendiado*** as toras no último sábado (3) partiu, segundo a Revista Oeste, do empresário Cláudio Azevedo. Circula, desde então, em blogs e redes sociais. Presidente do Centro das Indústrias do Maranhão (Cimar) e vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado do Maranhão (Fiema), Azevedo ***teria informado*** à imprensa que "presenciou em tempo real a tentativa dos funcionários para apagarem o fogo do local".
> [...]
> O secretário de Segurança desmentiu, ainda, versão que afirmava que a Polícia Militar, ao chegar para conter o fogo, ***teria sido recebida*** à bala pelos autores do incêndio. "Não houve nada disso. Quem esteve no local, após o ocorrido, foi a perícia técnica encaminhada

pelo delegado regional Jair Paiva com o objetivo de elaborar um laudo", afirmou" (Brasil de Fato, 06 de setembro de 2022).[18]

Nesses exemplos, vemos o emprego do verbo auxiliar sobre os predicadores simples *incendiar* e *informar* (*incendiado*, *informado*) e os predicadores complexos: um formado por verbos – com auxiliar de voz passiva ser e particípio do verbo receber (*sido recebida*); outro verbo-nominal, com a coocorrência (semi-)cristalizada de verbo e nome (*ateado fogo*).[19]

A forma de futuro composto do subjuntivo, constituída do verbo auxiliar *ter* ou *haver* flexionado no futuro simples do subjuntivo e seguido do verbo auxiliado no particípio, está associada a um estado de coisas futuro que estará terminado antes de outro estado de coisas futuro. Por exemplo:

"O parlamento sueco aprovou um projecto de lei que permite a adesão à NATO quando ***tiver sido ratificada*** pelos 30 membros da aliança. Tanto a Suécia como a Finlândia pediram no ano passado para aderir à aliança transatlântica, mas o processo foi atrasado pela Turquia e Hungria, que ainda não ratificaram a adesão" (Jornal O Público, 24 de março de 2023).[20]

Além desses tipos de perífrases, expostos em formulações didáticas, há uma série de outras formas de expressarmos tempo futuro que nem sempre têm lugar em espaços de ensino, embora também componham a rede de construções de futuridade da língua portuguesa. São elas: ***haver de + Vinfinitivo***; ***ir flexionado no presente ou no futuro + Vinfinitivo***; ***estar flexionado no presente ou no futuro + preposição por + Vinfinitivo***; ***estar flexionado no***

[18] Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2022/09/06/mst-e-secretaria-de-seguranca-do-ma-desmentem-que-movimento-teria-ateado-fogo-em-eucaliptos/. Acesso: 18 mar. 2025.

[19] Para mais informações sobre tipos de predicadores e sobre auxiliaridade, recomenda-se a leitura de Machado Vieira (2022).

[20] Disponível em: https://www.publico.pt/2022/02/24/infografia/russia-invade-ucrania-guia-visual-entender-guerra-661/. Acesso em: 07 abr. 2025.

futuro + Vgerúndio*; *ir flexionado no presente ou no futuro + estar + Vgerúndio, bem como certas ocorrências de padrões com *vir* ou *querer*: ***poder flexionado no presente ou no futuro + vir + preposição a + Vinfinitivo, vir flexionado no futuro + preposição a _Vinfinitivo*, *querer + Vinfinitivo*** e ***estar + querer flexionado no gerúndio + Vinfinitivo.***[21] Contêm exemplos de ocorrências desses padrões construcionais de predicação de futuridade, excertos como os seguintes:

> "ainda estou aqui é uma potência. assisti duas vezes e queria assistir a terceira. um daqueles filmes mobilizadores, que dão à gente a certeza de que algo ***há de ser feito***" (Tweet, 25 de novembro de 2024).[22]
> "Ainda Estou Aqui" ***vai representar*** o Brasil na disputa por vaga no Oscar 2025 (GZH, 23 de setembro de 2024).[23]
> "Ainda Estou Aqui", aclamado filme que ***irá representar*** o Brasil na corrida pelo Oscar, já está disponível nos cinemas!!!" (Tweet, 7 de novembro de 2024).[24]
> "OMS avisa que 'o pior da pandemia ainda ***está por vir***' " (Folha de Maputo, 30 de junho de 2020).[25]
> "Hoje o @nicollaskdouk ***estará representando*** o nosso time na cabine e coletiva de Imprensa de AINDA ESTOU AQUI, com as presenças do diretor Walter Salles, Marcelo Rubens Paiva, Fernanda Torres,

[21] Vinfinitivo = Verbo ou Predicador verbal (simples ou complexo) flexionado no infinitivo. Vgerúndio = Verbo ou Predicador verbal (simples ou complexo) flexionado no gerúndio.
[22] Disponível em: https://x.com/carol_hallal/status/1860918444796891519/. Acesso em: 07 abr. 2025.
[23] Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/cinema/noticia/2024/09/ainda-estou-aqui-vai-representar-o-brasil-na-disputa-por-vaga-no-oscar-2025-cm1f8ix9k000301eh9w9qyg44.html/. Acesso em: 07 abr. 2025.
[24] Disponível em: https://x.com/ccentralcine/status/1854519113315393679/. Acesso em: 07 abr. 2025.
[25] Disponível em: https://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/internacional/oms-avisa-que-o-pior-da-pandemia-ainda-esta-por-vir/. Acesso em: 07abr. 2025.

Selton Mello e dos roteiristas Murilo Hauser e Heitor Lorega!" (Tweet, 18 de outubro de 2024).[26]

"Ucrânia ***pode vir a ser*** o primeiro país em guerra a receber um empréstimo do Fundo Monetário Internacional (FMI). As partes chegaram a acordo para um pacote de financiamento de quatro anos no valor de 15,6 mil milhões de dólares (perto de 14,5 milhões de euros). O Fundo espera que haja uma recuperação económica gradual, apesar de reconhecer que uma nova escalada pode dificultar a recuperação da Ucrânia" (Jornal O Público, 24 de março de 2023).[27]

"E pensar que daqui alguns anos ela ***vai estar fazendo*** *30 ano*s…" (Tweet, 26 de março de 2025).[28]

"meu computador ***quer dar ruim*** logo hj (Tweet, 18 de junho de 2022).[29]

"Meu Dell velho de guerra ***está querendo pifar*** e já estou procurando um novo monitor. A ideia é ser um monitor coringa mesmo, pra estudar, trabalhar e jogar, então não faço questão dos atributos "gamer" de alguns monitores e pelo preço que os monitores se encontram hoje, achei esse Philips uma boa pedida (Postagem na forma de comentário no Fórum Adrenaline, 19 de julho de 2021).[30]

Nos dois dados imediatamente anteriores que têm o verbo *querer*, o termo sujeito é preenchido por referente inanimado, que não tem volição, e o Vinfinitivo representa um estado de coisas normalmente indesejável (computador *pifar*, *dar ruim*). Vemos que, nesses dados, é a noção de futuridade (futuro próximo) que sobressai. Além de padrão com o verbo *querer* (usado com certa

[26] Disponível em: https://x.com/Castbackp/status/1847227691105182143/. Acesso em: 07 abr. 2025.

[27] https://www.publico.pt/2022/02/24/infografia/russia-invade-ucrania-guia-visual-entender-guerra-661/. Acesso em: 07 abr. 2025.

[28] Disponível em: https://x.com/acervochaelisa/status/1904998325998518481/. Acesso em: 07 abr. 2025.

[29] Disponível em: https://x.com/yaralopesd/status/1538143269854519297/. Acesso em: 07 abr. 2025.

[30] Disponível em: https://forum.adrenaline.com.br/threads/philips-v8-242v8a.667316/page-7/. Acesso em: 18 mar. 2025.

frequência na língua portuguesa), outros lexemas associados à esfera da semântica de desejo são acionados para a expressão de futuro (desejável/esperado ou não).

A inferência de intenção ou propensão dá-se ainda a partir de uma série de outras formas (simples e complexas). São expressões, muito comuns em textos acadêmicos, que permitem organizar predicações de exposição de desejos, expectativas, horizontes, promessas, objetivos (as quais envolvem, em algum grau, futuridade), estas: ***propor-se a Vinfinitivo***[31]***, esperar/desejar /tencionar Vinfinitivo*** ou ***ter o intuito/intento/propósito/objetivo/ desejo/horizonte de Vinfinitivo,*** ou com lexemas afins ***(ter a intenção/meta/expectativa/propensão/disposição de Vinfinitivo, ter em vista/prisma*** ou ***no horizonte Vinfinitivo)***, por exemplo.

O futuro também se associa a expressões verbo-nominais formulaicas. Estas podem ter alguma possibilidade de alternância de lexemas em sua constituição. São exemplos de tais padrões construcionais estes[32]: (i) ***estar prestes/quase/próximo a Vinfinitivo*** ou (ii) ***estar perto/a ponto/na iminência/na proximidade de Vinfinitivo***.

> "'**Ainda Estou Aqui': primeira exibição no Brasil acontecerá na Mostra de Cinema de SP.**
> [...]
> Depois de ser contemplado nos festivais de Veneza, Toronto e Nova York, "Ainda Estou Aqui" ***está prestes a estrear*** no Brasil! A primeira exibição do filme em seu país de origem acontece na 48ª

[31] "Não sabem nada sobre criação de roteiro, delimitação de história, personagens etc. "Ainda estou aqui" ***se propõe a ser*** um filme sobre uma família branca de classe média alta que é perseguida pela ditadura, e faz isso muito bem. Não é um documentário sobre a ditadura" (Tweet, 15 de dezembro de 2025 - https://x.com/sodre_anthony/status/1868177715154866687/. Acesso em: 07 abr. 2025).

[32] Não se tenciona listar exaustivamente as possibilidades de expressões formulaicas. Uma pesquisa a respeito poderá revelar outras além das aqui listadas e mostrar, a um só tempo, regularidade e criatividade. Pesquisa desse tipo fica como sugestão a ser somada à seção de atividades que perspectivem a sala de aula como laboratório de língua.

Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, que começa em 17 de outubro e segue até 30 do mesmo mês" [PapelPop, 11 de setembro de 2024).[33]

"A Associação de Aquicultores de Porto Nacional, uma das mais tradicionais da região, ***está a ponto de dar início*** a uma nova etapa de progresso e inovação. Por meio de um acordo com o governo federal, a associação obteve a concessão de uma parte do Lago do Rio Tocantins" [...].[34]

Outra expressão formulaica com significação na vizinhança de futuridade, por, em certa medida, ligar uma situação presente ou pretérita a uma prospecção futura é esta: ***estar fadado/(pre)destinado/determinado pelo fado/propenso a Vinfinitivo***. Exemplos:



"**Ainda Estou Aqui": às sombras de um golpe, ainda estamos aqui**
Filme brasileiro conquistou as bilheterias nacionais e relembra das marcas de um passado não tão distante quanto gostaríamos

[33] Disponível em: https://www.papelpop.com/2024/09/ainda-estou-aqui-primeira-exibicao-no-brasil-acontecera-na-mostra-de-cinema-de-sp/. Acesso em: 18 mar. 2025.
[34] Disponível em: https://x.com/freedlustosa/status/1895264512766619674/. Acesso em: 07 abr. 2025.

> [...]
> Mesmo que o filme saia de cartaz muito em breve, as reflexões levantadas por ele devem ser perpetuadas. A frase "um povo que não relembra sua história ***está fadado a repeti***-la" pode ser clichê, mas continua se provando verdadeira" (Arte no Sul, 7 de dezembro de 2024).[35]

Em certos paradigmas textuais-discursivos: maior propensão ao acionamento de padrões construcionais de predicação de futuridade

Vamos encontrar, com maior frequência, o recurso aos padrões da rede de construções de futuridade vistos até aqui em certos textos e domínios temáticos (configurados por meio de modalidades expressivas e suportes diversos): textos de avaliação/opinião sobre eventos ou recursos futuros; textos de divulgação[36]; textos publicitários ou campanhas políticas (com promessa de algum tipo de retorno/lucro que seja suposto como do interesse do interlocutor); estudos de tendências ou impactos; projetos; propostas ou planos de ação; textos de ficção científica; horóscopo; textos de previsões meteorológicas, climáticas, astrológicas, turísticas, econômicas, políticas, geossociais, tecnológicas; seção de exposição de objetivos e hipóteses em textos científicos; entre outros.

---

[35] Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/artenosul/2024/12/07/ainda-estou-aqui-as-sombras-de-um-golpe-ainda-estamos-aqui/. Acesso em: 18 mar. 2025. Arte no Sul: site com "produção da disciplina de Práticas Laboratoriais, do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sob coordenação do professor Gilmar Hermes"; "A proposta é reunir informações e reportagens sobre as atividades artísticas e culturais da região Sul do Estado".

[36] Cf., por exemplo, texto disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://d46f9441-43ea-4be2-81fb-a76bf286abb6.filesusr.com/ugd/c1e8e0_f080a9103ea540719367b92d62667bad.pdf/. Acesso em: 10 mar. 2025.

O futuro tem muito mais imaginação que nós

Há diversas possibilidades de trabalho com a temática, no campo da Ciência e no da Educação. Com a perspectiva de esboçar um breve panorama de vias de prática em sala de aula, formulamos aqui uma sequência de três seções de atividades que podem ser exploradas em espaços da Educação Básica e/ou do Ensino Superior.

Uma delas está ligada à produção de sentidos envolvidos no escopo/cone de futuridade, estimulada por contexto em que a temática ou a situação explorada possa mobilizar estados de coisas organizados nesses sentidos. Outra lida com recursos de estruturação de predicações com noções ligadas à amplitude da semântica de futuridade (cf. Figura 1) e perspectivas de perfilamento conceptual em predicações organizadas em textos com certa configuração ou certo propósito comunicativo. Outra fomenta a pesquisa linguística em experiências diversas de uso em eventos mediados por oralidade e escrita.

(I)

A partir da proposição de uma situação de conversa inicial sobre alguma temática contextualizada e ancorada na ideia de realidade (passada ou presente) e irrealidade/expectativa/ficção/chance, que pode vir sugerida, entre outros mecanismos, por imagens ou manchetes de notícias, como nos materiais abaixo sugeridos, é possível iniciar a concepção coletiva de um cenário para os estudantes ativarem conhecimento gramatical prévio relativo a espaços temporais ligados a fatos (passado e presente) e a prospecções (futuro).



37



38

[37] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4SP2X7KCulU/. Acesso em: 18 mar. 2025.

[38] Disponível em: https://esquerdaonline.com.br/2024/11/13/ainda-estou-aqui-um-filme-que-nos-mantem-firmes-e-esperancosos/. Acesso em: 18 mar. 2025.



Expectativa no Oscar, realidade em Viana: leis incentivam a produção cultural vianense

O cinema nacional está em festa com a indicação de Fernanda Torres e Ainda Estou Aqui ao Oscar, a maior premiação de cinema mundial. Com as indicações, as produções e os talentos nacionais são impulsionados e vistos para além de nossas fronteiras. Em Viana, as leis de incentivo à Cultura e Paulo Gustavo fomentam a produção cultural e artística locais.

O audiovisual é uma ferramenta que transforma realidades e traz luz a histórias e movimentos culturais que fazem parte da identidade da cidade. Os editais valorizam os movimentos culturais e produções que vão do clipe musical ao filme.

A Sthefany Alves foi uma das agraciadas pela Lei Paulo Gustavo e uma moda, audiovisual, poesia e elementos históricos do município, como o carimbó, Araçatiba e as Ruínas de Belém, para criar um fashion filme "O Futuro é Ancestral". A linguagem do filme também é um dos destaques, com poesia autoral que retrata sentimentos e a conexão com a terra e o espaço ancestral.

"Pensei em usar o fashion filme trazendo uma narrativa sobre povos e histórias que merecem destaque na nossa cidade, como os puris, por exemplo, povos originários que viviam em Viana, inclusive, uma das modelos é descendente desses povos", revela a diretora.

As peças utilizadas são de brechós de Viana e de cidades vizinhas que participam do ecossistema de economia criativa, como o "Nós Roupa", promovido por Sthefany. É uma forma de valorizar essas produções realizadas por artesãs independentes.

Além da Sthefany, outras dez pessoas estiveram envolvidas na produção do filme, desde a direção, filmagem, roteiro, música, até a pós-produção. É o fomento na produção cultural e na geração de renda para famílias vianenses.

Onde ver essas produções?

Assim que realizados, os projetos são publicados em canais públicos para a visualização gratuita. Quer curtir esses conteúdos? Separamos os links abaixo para você aproveitar a produção cultural e artística 100% vianense.

[39]

Uma questão para mobilizar as manifestações pode ser a eleição de um espaço (temporal) em ciência, política, entretenimento, por exemplo, mais afeito a prospecções ou promessas (como foi o de retorno às atividades presenciais pós-pandemia de Covid-19 ou como é o de eleições políticas ou de lançamento de empreendimentos) ou de uma temática que ponha em jogo (ir)realidade e expectativa/esperança. É possível propor aos estudantes uma questão para debate: A partir do período em que o filme "Ainda Estou Aqui" sobressaiu como assunto, o que percebem ou vislumbram como expectativa e realidade para a produção audiovisual brasileira ou para o cinema brasileiro nos cenários nacional e internacional?

Com procedimentos nesse sentido, cria-se uma atmosfera temática que mobiliza o estudante a explicitar linguisticamente seu conhecimento armazenado com base em dados do uso sobre a

[39] Texto publicado no site da Prefeitura de Viana. Disponível em: https://viana.es.gov.br/noticia/ler/8076/expectativa-no-oscar-realidade-em-viana-leis-incentivam-a-producao-cultural-vianense/. Acesso em: 18 mar. 2025.

configuração (semântica e formal) de estados de coisas pretéritos, presentes e futuros. A partir das manifestações orais dos estudantes (por acesso consciente ou inconsciente ao que têm armazenado na memória), o professor poderá observar que padrões construcionais de futuridade são empregados e, portanto, são conhecidos, além de como são empregados. A partir da observação da turma de estudantes-alvo da atividade, o docente tem condição de traçar metas relativas à ideia de ampliação do repertório do estudante sobre recursos para expressão de futuridade.

No intuito de mobilizar ou testar potenciais associações dos padrões construcionais de futuridade detectados nessa conversa inicial a regularidades de perfis de conceptualização de estados de coisas diferentes, o professor pode orientar a conversa no sentido de direcionar a atenção dos estudantes para a configuração de estados de coisas projetados adiante (em relação ao tempo do evento de enunciação) com variados contornos conceptuais, perspectivando contínuos que podem ir de alcance mais definido ao mais indefinido, em tempo mais próximo ao do evento de enunciação a menos, de realização mais viável ou provável a menos, por exemplo. Assim, pode explorar, por meio de questões, os contornos indicados no diagrama do cone de futuros. Para tanto, pode pôr em visualização/leitura e discussão outros materiais (charge, tirinha, meme, entrevista, depoimento, crítica, por exemplo, com temas afins).

(II)

A segunda seção de possibilidades de trabalho com a morfossintaxe de futuro é aqui configurada no sentido de atividades que viabilizem explorar pareamentos de formas e sentidos, ou seja, análise linguística/gramatical.

Uma sugestão é lidar com os versos do poeta e escritor amazonense Thiago de Mello em que há predicações de futuridade que representam a luta em meio à escuridão e alguma esperança, entre os quais os da epígrafe a este capítulo. Pode-se solicitar ao estudante que trate de efeitos de sentido como afastamento ou

proximidade de tempo futuro e certeza ou incerteza, no cotejo entre os recursos (*ir Vinfinitivo* e *haver de Vinfinitivo*). A partir dos valores de futuro percebidos nos predicadores (*vai chegar*, *há de ser*, *vai ser*) desses versos e dos reproduzidos por Nara Leão como canção[40], é possível sugerir que os estudantes busquem, via ferramenta de busca, outras realizações dessas construções para a verificação dos valores que mais frequentemente emergem nos textos em que os dados dessas construções estão. Com isso, é possível trabalhar tanto tipo construcional (estabilidade no pareamento de forma e função) como tipo de ocorrência realizado num texto (alternância de formas ligadas a um efeito de sentido).

Madrugada Camponesa
Por Thiago de Mello

Madrugada camponesa,
faz escuro ainda no chão,
mas é preciso plantar.
A noite já foi mais noite,
a manhã já vai chegar.

Não vale mais a canção
feita de medo e arremedo
para enganar solidão.
Agora vale a verdade
cantada simples e sempre,
agora vale a alegria
que se constrói dia a dia
feita de canto e de pão.

Breve há de ser (sinto no ar)
tempo de trigo maduro.
Vai ser tempo de ceifar.

[40] Disponível em: https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/de-thiago-de-mello-para-os-comunistas-faz-escuro-mas-eu-canto/ e Nara Leão (https://www.letras.mus.br/nara-leao/1794585/). Acesso em: 03 mar. 2025.

Já se levantam prodígios,
chuva azul no milharal,
estala em flor o feijão,
um leite novo minando
no meu longe seringal.

Já é quase tempo de amor.
Colho um sol que arde no chão,
lavro a luz dentro da cana,
minha alma no seu pendão.
Madrugada camponesa.
Faz escuro (já nem tanto),
vale a pena trabalhar.
Faz escuro mas eu canto
porque a manhã vai chegar.

Faz Escuro Mas Eu Canto
Nara Leão

Faz escuro, mas eu canto
Porque a manhã vai chegar
Vem ver comigo, companheiro
Vai ser tão lindo, a cor do mundo mudar

Vale a pena não dormir para esperar
Porque a manhã vai chegar
Vale a pena não dormir para esperar
Porque a manhã vai chegar

Já é madrugada
Vem o Sol, quero alegria
Que é para esquecer o que eu sofria

Quem sofre fica acordado
Defendendo o coração
Vem comigo, multidão

Uma segunda possibilidade é configurar um *corpus* de dados licenciados por diferentes tipos de construções de predicação de futuridade (um conjunto de manchetes de diferentes textos jornalísticos, de tirinhas, de memes, de previsões meteorológicas, de resumos acadêmico-científicos) para que o estudante possa explorar tipos construcionais (relações produtivas e mais ou menos convencionalizadas entre formas de predicadores e efeitos de sentido, nesse caso tanto os mais alinhados ao efeito de sentido tempo futuro quanto os alinhados à esfera de efeitos de sentido modal). Assim, o estudante centrará sua análise em amostras de excertos de textos.

Uma terceira possibilidade é priorizar dois ou mais conjuntos de textos de variedades do Português diferentes (diacrônicas, diatópicas, diastráticas, diamésicas) e, ao focalizar a configuração de predicações de futuridade para a construção de uma proposta de argumentação/expressão central em cada texto (por exemplo, quanto ao tratamento de expectativas em relação ao cinema brasileiro), procurar detectar tendências de associação entre regularidades morfossintáticas e funcionais (semânticas, pragmáticas, discursivas, sociais).

Há espaço nessas atividades para chamar atenção à configuração das formas verbais, à morfologia de desinências verbais de modo e tempo.

A exposição de respostas às atividades por parte dos alunos *mobilizará* (ou *vai/pode mobilizar* ou *outras variantes*) a produção de textos. De todo modo, uma quarta possibilidade é a proposição de produção textual que faça o aluno se servir de expedientes de futuridade observados na análise linguística. Para tanto, o professor pode recorrer a contextualização discursivo-textual (paradigma discursivo[41]) propensa a deflagrar dados de construções de predicação de futuridade (cf. seção aqui em que se abordou isso).

[41] A esse respeito, vale ler o texto de Wiedemer e Machado Vieira (2022).

(III)

A partir da prática de uso de construções de futuridade, é possível explorar o (re)conhecimento de possibilidades construcionais (pareamentos de forma-função/significado) variadas em textos produzidos nas modalidades oral e escrita, em diferentes comunidades ou sincronias de uso da língua portuguesa. Esse processo de mapeamento e reconhecimento pode ser mobilizado por meio do incentivo à atividade científica de investigação empírica em textos de diferentes gêneros, modos de organização, graus de monitoramento, temáticas, graus de domínio de temáticas por parte do autor, tipos de acessibilidade (pretendida ou real, cordial ou não) em relação a público-alvo, entre outras variáveis sociopragmáticas. Para tanto, o professor pode sugerir, segundo o nível de escolaridade de seu público-alvo, para a coleta de usos e montagem de *corpus*/*corpora* (amostra(s) de dados/usos), consulta a letras de canções (por exemplo, (https://www.letras.mus.br), ou a espaços de podcast (por exemplo, podcast Português pelo Mundo; podcast na rádio Novelo Fio da Meada)[42], acervos sociolinguísticos ou outros acervos de textos em circulação em diferentes domínios (escolar ou acadêmico, jornalístico, político, publicitário, negocial/comercial, midiático, artístico, tecnológico) e postagens em diversos meios (físicos e digitais; neste caso, também nas postagens em redes sociais), indo além do conversacional (ponto de partida nesta proposta de prática). Com base nessa consulta e constituição de amostras de usos, o professor pode ensinar o passo a passo da análise de dados pautada em: tabela(s) com as ocorrências de futuro coletadas e categorizadas por variáveis sociais (como período de tempo, faixa etária, região, por exemplo) e linguísticas (como paradigma de conjugação do verbo principal, valor de futuridade em jogo na oração, presença ou ausência de estrutura indicadora de tempo futuro na oração, por exemplo); metas, hipóteses e decisões

[42] Português pelo Mundo. Disponível em: https://open.spotify.com/show/65vezi M6PPFY7l5Hq1RCq8; Fio da Meada. (https://radionovelo.com.br/originais/fiodameada/); (https://open.spotify.com/show/6O4Hk5WtX6KVLhEwb4WKar);

teórico-metodológicas tomadas como pontos de partida para a investigação; discussão da relação entre os resultados vistos nas tabelas e as hipóteses formuladas. Para que se tenha uma ideia de como isso pode ocorrer de modos variados e instigar o processo de aprendizagem, vale a pena conferir os vídeos do Rolezinho Linguístico 2025, atividade olímpica da décima quarta Escola de Linguística de Outono (ELO)[43].

Esse tipo de atividade envolve sempre a possibilidade de (docente ou discente) ter de lidar com padrões construcionais até então por detectar ou descrever. Isso também é um estímulo ao entendimento de que o conhecimento gramatical está em permanente processo de (re)organização e representação na memória a partir das experiências de uso nos mais diversos contextos discursivos.

O futuro é uma astronave que tentamos pilotar

Muitos cientistas da grande área de Letras e Linguística (inclusive em atuação como professores das redes pública e privada de ensino de nosso país) têm investido em apreender e descrever, por meio de investigação empírica, as construções que integram o conhecimento linguístico que propicia a expressão de futuridade nas experiências de uso em textos orais e escritos em diferentes comunidades. Para que o leitor tenha uma ideia, mencionamos aqui algumas pesquisas de mestrado ou doutorado: Costa, 2021; Araújo-Adriano, 2019; Almeida, 2015; Gibbon, 2014 e 2000; Alves, 2011; Tesch, 2011; Santos, 2000; Baleeiro, 1988. Para aprofundar seus estudos sobre a temática, o leitor poderá recorrer a diversas pesquisas da literatura linguística disponíveis em acesso aberto, bastando para tanto uma consulta via ferramenta de busca na internet.

[43] (https://www.youtube.com/playlist?list=PL6paacbMjcuL6zdTO-vmu1YRUA9WMtN0N). Acesso em: 07 abr. 2025.

Priorizamos, nas indicações presentes nesta seção, uma amostra de algumas pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, que têm, em alguma medida, um perfil socioconstrucionista (mais recentemente adotado na literatura linguística brasileira), tal qual o das descrições reunidas nesta obra.

Uma delas é a pesquisa de doutoramento do Professor Dr. Deijair Ferreira da Silva, da Universidade do Estado da Bahia – Conceição do Coité, defendida em 2024 no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ (Silva, 2024), que versa sobre construções para a expressão de futuridade em três variedades do Português em África (https://posvernaculas.letras.ufrj.br/teses-quadrenio-2024-2021/). Trata-se de documentação sociolinguística e socioconstrucionista extensa da diversidade de recursos que fazem parte do conhecimento linguístico de comunidades da língua portuguesa. Ele também é autor do ebook intitulado *A futuridade no Português Rural negro-brasileiro: uma viagem sociolinguística*, publicado pela Editora da Universidade do Estado da Bahia em 2020, resultante de sua experiência com o tema por conta de sua pesquisa de Mestrado.

SILVA, D. F. da. *Formas de expressão de futuridade em três variedades africanas do português*. (Tese de Doutorado) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro: UFRJ, 2024. Disponível em: https://posvernaculas.letras.ufrj.br/teses-quadrenio-2024-2021/. Acesso em: 07 abr. 2025.

SILVA, D. F. da. *A futuridade no português rural negro-brasileiro*: uma viagem sociolinguística. Salvador: EDUNEB, 2020.

Outra investigação sociolinguística também defendida nesse Programa de Pós-Graduação (PPG) é a da Profa. Dra. Josane Oliveira, da Universidade Estadual de Feira de Santana.

OLIVEIRA, J. M. de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje*: variação e mudança. (Tese de Doutorado) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Disponível em: https://posvernaculas.letras.ufrj.br/teses-quadrenio-2008-2005/. Acesso em: 07 abr. 2025.

São também descrições de perfil socioconstrucionista associadas a investigações realizadas no âmbito desse PPG, e mais especificamente no escopo de trabalho do Projeto Predicar – Formação e expressão de predicados complexos e predicações, as seguintes:

COSTA, M. G. *et al.* Construções de futuro com verbos volitivos no português do Brasil: querer + verbo no infinitivo. *In*: CEZARIO, M. M. *et al*. (org.). *Linguística Baseada no Uso*: explorando métodos, construindo caminhos. 1. ed. Rio de Janeiro: Rio: Books, 2020, p. 31-49. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://discursoegramaticablog.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/11/linguistica-baseada-no-uso_explorando-metodos-construindo-caminhos.pdf>

COSTA, M. G. da. *Perífrase volitiva com referência futura no Português*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras: Português-Inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: http://hdl.handle.net/11422/18362 . Acesso em: 07 abr. 2025.

Indica-se, ainda, uma investigação sociolinguística vinculada a outro projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas: uma que focaliza, no ensino, a alternância forma sintética, representada pelo futuro do presente simples, e forma perifrástica de futuro, representada pela perífrase constituída de verbo *ir* no presente do indicativo e verbo no infinitivo.

SILVA, L.; RODRIGUES VIEIRA, S. Expressões de futuridade no Português do Brasil: descrição e ensino. *Letras em Revista*, [S.l.], v.

12, n. 01, abr. 2022. ISSN 2318-1788. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/461>.

Por fim, reitera-se a recomendação para que o leitor veja o resultado oriundo das pesquisas empíricas sobre *padrões de construção verbal de futuro do presente na escrita e na oralidade do português brasileiro atual* empreendidas por estudantes do Ensino Médio da Educação Básica (*pitches* e apresentações de slides) para o Rolezinho Linguístico ELO 2025, no âmbito da Olimpíada Brasileira de Linguística. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL6paacbMjcuL6zdTO-vmu1YRUA9WMtN0.

Destaque final

O eixo central deste capítulo é o conhecimento gramatical relativo à expressão de futuridade baseado na exploração de expedientes diversos em uso na língua portuguesa, com atenção a efeitos de sentido alinhados a tempo ou a atitude de modalização. Para tanto, trata-se das potencialidades de cenários de futuridade, elencam-se possibilidades de predicadores verbais ou verbo-nominais para a apreensão desses cenários, relaciona-se a produtividade de tais possibilidades a certos contextos discursivos e sugerem-se atividades para o trabalho com o assunto e leituras para o aprofundamento do tema gramatical. Esperamos, com esta abordagem resumida de um tema na área de Morfossintaxe, promover a conscientização sobre o complexo de construções de predicação de futuridade que integra nosso conhecimento linguístico.

Referências

ALMEIDA, F. dos S. **A expressão variável do futuro verbal no discurso político em três cidades baianas**: Salvador, Feira de Santana e Vitória da Conquista. Dissertação (Mestrado em Estudos

Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, 2015.
ALVES, T. G. L. **A expressão da futuridade nos tipos de discurso do expor e do narrar a partir de textos de língua falada e escrita cearenses.** Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em linguística, da Universidade Federal do Ceará, 2011.
ARAÚJO-ADRIANO, P. Â. de. **Sintaxe e diacronia da expressão de futuridade no PB.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP, 2019.
BALEEIRO, M. I. A. **O futuro do presente do português culto falado em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1988.
COSTA, M. G.; SOUZA, L. L. Future reference in Portuguese: the case for a volitive periphrasis. **Diadorim**: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, n. 3, v. 23, 2021. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/46378
GIBBON, A. de O. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis**: gramaticalização e variação. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística, UFSC, Florianópolis, SC, 2000.
GIBBON, A. de O. **Trajetória de gramaticalização da perífrase ir (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro**: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Programa de pós-graduação em Letras/Linguística, UFSC, Florianópolis, SC, 2014.
MACHADO VIEIRA, M. dos S. Análise Comparativa para Detectar Auxiliaridade Verbal e Predicadores Complexos. **Predicar**: uma rede de perspectivas metodológicas. São Paulo: Blucher, 2022, p. 235-284. Disponível em: https://openaccess.blucher.com.br/article-details/09-23547/
MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicar com construção com verbo suporte. *In*: DE PAULA, A. *et al*. **Uma História de Investigações sobre a Língua Portuguesa**: Homenagem a Silvia Brandão: Homenagem a Silvia Brandão. São Paulo: Blucher, 2018, p. 91-112.

Disponível em: https://openaccess.blucher.com.br/article-details/06-21011/

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; TRAVASSOS, P. F. Construções com verbo suporte dão match na gramática das línguas. CEZARIO, M. M. da C. *et al*. **Pesquisas funcionalistas e aplicações ao ensino superior. Rio de Janeiro**: Pimenta Cultural, 2024, cap. 3, p.69-106. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/livro/pesquisas-funcionalistas/

SANTOS, J. R. **A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de letras, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2000.

SILVA, L. F. A. da S. **Expressões de futuridade em Língua Portuguesa**: descrição e ensino. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2021.

TESCH, L. M. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Paradigma Discursivo como (Proto)Construção: Alternância Linguística Via Práticas Sociocomunicativas. *In*: MACHADO VIEIRA, M. dos S.; MEIRELES, V. **Variação em português e em outras línguas românicas**. São Paulo: Blucher, 2022, p. 233-268. Disponível em: https://openaccess.blucher.com.br/article-details/13-23422/

O aspecto verbal como prática de linguagem no ensino de língua portuguesa[1]

Rubens Lacerda Loiola
Universidade Estadual do Piauí

Resumo: Este capítulo apresenta elementos a partir de um estudo a respeito da categoria de aspecto verbal, destacando as suas características morfossintáticas e semânticas. O foco do capítulo é em um tipo particular de aspecto, qual seja, o terminativo e a sua ambiguidade com o passado recente. O objetivo central é apresentar essa categoria como uma dentre aquelas que podem ser exploradas no ensino de língua portuguesa da Educação Básica. Inicialmente, faço uma breve incursão em questões gerais ligadas ao ensino, destacando alguns autores que já se dedicaram a essa questão. Em seguida, apresento a visão dos principais autores que se dedicaram ao estudo do aspecto verbal. Finalmente, apresento uma análise com alguns exemplos reais de aspecto, bem como uma proposta de como ele poderia figurar no ensino de língua.

1. Considerações iniciais

O papel do ensino de língua em nossa sociedade deve ser o de formar um cidadão capaz de usar, de maneira proficiente, a língua portuguesa ao produzir textos orais e escritos, em diferentes situações de uso e graus de formalidade, conforme já defendido por Geraldi (1984, 1997), Travaglia (2001), Neves (2002), Antunes (2003), Soares (2004), Marcuschi (2008), Souza, Corti e Mendonça (2012), Koch e Elias (2008, 2015), Rosário (2022) dentre outros.

O ensino de língua, numa perspectiva que parte do texto como objeto de ensino-aprendizagem, focado nas práticas de linguagem, envolvendo leitura, escrita, fala, escuta e análise linguística/ semiótica, é um caminho possível para ampliar a capacidade de uso da linguagem, como prática de interação social.

[1] https://doi.org/10.51795/9786526520475175195

Diversos estudiosos ligados ao ensino de língua portuguesa defendem que o objetivo primeiro desse ensino é ampliar a competência discursiva dos alunos, conforme Travaglia (2001) e Antunes (2003). Para ampliar essa competência, é preciso que haja ações em diversas frentes na atividade de ensino-aprendizagem, da educação infantil ao ensino universitário. Um dos recursos necessários para o sucesso desse empreendimento é o da análise linguística, que pode ser vista a partir de diversas perspectivas teóricas: estruturalista, gerativista, funcionalista, entre outras.

Para que o ensino seja mais bem-sucedido, é importante que haja práticas menos voltadas para a gramática normativa e mais dedicadas às questões de uso. Autores que melhor perceberam os problemas ligados ao ensino de gramática, ainda nos anos de 1980, foram Franchi, Negrão e Muller (2006), que afirmam que o viés normativo desse ensino se constitui como um fator de discriminação e repressão linguísticas. Além disso, os autores observam que não há nenhuma conexão entre gramática e uso.

Na perspectiva dos PCN de Ensino Médio (Brasil, 2000), o ensino de língua não pode ser divorciado das relações humanas, contexto social vivido pelo aluno, pois o princípio da língua em sociedade é a interação. Alinhados com as ideias de dialogicidade da linguagem em Bakhtin (2011), os Parâmetros defendem que toda análise linguística tem que partir da dimensão dialógica da linguagem. Logo, "o contexto, os interlocutores, gêneros discursivos, recursos utilizados pelos interlocutores para afirmar o dito/escrito, os significados sociais, a função social, os valores e o ponto de vista determinam formas de dizer/escrever" (*Ibidem*, p. 21).

Assim, o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa deve ocorrer com base nas situações reais de comunicação, em que o sujeito se reconhece, ao mesmo tempo, como ser individual e social. Nessa perspectiva, o ensino de língua tradicional, que tem como ponto de partida o domínio das regras gramaticais e o conhecimento metalinguístico, perde o sentido.

Este capítulo tem como objetivo apresentar um modelo de prática de linguagem que coloca a categoria de aspecto verbal como

um componente a ser trabalhado no ensino de língua portuguesa. Sabemos que essa categoria não tem sido apreciada adequadamente nos manuais do ensino básico, que preferem se ater a outras categorias como pessoa, número, tempo e modo. Embora seja o aspecto uma categoria de fundamental importância para a compreensão do funcionamento da língua em diversas situações de uso, especialmente no que se refere ao significado, ele tem ficado de fora ou visto, quando muito, de forma *en passant* nos manuais de ensino.

Os exemplos utilizados são de amostras de escrita dos séculos XIX e XX e amostras de fala do século XX, todos do *Corpus do Português*, organizado por Davies e Ferreira (2006). A pesquisa se insere no quadro teórico dos Modelos Baseados no Uso (Langacker, 1991; Goldberg, 1995; Bybee, 2010, 2015).

A coleção do livro *A conquista língua portuguesa*, 6º ao 9º ano, Beltrão e Gordilho (2022), obra disponibilizada pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) para o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental, por exemplo, não trata da categoria de aspecto. Além disso, ao discutir a categoria de tempo, apresenta as mesmas definições presentes na maioria das gramáticas normativas, como *pretérito perfeito*, *pretérito imperfeito*, *pretérito mais-que-perfeito* e centra toda a discussão em aspectos terminológicos. Ao discutirem a forma de *pretérito imperfeito*, as autoras apresentam definições diferentes. No livro do 7º ano, por exemplo, definem o *pretérito imperfeito* simplesmente como "um acontecimento passado" (p. XI), como aquele que "indica uma ação no passado que não foi finalizada" (p. 110), como aquele que "é usado para indicar fatos habituais ou que ocorreram por algum tempo" (p.111), ou ainda como o que "indica ação passada não concluída ou ação passada habitual.

O que parece ser mais grave, além dessa diversidade das definições e das discussões focadas na terminologia, é a falta de explicações a respeito do que sejam "fatos habituais", fatos "que ocorreram por algum tempo". Portanto, conforme os exemplos apresentados acima para caracterizar o tempo *pretérito imperfeito*, há

noções aspectuais, mas tão somente por meio de uma *referência indireta*[2], à categoria de aspecto. Toda a discussão da coleção a respeito da categoria de tempo não leva em consideração determinados aspectos do tempo, importantes para a compreensão dessa categoria, como o passado recente, haja vista a existência de um *continuum* temporal, mais ou menos distante do momento da enunciação.

Ciente do cenário aqui apresentado, procuro mostrar como elementos envolvidos no tratamento da categoria aspecto verbal e normalmente negligenciados podem ter lugar em espaço de ensino de língua portuguesa.

2. A categoria de aspecto

A categoria linguística de aspecto tem sido discutida por diversos estudiosos, ao longo de várias décadas, sob diferentes perspectivas. Além disso, a terminologia utilizada varia significativamente e, como muitas outras categorias discutidas na ciência da linguagem, a de aspecto está longe de ser consensual entre aqueles que a discutem. Há uma dificuldade para enquadrar o aspecto quanto à sua natureza léxico-gramatical, no sentido de determinar, dentre as partes componentes dessa categoria, o que deve ser considerado gramatical e o que deve ser considerado lexical. Dificuldade que parece ser amenizada por aqueles que consideram um *continuum* entre categorias lexicais e gramaticais.

Outro problema nos estudos sobre aspecto é a terminologia adotada, que varia significativamente. Em muitos casos, há termos que são mais adequados para tratar da categoria de aspecto, mas são usados para tratar da categoria de tempo em diversas línguas, como é o caso dos termos perfectivo e imperfectivo (Comrie, 1976). Como já discutido por Castilho (1968) esse problema decorre da dificuldade de diferenciar as categorias de aspecto e de tempo.

[2] Termo apresentado por Travaglia (2006).

O aspecto na visão de Comrie

A classificação proposta por Comrie (1976) configura-se como uma obra clássica para o estudo do aspecto verbal, principalmente pelo fato de ser uma classificação baseada, não em uma ou outra língua em particular, ou uma comparação entre línguas diversas, mas em uma proposta de teoria linguística, como explica o autor logo no prefácio da obra. A definição de aspecto de Comrie (1976, p. 3), baseada em Holt (1943), como "formas diferentes de se ver a constituição temporal interna de uma situação"[3] é uma das mais citadas na literatura linguística. O autor destaca que, embora aspecto esteja relacionado a tempo, as duas noções não se identificam. A categoria de tempo, equivalente a *tense* no inglês, é vista no sentido mais específico, de presente, passado ou futuro, e é uma categoria dêitica, pois situa as situações no tempo, tomando como base o momento do ato de fala ou um outro momento. Diferentemente, o aspecto é uma categoria não dêitica, que não tem como função ligar a situação descrita a um ponto no tempo, mas apenas à constituição temporal da situação (Comrie, 1976).

Comrie reconhece que, em geral, as discussões a respeito de aspecto utilizam esse termo somente em situações em que o aspecto é expresso por uma categoria mórfica. Por isso opta por utilizar o termo *aspecto*, ou *aspectos* para se referir às categorias gramaticais, expressas por formas gramaticais ou por perífrases, e a expressão *distinções aspectuais semânticas*, para distinguir *perfectivo* de *imperfectivo*, independentemente do fato de estes se apresentarem por meio de formas gramaticais ou lexicais em línguas individuais. Para o autor, há nos estudos linguísticos muitas contradições na definição de *perfectivo* e *imperfectivo*. A primeira consiste em afirmar que as formas perfectivas expressam necessariamente curta duração, contrariamente às imperfectivas que expressam necessariamente longa duração. É possível encontrar facilmente

[3] Aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation (Comrie, 1976, p. 3).

nas línguas naturais exemplos que contradizem esse posicionamento, se considerarmos que tanto as primeiras quanto as segundas podem se referir a uma mesma extensão de tempo. Em português, há inúmeros casos de alternância entre aspecto perfectivo e imperfectivo, como ocorre nos exemplos (1) e (2):

> (1) O menino **acabou de beber** o leite e começou a chorar pedindo pão, coisa que não tinha ali na cabana (CP, XX, Joyce Cavalcante. Inimigas íntimas, Fic, 1993).

> (2) Terto só queria saber de água. Quando **acabava de beber**, jogava o resto da caneca pelo corpo abaixo (CP, XX, Francisco Inácio Peixoto. Chamada geral: contos, Fic, 1982).

Os exemplos (1) e (2), além de apresentarem os mesmos verbos na posição V1 e na posição V2, são semelhantes em vários outros aspectos. O tempo gasto para a realização da situação também é semelhante, qual seja, o de beber um copo d'água ou de leite. No entanto, a construção do exemplo (1) apresenta aspecto perfectivo, enquanto a construção do exemplo (2) apresenta aspecto imperfectivo.

O aspecto na visão de Bybee, Perkins e Pagliuca

O foco central da abordagem de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) é a descrição das categorias gramaticais associadas aos verbos, especialmente as que expressam tempo, aspecto e modalidade. Numa perspectiva diacrônica, tomando como ponto de partida a origem e o desenvolvimento dessas categorias, o objetivo dos autores é expor as semelhanças e as diferenças existentes entre diversas línguas. Diferentemente dos estruturalistas, para os quais as unidades das línguas se definem por um sistema de oposições (Saussure, 2006), os autores postulam que as línguas naturais constituem associações entre substâncias fônicas e substâncias semânticas. Por isso, no lugar de ver as

categorias de tempo, aspecto e modalidade como detentoras de estruturas contrastivas, os autores estudam o modo como a substância semântica dessas categorias é formada.

As principais subcategorias de aspecto consideradas por Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) são o *completivo*, o *resultativo*, o *anterior*, o *perfectivo*, o *imperfectivo* e o *progressivo*. Para os autores, significados como o completivo, o anterior, o resultativo e o perfectivo são semelhantes conceitualmente, visto que todos eles descrevem uma situação que ocorreu antes de uma outra situação dada como ponto de referência. No entanto, esse não é, conforme os autores, o principal motivo para que se considerem tais significados conjuntamente, mas sim o fato de existirem relações sincrônicas e diacrônicas entre eles. Sincronicamente, eles são semelhantes porque é comum haver morfemas gramaticais[4] que expressam dois ou mais desses significados. Diacronicamente, há dois tipos de evidência dessa proximidade. Em primeiro lugar, há uma série de morfemas gramaticais que expressam inicialmente um desses significados e depois passam a expressar outro. Assim, em italiano, em francês, em turco, em alemão e em holandês, há casos de anterior e de resultativo que passaram a expressar perfectivo. Em segundo lugar, existe uma relação entre as fontes lexicais que levam aos significados gramaticais. É o caso de *finish* (acabar), que serviu de fonte para o completivo, o anterior e o perfectivo; de auxiliares estativos como *be* (ser) e *have* (ter) mais particípio como fontes para o resultativo, o anterior e o perfectivo.

Nas palavras dos autores, "nossa definição de completivo é 'fazer alguma coisa completamente, até a conclusão"[5] (p. 54). Essa é a definição geral, mas o completivo é subdividido em três partes, com nuances de significados diferentes: a) o objeto da ação é afetado completamente; b) sintaticamente, a ação envolve um

[4] O termo usado pelos autores é *grams*, que é uma redução de *grammatical morphemes*, que inclui afixos, reduplicação, auxiliares e construções complexas como *be going to*.

[5] Our working definition of *completive* is 'to do something thoroughly and to completion' (Bybee; Perkins; Pagliuca, 1994, p. 54).

verbo intransitivo, um sujeito no plural, ou um objeto de verbo transitivo; c) a ação envolve ênfase ou surpresa. O aspecto completivo tem como fonte lexical os verbos dinâmicos, e é expresso principalmente por dois modos diferentes: perífrases e expressões derivacionais.

Assim como Comrie (1976), Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) definem o aspecto progressivo como aquele que se aplica, na maioria das vezes, a predicados dinâmicos. O significado progressivo é mais específico do que o imperfectivo e o presente. A teoria dos autores a respeito da gramaticalização do progressivo consiste na observação de que o progressivo é um significado mais antigo, que ocorreu primeiro no processo de gramaticalização e se desenvolveu para o significado de imperfectivo e de presente[6].

A forma como Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) tratam do aspecto imperfectivo é, em parte, semelhante à de Comrie (1976), mas há algumas diferenças quanto às subdivisões de contínuo e de progressivo. Os autores criticam Comrie pelo fato de este definir subdivisões do imperfectivo pela ausência de propriedades, rejeitam essa definição negativa e propõem que os morfemas gramaticais estão inseridos em um contexto semântico inerente, que seria resultado do significado transmitido pelas formas lexicais e pelas perífrases das quais evoluíram.

O aspecto na visão de Castilho

Castilho (1968) parte do princípio de que a distinção entre *aspecto* e *modo da ação* constitui uma das principais dificuldades em conceituar os fatos de língua que envolvem as categorias verbais. Essa dificuldade ocorreu a partir do momento em que a noção de aspecto deixou de levar em consideração apenas o eslavo e passou a ser considerada no grego, no indo-europeu, no latim e nas línguas

[6] Evidências disso são mostradas pelos autores nas línguas túrquicas, dravídicas e célticas, nas quais existem casos de significados progressivos que evoluíram para imperfectivo ou para presente.

românicas. Isso ocorreu porque o eslavo dispunha de uma morfologia adequada à expressão do aspecto, o que não existia nas demais línguas. A partir do estudo da expressão de aspecto nas demais línguas, os estudiosos percebem que estão ora diante de noções léxicas, ora diante de noções morfológicas e distinguem *aspecto* (al. *Aspekt*) de *modo da ação* (al. *Aktionsart*).

A aproximação entre modo da ação e aspecto levou Castilho a afirmar que o aspecto e o modo da ação podem confundir-se. Isso ocorre quando a flexão temporal ou os adjuntos adverbiais modificam o valor semântico, levando um verbo de forma de imperfectivo a indicar aspecto perfectivo.

Para Castilho (1968), *aspecto* é uma categoria de natureza léxico-sintática, baseado no fato de que, na sua caracterização interagem o sentido da raiz do verbo e elementos sintáticos como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional. Mais adiante, Castilho conclui que o aspecto na língua portuguesa é representado principalmente pelo sentido que o verbo indica, pela flexão temporal do verbo, pelos adjuntos adverbiais e pelos tipos oracionais.

O aspecto na visão de Travaglia

Travaglia (2006, p. 40), define o aspecto da seguinte forma:

> aspecto é uma categoria verbal de TEMPO[7], não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação.

Dessa forma, as noções aspectuais, para serem assim consideradas, precisam indicar a duração ou pontualidade, ou uma das fases envolvidas na situação. Para o autor, as noções aspectuais são subdivididas em *duração* e *fases*. A duração se apresenta como

[7] Grifo do autor.

contínua ou descontínua, ambas subdivididas em limitada ou ilimitada. Em oposição à duração há a não-duração ou pontualidade. As fases se subdividem em *fases de realização*, *fases de desenvolvimento*, e *fases de completamento*, cada uma delas compreendendo diferentes noções aspectuais, conforme o quadro 1:

Quadro 1 - Noções aspectuais e aspecto (Travaglia, 2006, p. 76).

<table>
<tr><th colspan="4">Noções aspectuais</th><th>Aspectos</th></tr>
<tr><td rowspan="5">I - Duração</td><td rowspan="2">1. Duração</td><td rowspan="2">A. Contínua</td><td>a. Limitada</td><td>Durativo</td></tr>
<tr><td>b. Ilimitada</td><td>Indeterminado</td></tr>
<tr><td rowspan="2"></td><td rowspan="2">B. Descontínua</td><td>a. Limitada</td><td>Iterativo</td></tr>
<tr><td>b. Ilimitada</td><td>Habitual</td></tr>
<tr><td colspan="3">2. Não-duração ou Pontualidade</td><td>Pontual</td></tr>
<tr><td rowspan="6">II - Fases</td><td rowspan="3">1. Fases de realização</td><td colspan="2">A. Por começar
A′. Prestes a começar</td><td>Não-começado</td></tr>
<tr><td colspan="2">B. Começado ou não-acabado</td><td>Começado ou não-acabado</td></tr>
<tr><td colspan="2">C. Acabado há pouco
C′. Acabado</td><td>Acabado</td></tr>
<tr><td rowspan="2">2. Fases de desenvol-vimento</td><td colspan="2">A. Início</td><td>Inceptivo</td></tr>
<tr><td colspan="2">B. Meio</td><td>Cursivo</td></tr>
<tr><td rowspan="2">3. Fases de comple-tamento</td><td colspan="2">C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)</td><td>Terminativo</td></tr>
<tr><td colspan="2">A. Completo</td><td>Perfectivo</td></tr>
<tr><td colspan="2">B. Incompleto</td><td>Imperfectivo</td></tr>
</table>

Ausência de noções aspectuais	Aspecto não-atualizado

3. Análise de construções aspectuais

Há determinadas manifestações da categoria de aspecto que podem ser confundidas com a categoria de tempo. É o que ocorre, por exemplo, entre aspecto terminativo e tempo passado recente, visto que as construções que expressam essas duas categorias apresentam a mesma configuração léxica e morfossintática. Nesta seção, irei apresentar alguns exemplos com essas construções e mostrar uma proposta de aplicação no ensino de língua portuguesa.

As categorias de *tempo* e de *aspecto* expressam noções estreitamente inter-relacionadas. Diversos autores já observaram que uma construção que apresenta a noção de aspecto apresenta também, com frequência, a noção de tempo. Castilho (1968, p. 115), por exemplo, destaca que "as categorias de tempo e aspecto não são exclusivas, coexistindo na mesma forma verbal. Comrie (1976, p. 9) lembra que "categorias de línguas particulares geralmente combinam aspecto com alguma outra categoria, geralmente tempo". Essa aproximação pode levar diversas construções linguísticas a apresentarem ambiguidade, como ocorre com a construção [acabar de inf.]. Determinadas instâncias dessa construção podem expressar aspecto terminativo numa interpretação e passado recente em outra.

Pontes (1973, p. 122) já destacara essa ambiguidade ao afirmar que o verbo *acabar*, "quando combinado com infinitivo, é ambíguo". Travaglia (2006, p. 40-41) restringe essa ambiguidade a algumas formas modo-temporais: "quando o verbo está no presente e pretérito imperfeito do indicativo a forma é dúbia, podendo ter dois valores: o de marcador/indicador de passado recente ou o de forma capaz de expressar o aspecto terminativo".

Nas instâncias que expressam tanto aspecto terminativo quanto passado recente, temos a situação que passo a expor adiante. Na maioria dos casos registrados em dados de pesquisa realizada por

Loiola (2018), essas instâncias se apresentam em orações subordinadas adverbiais de tempo, como nos exemplos (3) e (4):

(3) O mais libidinoso, na opinião de Zé Maria, era Penaforte que, mal **acabava de se empanturrar** com um bom bife tártaro à moda de Tásquende, subia para o quarto com a Remédios (CP, XX, José Geraldo Vieira. A mais que branca, Fic, 1974).

(4) Eu tive isso quando li o próprio " Demian " do Herman Hesse, quando li " On The Road ", do Jack Kerouac, quando li " As Brumas de Avalon ", de Marion Zimmer Bradley, quer dizer é quando você **termina de ler** e pensa, preciso fazer alguma coisa para que minha vida valha à pena, porque a minha vida é uma merda (risos), tenho de me mexer (CP, XX, Or:Br:Intrv:Web).

Tanto em (3) quanto em (4), temos um período composto com duas orações que expressam uma sequência de situações: a situação expressa na primeira oração ocorre imediatamente antes da situação expressa na segunda oração, ou seja, o que se apresenta na primeira oração é passado recente em relação ao que se apresenta na segunda. Seguindo Reichenbach (1947), em períodos compostos, quando duas ou mais orações se combinam para formar períodos compostos, os eventos que se apresentam nessas orações dispõem do mesmo ponto de referência, embora os eventos de cada uma delas se apresentem em pontos diferentes na linha do tempo.

Considerando o aspecto terminativo como uma situação que chegou ao ponto final, podemos afirmar que 'acabava de se empanturrar' e 'termina de ler' são eventos que chegaram ao fim, depois de terem durado. O passado recente, por outro lado, ocorre pela relação que se estabelece entre 'mal acabava de se empanturrar' e 'subia para o quarto', no exemplo (3). Em outros termos, logo depois que acabava de se empanturrar, subia para o quarto com a Remédios. A mesma situação ocorre no exemplo (4).

A segunda possibilidade inclui exemplos de instâncias que expressam ambiguidade, ou seja, aqueles que possibilitam duas leituras diferentes, uma de aspecto terminativo e outra de passado recente. As construções instanciadas com formas do imperfeito do

indicativo e do mais-que-perfeito, simples ou composto, são, de modo geral, ambíguas. A ambiguidade entre passado recente e aspecto terminativo com *acabar*, no pretérito mais-que-perfeito, é exemplificada em (5).

> (5) - Solta-me, demônio! gritava Manuel. - Meio, sossegue, se não quer que o amarre. - Tu és capaz? O peão **acabara de selar** o cavalo, que puxara para fora da ramada (CP, XIX, José de Alencar. *O gaúcho*, Fic).

No exemplo (5), há duas possibilidades de interpretação: uma de aspecto terminativo e outra de passado recente. Essas duas possibilidades decorrem do fato de que o tempo decorrido entre o ponto do evento e o ponto de referência (o primeiro é anterior ao segundo na linha do tempo) não é conhecido. É essa imprecisão que o torna ambíguo. Tanto que é possível se utilizar de duas paráfrases para essa construção, uma com o significado de passado recente e a outra de aspecto terminativo. Vamos imaginar dois diálogos, sendo o primeiro de expressão de passado recente e o segundo de aspecto terminativo, levando-se em consideração a parte em negrito de cada diálogo.

Diálogo (1):

– Pedro, naquele dia em que eu cheguei, já fazia muito tempo que o peão tinha acabado de selar o cavalo?

– Não, senhor, o peão **tinha acabado de selar** o cavalo.

Diálogo (2):

– Pedro, naquele dia em que eu cheguei, já fazia muito tempo que o peão tinha acabado de selar o cavalo?

– Sim, senhor, o peão **tinha acabado de selar** o cavalo há muito tempo.

Nos dois diálogos fictícios, há recursos para identificar uma e outra interpretação, sem nenhuma ambiguidade, enquanto no exemplo real 'O peão **acabara de selar** o cavalo, que puxara para fora da ramada', não há na sentença índices explícitos para garantir um ou outro significado.

Foram consideradas de aspecto terminativo e de passado recente aquelas ocorrências que, embora apresentem formas de pretérito imperfeito ou de mais-que-perfeito, ocorrem em orações subordinadas introduzidas por um conector temporal que indica esse tempo recente, como *mal*, *apenas*, *assim que*, *quando* etc.

Como já destacado por diversos autores, como Castilho (1968), Comrie (1976), os adjuntos adverbiais temporais são de grande relevância na expressão do aspecto. No entanto, a maioria das ocorrências com [acabar de inf.] e [terminar de inf.] que expressam aspecto terminativo não interage com esses adjuntos adverbiais de tempo. Há, no entanto, diversos casos em que esses adjuntos auxiliam, por um lado, para impedir a expressão do passado recente, e, por outro, para possibilitar a expressão do mesmo. O papel desambiguizador dos advérbios depende, em grande parte, das características formais de V1, principalmente quando o V1 é o verbo *acabar***.** Entre as ocorrências que expressam apenas aspecto terminativo porque dispõem de adjuntos adverbiais que anulam a possibilidade de passado recente, estão aqueles em que a forma de V1 é o pretérito mais-que-perfeito, como ocorre em (6) e (7):

> (6) Cordovil pagava-lhes com alguma palavra de compaixão, que o alvissareiro adotava, e repetia, e era mais sincera naquele que neste. Enfim **acabara de padecer**; daí o desabafo. Este sentimento pegava com a piedade humana (CP, XIX. Machado de Assis. "Marcha fúnebre", Fic).

> (7) Ele saiu corrido de vergonha; mas, vendo que ninguém vinha até às portas da venda, ele voltou e se pôs a ouvir o que diziam. O mister já **acabara de contar** a história da capa, quando Alípio, em tom de comentário, dissera: - Isto que saiu daí é uma peste (CP, XX. Lima Barreto. *Clara dos Anjos*, Fic).

Os exemplos (6) e (7), que têm o V1 antecedido, respectivamente, dos adjuntos *enfim* e *já*, indicam aspecto terminativo. Tanto o *enfim*, em (6), quanto o *já*, em (7), este último definido por Castilho (1968) como marcador de completamento da

ação, são formas que intensificam a ideia de um evento que chegou ao ponto de término, o que impede a expressão do passado recente.

As orações com *acabar* no pretérito perfeito não costumam apresentar ambiguidade na linguagem escrita. Nos dados do século XIX, há apenas dois casos de ambiguidade com o pretérito perfeito; nos dados de escrita no século XX não há nenhum caso. Isso porque, nessa modalidade, especialmente em textos de ficção, que constituem a maioria dos dados das amostras desta pesquisa, a distância temporal entre o evento e a enunciação costuma ser longa, impedindo a expressão do passado recente. Logo, se não há passado recente, não pode haver a ambiguidade que está sendo aqui discutida. Por outro lado, nos dados de fala, cinco das 12 ocorrências com pretérito perfeito são ambíguas, como o exemplo (8):

> (8) Meu filho é muito amigo do filho dele. De Niro contou-me que **acabou de rodar** com Quentin Tarantino e vai ter um tempo livre para dizer o que acha do meu filme (CP, XX, Or:Br:Intrv:ISP).

Na tabela de representação do tempo, apresentada por Reichenbach (1947) e seguida por Ilari (2001), para quem a proposta de Reichenbach se aplica bem ao português, o pretérito perfeito em português dispõe da seguinte representação: *R, E, F*. No pretérito perfeito, como se observa na representação do autor, o ponto de referência e o ponto do evento são simultâneos e ocorrem antes do momento da enunciação. Em períodos simples, com uma única oração, exemplo (8), o passado recente é considerado pela relação que se estabelece entre o evento expresso pelo estado de coisas e o momento da enunciação. Dado que no exemplo (8) não é possível saber o tempo decorrido entre o evento expresso pelo estado de coisas e o momento da enunciação, porque não há nenhum adjunto adverbial de tempo, assim como não há aspectos pragmáticos ou contextuais que forneçam pistas acerca desse tempo, temos aí uma ambiguidade entre passado recente e aspecto terminativo.

Na construção terminativa, sem ambiguidade, não há possibilidade de substituição do V2 por um verbo que indique um estado de coisas momentâneo, como ocorre com o exemplo (9):

> (9) Ali, ao pé da cama, segurou-lhe a barra do vestido, e foi ela que **acabou de despir-se**, tirando a roupa pelo decote. Em seguida, como envergonhada, escondeu na concha das mãos os seios duros, de grandes mamilos, sempre a dizer: - Ocê é doido, ocê não tem mesmo juízo (CP, XX, Josué Montello. *A noite sobre Alcântara*, Fic, 1978).

A possibilidade de expressão de situação terminativa parece impossível em uma sentença como "e foi ela que acabou de trancar a porta do quarto". Aqui não é possível a substituição de V2 por um verbo que expresse momentaneidade. Essa mesma estranheza foi observada em todas as instâncias que expressam aspecto terminativo, como foi observada igualmente a possibilidade de substituição de V2 das instâncias ambíguas por um verbo de natureza momentânea. Assim, as instâncias ambíguas, que podem expressar passado recente numa leitura e aspecto terminativo em outra, podem ter o predicado substituído tanto por um predicado de natureza terminativa quanto por outro de natureza de tempo passado recente.

4. Considerações finais

Neste capítulo, apresentei elementos de um estudo que revelam relação entre tempo e aspecto. Na fundamentação teórica, mostro a visão de alguns dos principais autores que se debruçaram sobre a questão do aspecto verbal. Na análise, propus formas de abordar tal questão numa perspectiva voltada para o ensino de língua portuguesa na educação básica.

Obviamente que essa análise é apenas um exemplo de como essa atividade poderia ser desenvolvida e, é claro, não esgota as possibilidades do aspecto voltado para o ensino, inclusive porque

me ative tão somente a um tipo particular de aspecto e a sua ambiguidade com o passado recente.

Os exemplos apresentados ao longo da análise entre aspecto terminativo e passado recente parecem interessantes para uma discussão de análise linguística da categoria de aspecto verbal em sala de aula do ensino básico. Essa discussão é importante porque considera não somente uma categoria gramatical como o aspecto, mas envolve ainda o tempo passado recente, em algumas relações morfossintáticas. Por exemplo, os alunos irão perceber que o aspecto verbal se apresenta, preferencialmente, em construções perifrásticas, sendo a forma de V2 sempre no infinitivo. Em outro ponto da análise, os alunos irão perceber que na análise a respeito do aspecto há relações não apenas morfossintáticas, mas também sintático-semânticas, como aquela estabelecida entre determinadas formas que expressam aspecto e certos advérbios, como mostrado anteriormente.

Outro aspecto relevante a ser considerado no tratamento da ambiguidade entre aspecto terminativo e passado recente no ensino básico é que o fenômeno da ambiguidade passa a ser observado numa situação que não é comum, como as tão frequentes observações de ambiguidades que podem ser desfeitas pela escolha adequada de pronomes relativos bem como aquelas existentes em construções nominais.

Por fim, a categoria de aspecto pode ser utilizada no ensino básico para discutir noções de *dêixis*, visto que o aspecto é uma categoria não dêitica, já que não faz referência a nenhum ponto no tempo. Diferentemente, a categoria de tempo é de natureza dêitica, pois aponta para um determinado momento, presente, passado ou futuro.

No sentido de colaborar para um tratamento da ambiguidade entre aspecto terminativo e passado recente, como possibilidade de abordagem dessas categorias no ensino da educação básica, passo a propor alguns exercícios com o intuito de ilustrar caminhos de trabalho com o tema.

Exercícios

1ª questão. Solta-me, demônio! gritava Manuel. - Meio, sossegue, se não quer que o amarre. - Tu és capaz? O peão *acabara de selar* o cavalo, que puxara para fora da ramada (José de Alencar. *O gaúcho*).

O texto acima apresenta uma ambiguidade entre tempo e aspecto, ou seja, há duas possibilidades de interpretação. Explique essa ambiguidade considerando a parte do texto destacada em itálico.
(**Resposta**): como passado recente, devemos considerar que o ato de acabar de selar o cavalo ocorreu há poucos instantes. E como aspecto terminativo devemos considerar que o evento ocorreu há um certo tempo, que impede considerá-lo como recente.

2ª questão.
(Texto 1) Cordovil pagava-lhes com alguma palavra de compaixão, que o alvissareiro adotava, e repetia, e era mais sincera naquele que neste. Enfim *acabara de padecer*; daí o desabafo. Este sentimento pegava com a piedade humana (Machado de Assis. "Marcha fúnebre").
(Texto 2) Ele saiu corrido de vergonha; mas, vendo que ninguém vinha até às portas da venda, ele voltou e se pôs a ouvir o que diziam. O mister já *acabara de contar* a história da capa, quando Alípio, em tom de comentário, dissera: - Isto que saiu daí é uma peste (Lima Barreto. *Clara dos Anjos*).

Os textos acima apresentam aspecto terminativo nas construções marcadas em itálico. Diferentemente da construção do texto da 1ª questão, aqui não há ambiguidade com passado recente. Apresente as relações sintáticas das construções de cada texto que impedem a presença da ambiguidade.
(**Resposta**): Nos exemplos acima, V1 é antecedido, respectivamente, dos adjuntos *enfim* e *já*, que indicam aspecto terminativo, ou seja, são formas que intensificam a ideia de um

evento que chegou ao ponto de término, o que impede a expressão do passado recente.

3ª questão. Ali, ao pé da cama, segurou-lhe a barra do vestido, e foi ela que *acabou de despir-se*, tirando a roupa pelo decote. Em seguida, como envergonhada, escondeu na concha das mãos os seios duros, de grandes mamilos, sempre a dizer: - Ocê é doido, ocê não tem mesmo juízo (CP, XX, Josué Montello. *A noite sobre Alcântara*, Fic, 1978).

Sabemos que uma diferença básica entre tempo e aspecto é a natureza dêitica do primeiro e a natureza não dêitica do segundo. No texto acima observe a construção destacada em itálico e explique a natureza das categorias de tempo e de aspecto de acordo com a *dêixis*.
(**Resposta**): O tempo passado expresso pela construção é de natureza dêitica, ou seja, aponta para um espaço temporal de passado. Ao passo que o aspecto, de natureza não dêitica, não aponta para tempo algum. No caso do aspecto terminativo, indica tão somente que o evento chegou ao fim.

5. Para conhecer mais sobre o tema

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar**: tense, aspect, and modality in the languages of the world. Chicago: Chicago University Press, 1994.
CASTILHO. A. T. de. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. **Alfa**, Marília, v.12, 1968.
COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspects and related problems. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português**: a categoria e sua expressão verbal. 4ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2006 [1981]. Disponível em: www.ileel.ufu.branaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_285.pdf

Referências

ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BELTRÃO, E. L. S.; GORDILHO, T. C. S. **A conquista língua portuguesa.** Ensino fundamental: anos finais, 1. ed. São Paulo: FTD, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais, Ensino Médio,** Brasília, DF, 2000.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s. Disponível em: http://www.corpusdoportugues.org, 2006.

FRANCHI, C.; NEGRÃO, E. V.; MULLER, A. L. de P. *Mas o que é mesmo gramática?* São Paulo: Parábola, 2006.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOLT, J. **Etudes d'aspect**. Acta Jutlandica, 1943.

KOCH, I. V.; ELIAS. V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. V.; ELIAS. V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2015.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

LANGACKER, R. **Concept, image and symbol**: the cognitive basis of grammar. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

LOIOLA, R. L. **Construções de aspecto terminativo e cessativo no português brasileiro**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Rio de Janeiro: UFRJ / Letras, 2018.
MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2008.
NEVES, M. H. de M. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
PONTES, E. **Verbos auxiliares em português**. Petrópolis: Vozes, 1973.
REICHENBACH, H. **Elements of Symbolic Logic**. The Free Press: New York, 1947.
SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. Trad. Antonio Chelini *et al*. São Paulo: Cultrix, 2006.
ROSÁRIO, I da C.; LOPES, M. G. (org**.). Ensino de língua portuguesa no século XXI:** pesquisa, teoria e prática. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.
SOARES, M. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
SOUZA, A. L. S.; CORTI, A. P.; MENDONÇA, M. **Letramentos no ensino médio.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Sobre as autoras e os autores

Déborah Ribeiro de Alvarenga
Mestranda em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), inicialmente com bolsa CAPES e no momento com bolsa FAPERJ Nota 10. É graduada em Licenciatura de Letras Inglês/Português também pela UFRJ. Integra os Grupos de Pesquisa dos Projetos Predicar e InCorpora, coordenados por Marcia dos Santos Machado Vieira no PPGLEV/UFRJ. Também é colaboradora no Projeto HDLinguagens. Atualmente, dedica-se ao estudo socioconstucionista de construções intensificadoras inovadoras no português brasileiro.
CV-Lattes: http://lattes.cnpq.br/0767623793966865
ORCID: https://orcid.org/0009-0006-6028-1133
E-mail: deborahralvarenga@letras.ufrj.br

Jeane Nunes da Penha
Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com bolsa da CAPES. Mestra em Língua Portuguesa pela UFRJ (2021). É Licenciada em Letras pela UFRJ, com a habilitação Português-Espanhol (2018). No âmbito acadêmico, concentra-se em estudos de Morfossintaxe sob o enfoque da Linguística Funcional-Cognitiva, da Sociolinguística e da abordagem da Gramática de Construções num viés diassistêmico da linguagem. Integra o grupo de pesquisadores dos projetos Predicar e InCorpora.
CV-Lattes: http://lattes.cnpq.br/5562543165718460
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3889-0251
E-mail: jeane.nunes@letras.ufrj.br

Lucas de Souza
Graduado em Letras – Português/Inglês pela UGB-FERP de Volta Redonda; Mestre e Doutorando em Letras Vernáculas (área de Língua Portuguesa) pela UFRJ, é professor de Língua Portuguesa e Produção Textual em escolas públicas e de Redação em Pré-Vestibular Social. Tem entre seus interesses de pesquisa: o ensino, fenômenos prosódicos-pragmáticos no Português Brasileiro e os processos cognitivos gerais na interpretação linguística dos falantes. É docente das Prefeituras Municipais de Mendes e Pinheiral e integra os grupos de pesquisa Predicar e InCorpora, além de contribuir com o projeto HDLinguagens.
CV-Lattes: http://lattes.cnpq.br/1383370143125500
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9063-3391
E-mail: professorlucasdesouza@gmail.com

Mariana Gonçalves da Costa
Mestranda em Metodologia e Técnicas Computacionais do Programa de Pós-Graduação em Informática da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui licenciatura em Letras: Português/Inglês (2022), também pela UFRJ. Atua em Processamento de Linguagem Natural com foco no estudo de expressões multipalavras a partir da interseção entre a Gramática das Construções Baseada no Uso e Modelos de Linguagem. É membro, na UFRJ, do Projeto de Extensão ReHDLinguística, do GRECO (https://sites.google.com/view/greco-ppgi-ufrj) e do HDLinguagens, e faz parte da equipe de desenvolvimento do Portal InCorpora.
CV-Lattes: http://lattes.cnpq.br/1485694235655537
ORCID: http://orcid.org/0000-0002-8088-0794
E-mail: marianag.costta@gmail.com

Marcia dos Santos Machado Vieira
Doutora e Mestre em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bacharela e licenciada em Português-

Inglês pela UFRJ, é professora de Português do Departamento de Letras Vernáculas. Antes, foi professora no Ensino Fundamental da Prefeitura do Rio de Janeiro. Está em atividade de estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Informática da UFRJ. É pesquisadora do CNPq. É Cientista do Nosso Estado da FAPERJ. Coordena: o Projeto brasileiro Predicar – Formação e expressão de predicados complexos e predicações (https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar); o Projeto Vari@R – Variações e Variedades de Línguas Românicas (https://variar.wixsite.com/variar); o Projeto brasileiro Estados de coisas em Português e em línguas românicas a variar e ensinar e o Projeto do seu Portal digital (InCorpora); o Projeto, de um pool de universidades, Humanidades Digitais e Linguagens (HDLinguagens). Coordenou, de 2021-2024, o Projeto brasileiro CAPES PrInt – Vozes e escritas nos diferentes espaços da língua portuguesa, do PPGLEV. Participa do grupo de estudos Discurso & Gramática com sede na UFRJ, que se vincula a sedes na UFF e UFRN. Foi membro da Diretoria da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa no biênio 2021-2023. Integra, desde 2014, a coordenação do Eixo 1 do GT de Sociolinguística da ANPOLL (Variação e Mudança Linguísticas). Coordenou esse GT de 2018 a 2023. Coordena a Comissão Científica da Área de Sociolinguística da ABRALIN desde 2020. Preside o Fórum Internacional de Sociolinguística, desde 2018. É membro do Comitê de Ética em Pesquisa do IESC/UFRJ e de NDE de cursos da Faculdade de Letras/UFRJ. É editora-chefe da revista científica *Diadorim: estudos linguísticos e literários* do PPGLEV. É Substituta Eventual, no biênio 2024-2026, da Direção Adjunta de Pós-Graduação da Faculdade de Letras/UFRJ. Áreas de interesse: Sociolinguística, Linguística Funcional-Cognitiva, Gramática de Construções, Ensino de Língua Portuguesa. Algumas de suas publicações estão disponíveis em: https://www.researchgate.net/profile/Marcia-Vieira-7.

CV-Lattes: http://lattes.cnpq.br/0796977308756789
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2320-5055
E-mail: marcia@letras.ufrj.br

Marcos Luiz Wiedemer
Doutor em Estudos Linguísticos (UNESP), com Doutorado sanduíche na Erfurt Universität (Erfurt-Alemanha), Mestre em Linguística (UFSC) e Licenciado em Letras-Português/Inglês (FURB). Está realizando estágio pós-doutorado na UFRJ sob a supervisão da professora Dra. Marcia dos Santos Machado Vieira. Professor Associado de Linguística na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na Faculdade de Formação de Professores (FFP). Procientista (Faperj/UERJ). Foi Coordenador Geral do PPLIN – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (2016-2018/2018-2020). É membro (pesquisador) do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (UFRJ) e do Grupo de Pesquisas Estudos Sociofuncionalistas (UFMS) e juntamente com Manuela Correia de Oliveira (UERJ) lidera o Grupo de Pesquisa "Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas" (UERJ/UESB/UFF/IFRJ/ UFRR/UFPE/). Juntamente com Marcia dos Santos Machado Vieira coordenou o GT de Sociolinguística da ANPOLL (2018-2021). Exerceu a função de Vice-Presidente da ANPOLL (2021-2023). Foi coordenador da Comissão – Linguística e Cognição – Abralin (2020-2021). Foi membro do Corpo de Embaixadores da Olimpíada Brasileira de Linguística. Coordenador do Laboratório de Formação Permanente em Letras: ações coletivas, docência e ensino (LABLETRAS/UERJ). É membro do Fórum HDLinguagens. Áreas de interesse: Gramática de Construções; Modelos Baseados no Uso; Linguística Cognitiva; Sociolinguística; Transtorno do Espectro Autista. https://www.researchgate.net/profile/Marcos-Luiz-Wiedemer
CV-Lattes: http://lattes.cnpq.br/4237755696513203
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0924-1030
E-mail: mlwiedemer@gmail.com

Natércia Almeida Lacerda
Possui graduação em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (2012), Especialização em literatura infantil e juvenil pela Universidade Federal do Rio de

Janeiro – UFRJ (2016) e Mestrado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (2018). É doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ e integra o Projeto Predicar – Formação e expressão de predicados e predicações: estabilidade, variação e mudança construcional, coordenado por Marcia dos Santos Machado Vieira. É colaboradora nos Projetos InCorpora e HDLinguagens. É professora efetiva de língua portuguesa do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), *campus* de Picos. Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFPI de Picos. É professora colaboradora da disciplina de Lusofonia no Núcleo de Tecnologias para Educação (UEMAnet), da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Tem experiência na área de Letras. Áreas de interesse: leitura, produção textual, descrição e análise linguística, com ênfase nos processos de variação e mudança linguística, especialmente o processo de mudança construcional e construcionalização.
CV-Lattes: http://lattes.cnpq.br/6751932448687156
ORCID: http://lattes.cnpq.br/6751932448687156
E-mail: almeidanatercia@letras.ufrj.br

Pâmela Fagundes Travassos
Doutora em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) no Doutorado (2019-2022). Integra o projeto Predicar – Formação e expressão de predicados e predicações: estabilidade, variação e mudança construcional, coordenado por Marcia dos Santos Machado Vieira. De março a agosto de 2021, realizou estágio de Doutorado Sanduíche (com bolsa CAPES-PrInt - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Programa Institucional de Internacionalização) na Universidade de Lille (França), no laboratório "Savoirs, Textes, Langage", sob a

supervisão do Dr. Bert Cappelle. Integra, como professora colaboradora, o Projeto VariaR – Variação em Línguas Românicas –, coordenado pelas pesquisadoras Vanessa Meireles Ferré (Université Paul Valéry - Montpellier 3) e Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ). Integra o Projeto Portal digital de estados de coisas em Português e línguas românicas a variar e ensinar, InCorpora, e o Projeto HDLinguagens. É membro do GT de Sociolinguística da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Concentra-se em estudos de Morfossintaxe à luz da abordagem da Gramática de Construções. Cursou Mestrado em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas) na UFRJ (bolsa CAPES em 2017 e bolsa FAPERJ Nota 10 em 2018). É especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui licenciatura em Letras (UFRJ), habilitação: Português-Literaturas (bolsa CNPq no período de Iniciação Científica, 2014 a 2016). É professora da rede municipal do Rio de Janeiro (SME-RJ) desde setembro de 2021. É professora substituta na UFRJ, Letras Vernáculas/Língua Portuguesa, desde abril de 2024. Algumas de suas publicações estão disponíveis em: https://www.researchgate.net/profile/Pamela-Travassos
CV-Lattes: http://lattes.cnpq.br/9943814815338406
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0683-9742
E-mail:fagundespamela@hotmail.com

Rubens Lacerda Loiola
Graduou-se em Letras/Português pela Universidade Federal do Ceará em 2002 e obteve o título de Mestre em Linguística pela mesma Universidade em 2005. Obteve o título de Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2018. Professor Adjunto IV do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí. Atualmente é coordenador de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Curso de Letras da UESPI de Floriano. Atua de forma contínua no desenvolvimento e execução de projetos do Programa

Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Membro do Comitê Científico do Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Piauí. Membro do Comitê Científico do 1º Congresso PREDICAR 20 ANOS, ocorrido em 2022. Membro do Comitê Científico dos Programas Institucionais PIBID e RP/UESPI. Membro colaborador do Projeto HDLinguagens. Tem experiência no ensino de disciplinas como Fonética e Fonologia, Morfologia do português, Introdução à linguística, História da língua portuguesa e Estágios supervisionados. Áreas de interesse: aquisição, desenvolvimento e processamento da linguagem, descrição e análise linguística, com ênfase nos processos de variação e mudança linguística, especialmente os processos de construcionalização e mudança construcional, ensino de língua portuguesa, ensino de literatura, especialmente a literatura infantojuvenil e literaturas africanas e afro-brasileiras e indígenas.
CV-Lattes: https://lattes.cnpq.br/4392212338701924
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8306-8585
E-mail: rubenslacerda@frn.uespi.br

"Nós de Morfossintaxe: primeiro fio da meada" surge como uma contribuição fundamental para o campo da Linguística e, por sua vez, para o ensino de Língua Portuguesa, congregando as análises perspicazes de diversos pesquisadores da área de Letras e Linguística.

Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)

Pedro & João Editores
pedrojoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-2047-5